

*Minha
Esposa*

JANICE DINIZ





Minha Esposa
**ESPOSA DE
ALUGUEL - 2**
Janice Diniz

PERIGOSAS NACIONAIS

Capa: Licença de imagem concedida por © iStock – Getty Images

Copyright© 2019 Janice Diniz

Reservados os direitos de propriedade desta edição e obra para Janice Diniz. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento da autora.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a Autora](#)

[Redes Sociais](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Melissa estava ferrada. Dali a poucos minutos teria que ler a sua redação e enfrentar a turma de mais de oitenta alunos do pré-vestibular.

O professor de Redação era um advogado aposentado, um tipo sisudo e exigente. Fazia questão do uso correto da colocação dos pronomes, bem daquele jeito que ninguém falava.

O seu estômago se contraiu quando o sessentão com cara de mau perguntou:

— Quem ainda não se manifestou?

Ok, fica quieta, não respira, te encolhe na cadeira, isso não é com você.

— Vai, Melissa! — Um filho da puta falou bem alto ao seu lado.

Rodrigo, aos dezessete anos, era o palhaço da turma. Ele estudava para passar no vestibular de Medicina Veterinária, era filho e neto de fazendeiros, o dinheiro garantido para a sua geração e a próxima. Portanto, dava-se ao direito de ser livre, leve e louco.

Mas, naquele momento, Melissa queria ter um relho para riscar a carinha sacana dele.

— Senhorita. — disse o professor, sentado à beira da escrivaninha, vestido na camisa e calça sociais, o cabelo branco bem penteado, o rosto de expressão mal-humorada.

Vixe, que cabra mais chato! Fiz a redação em meio à bagunça de duas crianças gritando, rindo, arrotando e soltando pum!

— Ok, vamos lá.

Melissa olhou para o papel onde escreveu dez linhas de um texto dissertativo sobre “a publicidade infantil na televisão brasileira”. Até chegar a sua vez, ela ouviu os colegas lerem as suas e lhe pareceram sérias demais, era como se todas tivessem sido escritas pelo locutor de A Voz do Brasil.

— Por que ainda tá sentada? Leia em voz alta para os seus colegas.

— Oh, desculpa, tudo bem... — Corou violentamente, pondo-se de pé. E, nervosa, deu-se o problema de sempre, que era abrir a boca e deixar vir: — Na verdade, não tá tudo bem. O meu filho fez cocô muito mole hoje, não como um Nescau, a

energia que dá gosto, mais pastoso, sabe? Meti o dedo na fralda e ele veio lambuzado de chocolatinho fedido. Mas sabe como é mãe, né? A gente se preocupa se o cocô tá mole, tá duro, tá líquido, tá verde, tá marrom, se tem sangue, lombriga, milho demais, moedas, essas coisas. — Riu sem jeito, encolhendo os ombros.

Silêncio na sala de aula.

O professor a fitava por de trás dos óculos como se estivesse diante de um extraterrestre fêmea de vestido e botas de vaqueira.

— Bem, vou ler a merda aqui. Opa, falei merda, desculpa, eu não falo palavrão, as crianças aprendem rápido esse tipo de putaria. Ops, putaria é palavrão também, né? Bom, então vou começar a ler. — Pigarreou, pegou firme o papel e disparou: — “Sou contra a publicidade infantil na televisão, pois nem todo mundo pode comprar uma criança...”

E foi assim que ela se encaminhou rapidinho para a nota zero.

— Achei a sua redação bastante original. —

disse Rodrigo, caminhando ao seu lado enquanto se dirigiam para a saída do prédio do pré-vestibular Camões.

— Você podia ter ficado de boca fechada. Sou pequena, sento atrás de uma garota de dois metros, tinha tudo pra passar batida, mas você tinha que dar o ar da sua graça.

— Ô bicho do mato, precisa perder a timidez. — Ele riu, pouco se importando com a bronca dela. — Se quer saber, terá de apresentar trabalhos na frente de todos quando chegar à faculdade.

— Isso se eu passar no vestibular.

— Seja positiva, Mel.

— Aham, sei. Você coça o saco o dia inteiro, enquanto eu cuido dos meus dois filhos e ajudo as meninas na cozinha. E ainda tenho o meu marido ganhão pra dar conta.

— Eu não coço nada, o meu dia também é difícil. — Reclamou.

— Mentiroso. — Riu-se.

— Acha que é fácil acordar ao meio-dia e encarar uma piscina olímpica antes do almoço? Bate aquele soninho depois e aí eu tenho que voltar

a dormir. Como faço para estudar, me diz, com uma vida dessas? — Fez cara de coitado.

O garoto era a versão morena e jovem de Zac Efron e, além disso, tinha a autoconfiança dos bem-nascidos.

— Não devia dizer essas coisas por aí, vão pensar que você é um riquinho idiota.

— E eu sou, ora.

— Esse é o seu marketing pessoal? — Franziu o cenho, analisando-o criticamente.

— Aham, e funciona pra caramba. Tô te seduzindo? — Ergueu uma sobrancelha de modo teatral.

— Com certeza, tô toda seduzida. — Ela debochou, balançando a cabeça em negativo. — Se por acaso, você não entrar na faculdade este ano, receberá alguma punição da sua família?

Ele fez uma careta como se não tivesse a compreendido. Por um momento, pareceu analisar a pergunta, apertou a boca, levou o dedo ao queixo, em suma, fez cara de rapaz sério.

Até que falou:

— Pelo que me lembro vagamente do que o meu pai disse... Bem, se eu passar, vou ganhar um

PERIGOSAS NACIONAIS

Porsche. — Pôs as mãos na cintura e a expressão do seu rosto agora era de zombaria quando a fitou: — Mas se eu, desgraçadamente, não entrar na faculdade, uma picape enfeitará a minha vaga da garagem de casa, a porcaria de um veículo de caipira.

— Picape caindo aos pedaços, espero.

— Rogando praga, dona Melissa? Uma Hilux, ora. — disse, de modo afetado. — Sou o príncipe daquele reino, filho único de pais workaholics com sentimento de culpa. Posso tudo, nenê. — Piscou o olho pra ela.

— Vi isso num filme, esse seu perfil psicológico.

— Em Cinderela? — Sorriu, com charme.

— Não, era sobre um psicopata que come carne humana.

Rodrigo fez cara de nojo e depois riu.

— Sei o que é isso, ontem comi uma stripper. — Em seguida, ele olhou significativamente para a picape que estacionou junto ao meio-fio da calçada: — Papai Sante chegou.

— Ele ainda vai te dar um soco na cara. —

PERIGOSAS ACHERON

disse Melissa, descendo a escada em direção ao marido que acabava sair do veículo.

— Minha cara tá esperando o soco dele, ora. Por que ainda não deu? — Riu como um malandro que era.

— Porque ele pensa que você é *afrossexual*. — respondeu, por cima do ombro.

— Um o quê?

— Ah, diabo, me confundi. — Virou-se e o encarou com cara de tacho: — Um homossexual, um homem que gosta de homem, de rola, pinto, pau, canudo, piru, berinjala, piroca, caralho, pomba, anaconda, bilau, pica, pinto...

— Hmm, interessante, teve aula de anatomia hoje?

Ela sentiu um espasmo na barriga ao ouvir a voz de Sante.

— Por Deus, quer me matar do coração?

Antes que ele respondesse, ela desceu dois degraus e pulou nos braços dele. Sante a pegou por baixo do traseiro, e Melissa lhe enrodilhou a cintura com as pernas e o abraçou no pescoço.

— Você parece uma colegial com essa mochila nas costas. — Ele disse, sorrindo com os

olhos.

— A colegial fez mais uma besteira.

— Esqueceu de novo o dinheiro do lanche?

— Ah, não, isso só aconteceu uma vez. Comida, pra mim, é algo sagrado. — Beijou-o na boca e depois continuou: — Tirei zero na redação.

— É mesmo? E o que muda na sua vida? — Alçou a sobrancelha de modo interrogativo. — Você sabe que é inteligente, mas não é perfeita. Precisa pegar mais pesado com os estudos, só isso.

— Óin, você faz parecer tudo tão fácil. — Resmungou, deitando a cabeça no ombro dele.

— Porque é fácil, Mel.

— Então diz isso para os meus dois neurônios.

— Tá cansada. São onze horas da noite, e você tá de pé desde às sete por causa da criançada.

— A voz dele era tão carinhosa, que ela o abraçou com mais força enquanto era levada para a picape.

— Será que consegue se soltar um pouco de mim?

— Sou o teu chaveiro.

— Bem que podia ser, queria te levar no cóis do jeans, bem perto do meu pau.

— Eu não ia tirar a minha boca dele.

Sante a beijou, enfiando a língua e sugando a dela num beijo selvagem.

Sentiu a mão debaixo do vestido, afastando o fundilho da calcinha para bolinar o clitóris com a ponta de dois dedos, o ar escapou da boca num gemido baixinho.

— Quero que relaxe depois da aula, Mel. — disse ele, numa voz arrastada, sentando-a no banco do motorista.

Ele se inclinou para frente, diante dela e baixou a alça do vestido, tomando o bico do seio entre o céu da boca e a língua, sugando-o num vagar narcotizante. Instintivamente, Melissa afastou as pernas para os dedos masculinos trabalharem na sua boceta.

— Daqui a pouco todas as turmas do cursinho vão sair... — Ela falou baixinho, atirando os braços para trás, oferecendo-lhe os seios.

Sante deslizou os lábios entreabertos pelo contorno do pescoço dela até alcançar o lóbulo da orelha e mordiscá-lo com os dentes frontais.

— Então se concentre em gozar. — Sussurrou, enfiando dois dedos na entrada dela, o polegar lhe massageava o botão túrgido, que pulsou

PERIGOSAS NACIONAIS

e doeu uma dor boa.

— Não entendo por que não te prendem, Sante.

Ele riu com a boca colada à bochecha dela. Depois sugou o seu lábio inferior, lambeu-o com a ponta da língua e se afastou apenas para perguntar com ar divertido:

— Me prender?

Por entre as pálpebras semicerradas, com o sangue fervendo nas veias enquanto ele continuava numa masturbação firme e ritmada, choramingou de prazer em meio à respiração ofegante.

— Sim... por ser tesudo demais. É crime. — Arqueou a coluna pra cima ao sentir a ferroadada do orgasmo, que molhou os dedos do marido enterrados bem fundo no seu sexo.

Num segundo, foi beijada apaixonadamente, a mão enganchada na nuca dela aprofundou a carícia sexual, um beijo duro e agressivo, já que ele próprio não se extravasara.

Ao se afastarem, Melissa sentiu sua boca inchada e dolorida e se maravilhou ao vê-lo trêmulo de excitação, transpirando na testa, o rosto corado, as pálpebras semicerradas toldando os

PERIGOSAS ACHERON

olhos azuis num tom mais escuro.

Ele precisava foder, ejacular, morrer e voltar à vida dentro dela. Mas era impossível transar na picape estacionada diante de uma escola prestes a despejar um monte de gente na calçada.

Melissa foi para o banco do carona, o corpo tremendo, a respiração descompassada. Aumentou o ar-condicionado da cabine e ao mesmo tempo se abanou com as mãos. Escorregou os olhos para a ereção avantajada apertada contra o jeans.

— Pobre pau enjaulado. — Ela lamentou, esticando a mão para acariciá-lo.

— Não toca nele se não vai usá-lo. — Sante foi curto e grosso.

— Tá zangado?

— Sim. Tô zangado comigo, que começo as coisas e não termino. — Retesou os maxilares. — Minhas bolas estão doendo, e essa calça apertada tá matando o meu pau.

— A calça não é apertada, não. Você tem é um caralho bem grande, garoto. — Arregalou os olhos, apontando para a região genital dele.

— Moleca. — Lançou-lhe um olhar malicioso e estendeu-lhe o braço. — Vem aqui,

PERIGOSAS NACIONAIS

aproveita para cochilar nos braços do seu bruto.

Ela se aconchegou junto ao peito dele, suspirou profundamente enquanto mergulhava no rio morno, de águas perfumadas que a levava cada vez mais à escuridão do sono.

Fingiu que dormia quando Sante a pegou no colo e a levou até o quarto, deitando-a na cama.

Quando ele foi para o banheiro, pensou em tirar a roupa e esperá-lo para fazerem um sexo bem selvagem. Mas, cansada, novamente adormeceu.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Melissa acordou nua, debaixo do lençol, com o cabelo todo pra frente do rosto. Ainda estava sonolenta quando viu Sante sair do banheiro, ajustando o cinto no cóis do jeans, o cabelo úmido do banho recente, a fragrância deliciosa da colônia amadeirada.

— São cinco da matina, volta a dormir. As feras ainda não acordaram. — Ele piscou o olho pra ela, endereçando-lhe um sorriso.

— Vai pra lida?

— Sim, temos que terminar os últimos detalhes do estábulo com piso emborrachado para fazer a transferência dos cavalos para lá.

— Soube que tem cliente novo alugando as baias. — falou, sentando na cama e ajeitando cabelo.

— Uma competidora de rodeio, o Murilo sabe mais a respeito. — disse, desinteressado.

— O que acha de terminar o que começamos ontem? — Endereçou-lhe um olhar de pálpebras semicerradas.

— Me parece uma ótima ideia. — Rebateu, olhando-a com ar sacana ao começar a baixar o zíper do jeans. O gesto de tirar a calça, no entanto, foi interrompido quando o celular vibrou. — Ah, porra, quem tá me enchendo a essa hora?

— O Jerônimo e a Brenda não têm celular, então não atende e vem me cobrir de forma rude, bruto.

— É o Murilo, preciso atender. — disse, com o semblante sério.

Por mais que ele fosse um excelente marido, o lado fazendeiro jamais cedia espaço para os seus outros papéis. Sabia que era amada, mas a fazenda jamais seria negligenciada. Às vezes, Melissa sentia que inconscientemente competia com o Rancho e Haras Ferrari, embora também o amasse. Ou talvez ela fosse mais imatura do que pensava.

Viu-o se postar à janela, franzir o cenho ao ouvir o treinador do outro lado da ligação e depois declarar:

— O Túlio? — Ele massageou a têmpora num gesto de preocupação e continuou: — O que tá acontecendo com esse cabra? A cada dois dias se mete em briga e volta todo fodido! Isso não é o

comportamento que eu espero de um dos meus sócios. Como vai trabalhar se passa o dia de ressaca? Que apronte no domingo depois da missa, e não em dia de semana.

Quando Sante encerrou a conversa, Melissa já estava atenta ao seu lado.

— Por que o Túlio brigou?

— O mesmo motivo de sempre, anda mexendo com a mulher dos outros. — Crispou os lábios.

— A gente tem que arranjar uma cabrita pra ele, o cara tá no cio e não sabe.

— Se fosse só isso, eu não me preocuparia. — disse ele, encaminhando-se para a porta.

— O que é então?

Sante se voltou para falar com o semblante tenso.

— Ele foi a vida inteira peão, duro de pobre, sem nenhuma ambição na vida. E, de repente, recebe uma puta herança, se torna fazendeiro e perde completamente o bom senso. Sei como o cabra era antes, trabalhava tanto e em todos os lugares que acabava se tornando invisível pra mim, como o vento, sabe? Sopra por tudo e a gente não o

PERIGOSAS NACIONAIS

vê.

— Nossa, que coisa linda você falou.

Ele foi até ela e tomou seu rosto entre as mãos.

— Acha que tô parecendo o moralista John Smith?

— De jeito nenhum. Você tá igualzinho ao Sante Ferrari, um cara que trabalha demais da conta e se dedica às suas terras com a seriedade merecida.

— Acho que o Túlio tá deslumbrado com o fato de ser patrão. Serei obrigado a lhe dar um choque de realidade.

— Oh, meu Deus, cuida pra não queimar o hõmi, tá?

— Por acaso, acha que vou eletrocutar um ser humano? — Franziu o cenho, sondando-a com o olhar desconfiado.

Ela sorriu sem graça, encolhendo os ombros.

— Choque, né?

— Quis dizer que vou assustá-lo. — Ele puxou o lençol que estava em volta do corpo dela e a abraçou, erguendo-a do chão: — O dia será puxado, mas prometo cobri-la de modo rude boa parte da noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A maciez dos pelos da barba lhe roçaram no pescoço enquanto as mãos lhe acariciaram as nádegas poucos antes de receber uma boa palmada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Túlio não torrou todo o dinheiro da herança recebida de um parente distante. No final das contas, metade da fazenda foi dividida entre ele e os outros peões, cabendo-lhe a parte majoritária, o que significava que Sante e ele não eram sócios igualitários. O fazendeiro jamais perderia o domínio das suas terras.

Quando Sante entrou na casa de tijolo à vista com um jardim malcuidado, encontrou Murilo o esperando na sala.

O treinador tragava com vontade o cigarro, segurando uma caneca de alumínio com café preto.

— Todo mundo tem problemas. — Sante dispensou o protocolo dos cumprimentos e foi direto ao ponto, encarando o peão atirado no sofá, exibindo um corte na testa, a camisa por cima da calça, o jeans sujo. Havia um odor de álcool pelo ambiente. — E um dos seus é a postura desleixada para com as suas responsabilidades profissionais. Entenda, Túlio, que você não é mais um simples

peão; é um fazendeiro e meu sócio. E como posso contar com um beerrão briguento pra tocar os negócios, me diz?

— Desse jeito, a gente vai pedir o teu impeachment. — disse Murilo, sorrindo com deboche.

Túlio sentou no sofá e fez uma careta de dor.

— Foi uma briguinha à-toa, sr. Ferrari. — Tentou se justificar.

— Faz tempo que escuto a mesma desculpa. Eu preciso que volte a ser o cabra de cabeça arejada que pegava no pesado. Ultimamente não posso contar com você pra porra nenhuma, ou tá na cadeia, ou tá bêbado na casa de uma desconhecida.

— Talvez eu precise de férias. — disse Túlio.

— Ou talvez eu compre a sua parte de volta. — Rebateu Sante, com rispidez.

— O crédito com o banco tá liberado. — Interveio o treinador. — A gente pega um empréstimo e põe o cachaceiro aí pra correr.

— Aqui é a minha casa, ô Murilo. Vou correr é daqui para o estábulo e depois pro celeiro, mas não arreda pé da propriedade. — O vaqueiro

garantiu, parecendo irritado.

— Esse seu amor ao lar é da boca pra fora.

— É, não, sr. Ferrari.

— O dinheiro da herança te fez mal, cabra.

— Começou o fazendeiro, levando as mãos aos quadris. — Tem gente que perde a cabeça quando fica pobre, e outros, quando se enchem de grana. É o seu caso. Tá fazendo uma merda atrás da outra desde que despejaram dinheiro na sua conta bancária sem que você fizesse o mínimo de esforço pra merecê-lo.

— Quero me divertir, só isso. — Ele resmungou.

— Todo mundo se diverte por aqui, só que sabemos como fazer isso sem atrapalhar os negócios, Túlio. — disse Murilo.

Sante lançou um rápido olhar para o treinador e, antes de sair para o alpendre, falou:

— Dá uma xícara de café sem açúcar pro diabo.

— Deixa comigo, patrão.

A paciência que ele tinha para lidar com gente irresponsável era limitada, muito limitada. Se Túlio não fosse o seu sócio na fazenda, estaria

agora no olho da rua.

Quando aceitou a sociedade com o funcionário, mal sabia que o comportamento dele mudaria e, além disso, não conhecia esse lado da sua personalidade, o de beerrão e briguento. A bem da verdade, tinha plena consciência de que Túlio era um mulherengo, aliás, como boa parte da peonada. Mas a mania de se meter com mulher comprometida parecia mais uma desculpa para brigar.

Sante suspirou, profundamente, arando o cabelo com os dedos.

Paulão apeou do cavalo e se aproximou gingando o quadril de caubói marrento.

— Depois sou eu o bandido, né?

— O Túlio tava na delegacia, mas você frequentou um presídio. Acho que tem diferença, não é mesmo? — Sante foi seco.

— Assediaram as minhas partes íntimas, patrão. Eu tinha que defender o meu corpo, ora. Mas, no caso do Túlio *Maravilha*, foi ele quem assediou as partes íntimas dos outros. — falou, bem sério.

Aquele assunto já tinha rendido prosa inútil

demaís, considerou Sante.

— Tá tudo pronto no estábulo novo?

— O Tonho, o Zeca e eu terminamos o que faltava ontem à noite, e agora é só transferirmos os campeões pra casa nova.

— Certo, vamos para lá agora. — Decidiu, ajeitando o Stetson preto e gasto.

O novo estábulo era uma construção em tijolo à vista na forma de U cujas portas de entrada eram de madeira de demolição, assim como as janelas externas das vinte e oito baias de 4 x 4 metros. O teto forrado com tábuas de itaúba, ampliando a altura do pé direito, e parede vazada entre as baias.

O lugar era amplo, cercado pelo bosque de árvores antigas e altas, as copas largas oferecendo uma boa sombra e adornando o ambiente no suave planalto distante seis ou sete minutos da casa-sede do rancho.

Percebeu a presença de Paulão ao seu lado, introspectivo, parecendo admirar a beleza da nova

casa dos Quarto de Milha do RHF.

— Nossos animais merecem o melhor. — Começou Sante, notando o olhar de orgulho de Paulão. — O agronegócio do cavalo movimentava bilhões de reais todos os anos em circulação de dinheiro e receitas fiscais no Brasil, além de empregar milhares de pessoas. Mas não é apenas isso que move um criador de cavalos. É a paixão e a identificação com o animal e, no meu caso em particular, com a raça Quarto de Milha, que é inteligente, sensível, agressivo e competitivo.

— Eta, me lembra uma mulher que tive, doce e amarga, bruta e princesa, gostosa e tirana, traidora e corna, que saudade da desgraçada. — Paulão juntou saliva na boca e a cuspiu num jato no chão. Ajeitou o chapéu e falou: — O que o senhor achou do estrado de borracha? Chique demais da conta, não?

Sante entrou no corredor que separava os dois grupos de baias.

— O piso de borracha drena automaticamente o mijo do cavalo. — Continuou o vaqueiro, apontando para o mesmo lugar em que o patrão olhava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é excelente, já que evita o acúmulo da umidade das camas feitas com serragem e assim os cascos do cavalo ficam mais saudáveis. Além disso, minimiza os vapores de amônia.

— Verdade. O técnico da fábrica que pôs o piso de borracha me falou que ele reduz também a quantidade de pernilongo. Esses insetos do capeta estressam muito os cavalos.

— As baias agora ficarão mais limpas do que com a serragem e o feno. — Esclareceu Sante.

Ele afastou a porta de madeira de uma das baias e entrou, confirmando para si mesmo que o tamanho era apropriado e confortável para o animal.

— É o melhor estábulo da região. — Paulão enfiou os polegares no cóis do jeans. O camarada era encorpado feito um búfalo, usava barba, tinha um ar de zombaria que o perseguia até mesmo nas horas mais impróprias, quando Sante, por exemplo, lhe dava uma bronca daquelas.

Aos trinta e poucos anos, Paulo Victor Valentini dizia que nasceu com a zombaria grudada no canto dos olhos e com a vontade de meter uma bala na cabeça de quem o desrespeitava. Conduto,

PERIGOSAS ACHERON

até então, era o caubói mais ajuizado que Sante conhecia.

Era possível que o tempo cumprindo pena o tivesse corrigido. Embora o que se sabia por aí era que o desacato à autoridade aconteceu depois de ele ajudar um amigo a roubar um carro.

— E a nova cliente, a competidora? — Sante perguntou, analisando as instalações.

— Ah, a pestinha do José Almeida?

— Como? — fitou-o, curioso.

— O senhor não sabe? Quem vai alugar uma das baias é a Daniela Almeida, a garota com cinco mil parafusos a menos na cabeça. É melhor pegar o pagamento do aluguel da baia adiantado, patrão, há rumores de que o pai será preso por não pagar imposto.

— Droga, o Almeida é gente boa.

— Pois é, mas não paga imposto. — Repetiu, arqueando as sobrancelhas de modo significativo.

— O imposto deveria ser revertido para a educação, a saúde e a segurança, um setor mais negligenciado que o outro. — falou Sante, criticamente.

— Bom, mas não é, os políticos cagam pro

PERIGOSAS NACIONAIS

povo. — Deu de ombros, resignado.

— Ainda assim, cuida disso, Paulão, e cobra adiantado da garota.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

“As células eucariontes têm estruturas complexas, formadas por membranas internas, citoesqueleto e um núcleo. Exemplos: animais, fungos, plantas e protistas”.

Melissa leu em voz alta a ficha de cartolina na qual escreveu o que tinha de memorizar. Biologia, Química, Matemática, Física, Inglês e Geografia não eram o seu forte. Bem, sobravam então Português, que era complicado pra caramba; História, muito texto pra decorar; Literatura, afff, que parecia uma revista de fofocas sobre escritores e Redação, cuja nota mais alta que recebeu do professor malvado foi um enorme “quatro”, isso que a avaliação era de zero a dez.

Suspirou profundamente, releu a ficha e repetiu o conteúdo pra si mesma, de olhos fechados, tentando memorizá-lo.

“As células procariontes não contêm núcleo e outras organelas ligadas à membra. Exemplos: seres unicelulares, como algas cianofíceas, algas azuis e micoplasmas”.

— *Céula eunonte é dos animal, e céula pocanonte é dos mico, mãe. Já decolou, vamo blincá!*

Brenda decorou a matéria que ela não conseguia enfiar dentro da cabeça!

A miniatura feminina de Sante havia pulado do berço e descido até a sala. As marias-chiquinhas estavam tortas e boa parte do cabelo cor de fogo solta dos elásticos coloridos. Ela ainda usava fralda e se recusava a vestir roupa por cima. Passava então o dia inteiro descalça, descabelada, falando sem parar, gargalhando e chorando na mesma medida. A semelhança com o pai se restringia à aparência, mas em nada em relação à personalidade contida do fazendeiro.

A garotinha era um furacão.

— O combinado é você dormir até às cinco.

— Que *hola* é?

— Ho-ra. Repete.

— *Hola*. — Fez uma careta, franzindo o nariz. — Que *hola, caceite!*

— O que o papai falou sobre os palavrões, hein?

— Não *alembro*. — Ela olhou para o lado

quando teve a atenção capturada pelo passarinho que pousou no peitoril da janela.

Avoada, esperta, carinhosa. Todas essas palavras eram como setas que indicavam a personalidade da garotinha.

— Não pode falar palavrão, ok? E volta para o quarto, ainda tenho direito a duas horas de sossego pra estudar. Daqui a pouco o seu irmão também acorda. — Brenda encarava o passarinho e o semblante dela parecia o de um gato à espreita da presa. — Nem pensa em aprontar com o bichinho. — Alertou-a.

— *Quelo assustá ele, o abostado.*

— É abestado.

Nossa, tô subindo na vida! Antes me corrigiam, e agora tô corrigindo alguém. Ok, esse alguém não tem nem três anos de idade, mas tudo bem, é um ser humano, tá valendo.

— *Vô pegá ele na mão.* — Correu em direção à janela.

O passarinho era mais rápido que a baixinha e voou antes de se tornar refém dela.

— Puta *paliu!*

— Brenda, por favor!

Melissa se forçava uma atitude sensata ao educar a enteada, colocava-se no lugar da mãe biológica de Brenda que, se estivesse viva, seria uma mulher adulta e madura. A bem da verdade, ela achava graça dos palavrões da menina, do jeito moleque dela e das brincadeiras brutas, mesmo quando sobrava para Jerônimo. Bom, às vezes o bebê era vítima de boladas na barriga ou na testa ou de abraços longos e apertados que o irritava a ponto de ele tentar morder a irmã com a gengiva.

Ela tinha um filho que era a sua cara, mas a personalidade lembrava demais a de Sante. Jerônimo era um casca-grossa de pavio curto que não baixava a cabeça para a sua irmã mais velha, mais alta, mais gorda e mais doida e com ímpetos de *dominadora*. Definitivamente, ele não se deixava dominar por ninguém.

— O *passalinho* avoou, mãe! — Apontou para a janela aberta.

— Sorte do passarinho.

— *Vô atlas* dele.

— Não, vai dormir...

Lá se foi a menina correndo porta afóra atrás do passarinho que voava o mais longe possível de

sua predadora de fralda.

Suspirou, resignada, voltando a atenção para a apostila do cursinho. Precisava terminar de fazer os exercícios de Biologia, depois os de Matemática e Física e, por último, reescrever a maldita redação. O professor lhe disse para pesquisar melhor sobre o assunto, pois ela havia interpretado o tema de forma distorcida. Como assim de forma distorcida? Ele apenas a olhou sem responder, e era como se lhe dissesse com os olhos: *minha resposta é óbvia*.

Nada era óbvio para Melissa. O que uns viam, ela mal enxergava. O que outros entendiam, ela mal prestava atenção.

E foi por isso que demorou a ouvir o choro do filho.

— Merda!

Adeus estudos.

Magnólia estava na cidade fazendo as compras do mês junto com o Murilo e o Zeca. E Veridiana folgava na parte da tarde, já que voltava à cozinha para fazer o jantar. Bianca somente limpava o casarão pela manhã. Então Melissa se encontrava sozinha com os filhos pequenos e um mundaréu de matéria para estudar pouco antes do

início das aulas, as sete e pouco da noite.

O seu Ensino Médio foi péssimo, e não por tê-lo cursado em uma escola pública, e sim porque ela não estudava, colava pra diabo, tinha uma péssima memória e não via utilidade em aprender besteirada como equação do segundo grau, oração subordinada, genes dominantes e recessivos e o resto tudo.

Subiu até o quarto que Jerônimo dividia com Brenda e pegou-o do berço. O bebê a abraçou com força, soluçando, como se não a visse havia duzentos anos.

— Meu amorzinho, mamãe chegou. — Beijou-o nas pálpebras molhadas de lágrimas.

Ele se aninhou junto à dobra do pescoço dela e suspirou profundamente ainda trêmulo por causa do choro.

Levou-o consigo para a cozinha a fim de aquecer as mamadeiras dos dois. Brenda só aceitava o copo quando a bebida era suco ou água. Assim como era difícil tirar-lhe a fralda, o mesmo acontecia com a mamadeira. E, desde a chegada de Jerônimo, a coisa ia de mal a pior nesse setor. Ela se tornou mais chorona, cheia de vontades, mimada

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo. Por outro lado, também se desenvolveu mais rápido, começou a falar do dia pra noite, a prestar atenção em tudo e, muitas vezes, parecia que analisava os adultos. Além disso, o senso de humor da ruivinha era no mínimo diferente. Ela ria de tombos e quedas de adultos, de coisas quebrando, de briga entre cachorros, ou quando via cavalo defecando no meio do caminho e os peões não viam o cocô e pisavam com tudo nele. Achava graça também de quando Magnólia escorregava depois de Bianca encerrar a casa e gargalhava ao receber uma bronca do pai. O que o irritava, e fazia com que Melissa interviesse, pegando a pequena no colo e a levando para o alpendre até passar a sua crise de risos. Elas então riam juntas até quase se mijarem.

Voltou à sala e sentou no sofá, ajeitando Jerônimo no colo para lhe dar a mamadeira.

Como um cachorro farejando cheiro de comida no ar, Brenda entrou correndo em casa sem um dos elásticos no cabelo, então parecia que ela tinha a cabeça torta sem a maria-chiquinha.

— Cadê? Cadê? Cadê?

— A sua mamadeira tá na mesa da cozinha.

PERIGOSAS ACHERON

Ela foi buscá-la e, ao retornar à sala, subiu no sofá e ficou de pé, inclinando a bundinha para trás, descendo o corpo até se jogar sobre Melissa. Por pouco a garota não sentou na cabeça do irmão.

— Meu *lugá, caceite*. — Reclamou, deitando a cabeça no ombro da mãe.

Agora Melissa tinha dois bebês no colo, cada um com metade do corpo no sofá. Beijou-os nos cabelos, sentindo-se em paz e plena. A maternidade era uma loucura de altos e baixos, de preocupação e orgulho, de profundo amor.

Ter se tornado a babá de Brenda a fez amadurecer e se preocupar com outra pessoa que não fosse ela própria. O fato da menina ser órfã de mãe a tocou profundamente, essa era a sua realidade e a de Sante. Havia decidido então preencher tal lacuna na vida da garotinha. Só não sabia o quanto Brenda preencheria o seu coração de tanto amor.

O nascimento de Jerônimo apenas confirmou o que Melissa aprendeu com Brenda, que nasceu para ser mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Sante entrou com a camisa úmida de suor e o cabelo desgrenhado.

— Cheguei na hora do lanche. — Ele comentou, sentando ao lado do filho. — O que acha de me passar um deles?

Ao ouvir o comentário do pai, Brenda se virou, jogando o peso do corpo inteiro em cima de Melissa. Esse era o indicativo da sua preferência em ficar no colo da mãe.

Sante assimilou o movimento da filha e, olhando para a esposa de modo significativo, tomou-lhe Jerônimo para si. O bebê esticou a mãozinha para tocar no queixo do pai.

— Tá sozinha em casa? — Ele perguntou a Melissa, depois de beijar a palma da mão do filho.

— Não, tô com os meus bebês. — Fez graça.

— Onde estão as ajudantes? — Vasculhou com os olhos o ambiente como se a arrumadeira e a governanta estivessem escondidas de trás dos móveis.

— Ocupadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você também tá ocupada. — Ele constatou, olhando para a mesa e o tapete com canetas, apostilas e cadernos esparramados. — Como vai dar conta das provas do vestibular tendo que parar toda hora pra cuidar das crianças?

— Dou conta.

Ela sabia aonde ele queria chegar.

— Se dá conta, como diz, por que suas notas foram tão baixas nos últimos simulados das provas? — questionou-a com o olhar severo.

— Burrice, Sante, é isso.

— Jamais me casaria com uma mulher burra. Se quer saber, tá me ofendendo também.

— Ai, meu Deus, não tá cansado, não? Vai tomar um banho e trocar de roupa, que irei te preparar um lanchinho. — Tentou desconversar.

Ele a olhou com dureza.

— Aceita que precisa de ajuda. Você é uma só e tá querendo abraçar o mundo.

— Nada disso, eu só estudo e cuido de duas crianças. — Defendeu-se. — A maioria das mulheres casadas trabalha, estuda, limpa a casa e cuida dos filhos.

— Mulheres que aceitam se sobrecarregar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tarefas, que acreditam que são capazes de fazer mil coisas ao mesmo tempo, ignorando que podem atingir um nível altíssimo de esgotamento mental e emocional.

— Mulheres comuns, Sante. — Ponderou. — Algumas convivem com homens que dividem as tarefas com elas, como você faz. Então não tenho motivo para reclamar. — Fez um carinho no rosto dele.

— Tá se iludindo. Eu mal paro em casa, trabalho feito um condenado e somente às vezes consigo cuidar dos nossos filhos. É você quem segura essa parada. Só que não acho certo isso. É impossível que consiga estudar um monte de matéria, como se as visse pela primeira vez, e ainda ser mãe de dois.

— O que quer dizer com isso?

— Já falei a respeito.

— Ah, não, nada disso. — Balançou a cabeça em negativo.

— E qual é o problema? Você já foi a babá da Brenda, agora precisamos de uma babá de verdade.

— Certo, então eu era uma babá de

PERIGOSAS ACHERON

mentirinha?

— Você entendeu, Melissa. — disse, impaciente.

— Entendi nada. Eu fui sim a babá da Brenda, mas logo de cara você veio com o seu plano maluco de esposa de aluguel e depois me levou pra cama... e pro celeiro... e colocou um plug na minha bunda. — Declarou, indignada.

— *Plu-guê! Plu-guê! Plu-guê!*

— Cala a boca, Brenda. — Sante ralhou com a filha, que empurrou a mamadeira para o sofá.

— Não a manda calar a boca, ela não é um dos seus peões.

— Alguém aqui tem de estabelecer limites para as crianças, e tenho certeza de que não é você.

— Ah, tá. — Melissa zombou.

— Podemos contratar uma babá para cuidar deles apenas no período da tarde enquanto estuda. — Ele pareceu amenizar o tom da voz.

— *Plu-guê! Plu-guê! Plu-guê!*

— Para de falar isso, Brenda. — Sante exasperou-se.

E, para variar, a ruivinha começou a rir dele.

— Ela nem sabe do que tá rindo. — Melissa

defendeu a garotinha.

— Não me importo que ela ria da minha cara, não precisa bancar a advogada dela. A questão é entre nós dois. — Suspirou, demonstrando cansaço. — Antes de nos casarmos, você me disse que queria estudar e, depois de formada, trabalhar, ter uma vida somente sua. E eu concordo com você. Não vou foder o nosso casamento e, se queimar etapas da sua vida, isso fatalmente acontecerá. Já vivi os meus vinte e poucos anos, e você mal chegou aos seus. Não quero enfiada em casa cuidando de filho... Quero vê-la feliz realizando os seus sonhos. — Os olhos azuis brilhavam ao fitá-la.

— Eu sei, amor.

— É pa-pai o nome dele. — Interveio Brenda, pegando o rosto de Melissa entre as mãos. — *Óia pla mim...É pa-pa-í, o balbudo.*

Ela teve que apertar a boca e olhar para um ponto qualquer da sala que não fosse o rosto travesso da ruivinha. Por Deus, não podia rir da palhaça bem na hora que o marido testava a sua autoridade materna.

Respirou fundo e afastou as mãos da menina

da sua face.

— O que acha de brincar na pracinha?

Brenda a fitou, pensativa, e depois olhou para Sante.

— Não *quelo*.

— O papai e eu precisamos conversar, tá?

Ela os encarou, novamente, de um para o outro, parecendo desconfiada.

— *Vô ficá*. — Apertou as mãozinhas em cada orelha. — *Óia*, tô cega!

— Surda, amor. — Corrigiu-a Melissa.

Sante fez o filho arrotar e depois o colocou sentado no tapete.

— *Cóin- cola*. — Balbuciou Jerônimo.

— Se você tivesse apenas um bebê para cuidar...

— Eu não seria uma mãe completa. — Ela interrompeu Sante. — Vou estudar e cuidar dos meus filhos. E, mais tarde, irei trabalhar e continuar cuidando dos meus filhos. Não sou uma adolescente irresponsável.

— Não, não é, mas também não é uma mulher com superpoderes. — Ele se virou totalmente para ela, demonstrando a seriedade do PERIGOSAS ACHERON

assunto. — Pensa uma coisa comigo. Se não passar no vestibular da universidade local, a única opção será a de uma cidade a quatro horas de viagem daqui. E isso significa que somente voltará para casa nos finais de semana. É inviável que passe oito horas na estrada entre ida e volta, entende? Quero que estude para que fique com a gente, Mel. — falou, numa voz carinhosa.

— Não quero estudar longe de casa.

Sante a puxou para o seu colo e a abraçou com força.

— Sei disso, moleca.

— Quero muito entrar na faculdade, mas não vou ficar sem vocês. Prefiro então desistir de estudar. — Afirmou, convicta.

— Se fizer isso, colocando-nos nessa posição, eu não vou me sentir bem. — Ela se afastou para fitá-lo e ele esclareceu: — Mais pra frente, você vai se arrepender de não ter investido numa carreira profissional. As crianças crescerão e sairão de casa, terão as suas próprias vidas. E você vai se sentir vazia e perdida. Veja bem, eu tenho a fazenda e a minha potranquinha. — Ele a beijou suavemente nos lábios antes de continuar: — Mas e

PERIGOSAS NACIONAIS

você? Além das crianças e de mim... o que já fez por si mesma?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

— O pessoal vai se reunir no salão country. Vem com a gente?

Eles ainda estavam na sala depois de terminar a última aula da noite. O professor de Biologia se mandou antes dos alunos, parecia que também tinha compromisso para a noite de sexta.

Melissa colocou a apostila no bolsão de pano, estilo hippie, considerando o convite de Rodrigo.

— O Sante vem me pegar.

— E daí?

— Ele trabalhou o dia inteiro, tá cansado.

— Então diz para o caubói voltar pra casa. A Drica tem carro, ninguém vai ficar a pé.

— Acho que não é hora de desviar a atenção dos estudos, falta pouco para o vestibular.

— Ei, tem muita gente que acaba pirando na hora da prova, esquece tudo, dá um apagão e se fode mesmo sabendo toda matéria. O cérebro precisa relaxar de vez em quando.

— Ainda assim, tenho os meus bebês me

PERIGOSAS ACHERON

esperando em casa, portanto...

— E a babá deles? — Interrompeu-a — Minha mãe se gaba de nunca ter trocado as minhas fraldas.

— E hoje, quem troca as suas fraldas?

— Minhas amantes, sua lesa.

— Olha, fraldinha, eu já me diverti bastante antes do Jerônimo nascer. Se quer saber, fui até pra Roma.

— Tá brincando? Lugar de velho!

— Foi lá a minha lua de mel. — Melissa franziu o cenho, não compreendendo o motivo da observação dele.

Eles estavam na calçada. Rodrigo esperava os demais colegas para seguirem juntos ao salão country, e Melissa aguardava Sante.

Ela deu uma olhada no relógio de pulso, notando que o marido estava atrasado.

— Acho que ele tá com a outra. — Zombou Rodrigo.

— A outra do Sante é uma égua, tá para parir, o veterinário tava na fazenda com ele.

— Ah, claro, o camarada é criador de cavalos. Coisa mais sem graça. — Bocejou alto.

— O seu pai também é fazendeiro. —
Acusou-o.

— Muito interessante a comparação feita entre o meu pai e o seu marido. Sabe o que significa, né? — Ela fez que não com a cabeça, e ele continuou: — Que você vê o seu marido coroa como um pai.

Melissa revirou os olhos.

— Tô falando sério. — Insistiu o rapaz — O cara podia ser o seu pai, te traz e te busca da escolinha, dá mesada e manda um vaqueiro te escoltar pela cidade. Aliás, a senhorita já tem idade pra dirigir, mas não tem carteira...

— Ai, ô Geraldine com bilau, cala a boca! — Reclamou, bufando alto.

— Tá, tudo bem, a Geraldine cala a boca. Mas só por curiosidade juvenil: o que viu no barbudo?

Ela o encarou bem fundo nos olhos.

— Um amigo, um amor e um pau bem grande. E o dia que alguém enfiar um plug no seu rabinho, você vai viciar e jamais terá olhos para outra pessoa. — Foi cínica, mas também sincera.

As bochechas de Rodrigo ficaram vermelhas,

e Melissa não o poupou de uma gargalhada.

— Eu devia ter ficado de boca fechada. — Resmungou, olhando-a como se a visse pela primeira vez.

— Não mexe comigo, *boy*, tenho bala na agulha. — Brincou.

Sante parou a picape e não saiu de trás do volante. Melissa então a contornou e parou ao lado da janela aberta do motorista. Aspirou o cheiro de homem limpo, notando o cabelo úmido penteado e a barba aparada.

— Tá lindo, marido.

— Tomei banho. — Sorriu, com ar divertido.

— Cheiroso e gostoso. — Ela o farejou imitando um cachorro. — Tá muito cansado?

Ela viu os sulcos profundos debaixo dos olhos dele e as marcas das rugas mais acentuadas.

— O que quer? — Sondou-a.

— É que o pessoal vai para o salão country... — Deu de ombros. — Mas se tá cansado, a gente volta pra casa.

Ele olhou para frente como se ponderasse a respeito.

— Quer que eu a deixe no salão country? —

Voltou-se para lhe perguntar.

— Ah, bem... Não pensei nisso... — Ficou sem jeito.

— São os seus colegas, não? — Ele indicou com o olhar os três que conversavam na calçada.

— Sim. — Sentiu-se na obrigação de consertar um mal-entendido. — O Rodrigo não é gay. — Ele pareceu não assimilar o que ela disse, então repetiu: — Sei que pensa que ele é gay, mas não é.

— Que Rodrigo?

— Aquele ali ó, que fica comigo até você chegar.

— Fica?

— Opa, não é ficar de *ficando*, pelo amor! É o ficar de esperar-na-calçada-até-você-chegar.

— Entendi. Mas o que tem a ver o seu colega não ser gay com o salão country?

Putá merda! Como eu consigo me enrolar tanto?

— É que talvez você venha a saber que ele não é gay e foi para o salão country comigo.

— E daí?

— Sou casada, né? E com você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não vai direto ao ponto?

Melissa respirou fundo.

— Eu queria dar uma passada no salão country, tomar uns drinques com os meus amigos e com você. Sei que eu devia só estudar e não me distrair com biritá, me sinto culpada por isso, mas tem um lado meu que quer demais uma farra.

— Sei. Aí você se enrola toda e acaba dando a entender que se preocupa com o fato de que o seu colega bonitão seja hétero e que eu possa pensar que os dois estão de caso. — Ele falou sério, embora desse para notar um ar de divertimento no canto das pálpebras.

— Pois é. — Mordeu o lábio inferior, insegura. — Sou fiel, viu?

— Melissa, eu sei quem você é. — Foi taxativo.

— Morro de ciúme de você. Como pode ser tão seguro? Não sei ser assim, acho sempre que vai aparecer uma cabritinha aloprada e te tomar de mim, não sou mais uma novidade. — Fez manha.

— Para com isso, sra. Ferrari.

— É verdade, Sante.

— Entra, que nós vamos tomar umas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cervejas com os seus amigos. — Piscou o olho pra ela.

Melissa correu até a porta do passageiro e entrou, esticando meio corpo para beijá-lo na boca.

— Tava torcendo pra que me acompanhasse.

— Vou avisar a Magnólia pra ficar de olho nas crianças. Sorte dela que já estão dormindo. — Ele ligou para casa e, antes de falar com a governanta, olhou-a por cima do ombro e confessou: — Não sinto ciúme dos peixinhos que te cercam, minha atenção tá concentrada é nos tubarões, como o Leonardo Albuquerque, por exemplo.

— Que bobo, só tenho olhos para o senhor, patrão. — Lançou-lhe um olhar de devoção.

— Sei que sim, mas os fazendeiros quarentões também só têm olhos para você. — Ele colocou uma mecha do cabelo dela para de trás da orelha, acariciou-lhe a bochecha com o dorso da mão e, depois, voltou-se para frente ao falar com a governanta.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Drica olhava para Sante como uma fã de Crepúsculo olharia para Robert Pattinson. Acontecia apenas que a garota de 17 anos era filha de fazendeiro, assim como Rodrigo, convivia com terras, cavalos, gado e peão, nada lhe era novidade... a não ser um ruivo maduro, sexy, bonito e, quando queria, adorável.

Eles se acomodaram em torno da mesa. Melissa e Drica se sentaram de frente para o sofá comprido onde estavam Sante, Rodrigo e o seu primo, Renan, de 19 anos. O último tentava pela terceira vez entrar no curso de Medicina.

O lugar estava lotado, como se esperava para uma sexta-feira, um mar de chapéus no ambiente de paredes de tijolo sem reboco com pôsteres dos rodeios da região. O bar dividia espaço com as diversas mesas e, ao fundo, a área do touro mecânico. As garçonetes, vestidas sensualmente de cowgirls, serviam os clientes de modo a não deixar os copos vazios. Elas usavam camisetas coladas, decotes generosos e jeans apertados rasgados nos

PERIGOSAS NACIONAIS

joelhos. Uma delas deu especial atenção a Sante, e Melissa pensou na bosta que era ter um marido bonito.

Sante estendeu a mão, por cima da mesa, e entrelaçaram-se os dedos.

— O meu pai também tem um Quarto de Milha. É essa a raça do seu haras, né? — Rodrigo comentou, puxando conversa com Sante.

— Sim. — respondeu o fazendeiro, paquerando ostensivamente a sua esposa.

Melissa piscou o olho pra ele.

— A minha mãe cria o Puro Sangue Inglês. — disse Drica — Na verdade, o haras era do meu pai, ela só tocou adiante.

— Eles se divorciaram? — Rodrigo, o fuxiqueiro, perguntou.

— Deus os *divorciou*, chamando o meu pai para o descanso eterno, amém. — respondeu, num tom de cinismo triste.

— Que merda. — falou Renan — O meu pai também tá no descanso eterno, só que o da maconha. Plantou tanta erva pra fumar que nem sabe mais em que dimensão vive.

— O tio é um barato.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, ele não incomoda ninguém, tá sempre debaixo de uma árvore curtindo o vento morno e Elvis Presley. Mas um dia a polícia vai bater na fazenda e acabar com o sossego do velho. — Deu de ombros, despreocupado.

— Até parece. A polícia faz vista grossa para os fazendeiros. — Zombou Rodrigo.

A garçonete morena voltou para anotar os pedidos.

Melissa estava com uma vontade doida de beber champanhe, mas aquele era um lugar rústico, embora tudo fosse caro, e dificilmente teria uma bebida fresca.

Sante se voltou para a garçonete.

— Traz um uísque caubói e uma garrafa de champanhe. — Virou-se para a esposa com ar sacana. — A noite promete, não é mesmo?

Como ele a conhecia! Essa parte do amor, do relacionamento entre um homem e uma mulher que se amavam, a de um conhecer o outro, era o verdadeiro elo que os vinculava.

Melissa inclinou-se por cima da mesa para beijá-lo na boca.

— E os demais? — A garçonete fez a

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta num tom azedo.

É, minha querida, esse bruto já foi laçado!

Os três se olharam como se combinassem o pedido de modo telepático. E, como saíam juntos havia algum tempo, Renan sabia o que pedir por todos.

— Tequila pra *nóis*! — Brincou, fingindo um sotaque caipira.

— Depois de abastecer o tanque, vou pegar aquele touro pelos chifres. — Rodrigo apontou para o equipamento mecânico que acabava de derrubar uma garota no chão.

— EI, TOCA UM SERTANEJO AÍ! — gritou Renan, para o cara do som.

— Não arranja confusão, o povo só curte country americano e folk.

— Drica, tamo no Brasil, quero ouvir música verde e amarela! — Argumentou Renan, de pé, olhando novamente para o cara do som. — TOCA RAUL!

Rodrigo caiu na gargalhada. Melissa balançou a cabeça, imaginando o que Sante pensava dos seus colegas malucos. Mas ele digitava algo no celular, o semblante sério e distante.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem com a Cristina Maria?

Ele deixou a égua parindo nas mãos do veterinário e, ainda assim, parecia com a cabeça longe, mais precisamente na baia onde ocorria o parto.

— Ei, tudo bem? — Repetiu.

— É o que vou saber. — disse, com o celular à orelha. — Quando saí, estava tudo ok. — Esfregou os olhos demonstrando cansaço.

O certo era voltarem para a fazenda. Aquele homem estava visivelmente exausto do trabalho. Sante acordava antes do amanhecer e dormia tarde. Fumava demais, não se alimentava bem e já alcançava os 47 anos, quase 50. Era forte como um touro, isso era verdade, esbanjava saúde, vitalidade e um corpo esculpido na musculatura rija de trabalhador braçal. Mas ele desafiava a boa genética com maus hábitos, e Melissa pretendia colocá-lo nos eixos.

— Vamos pra casa, amor.

Ele fez que não com a cabeça e, em seguida, falou ao celular:

— Murilo, o veterinário ainda tá por aí? Como? Não entendi. Espera um pouco... — Sante

PERIGOSAS NACIONAIS

se levantou. — Não dá pra ouvir nada com essa barulhada. Já volto.

— Tá, tudo bem.

Viu-o sair por entre as mesas a caminho do hall que antecedia o bar.

A garçonete deixou as bebidas e caiu fora.

Renan serviu os shots de tequila para os amigos, que começaram a virar um atrás do outro em questão de segundos.

A garrafa de champanhe estava fechada, enfiada no balde de gelo de inox. Melissa soltou a rolha e encheu a taça. Sorveu o líquido borbulhante com o mesmo prazer de sempre.

— Temos uma amiga perua. — Debochou Rodrigo.

— Esposa de fazendeiro é assim. — Foi a vez de Drica falar, emborcando em seguida mais um shot. — É ardido e é bom demais!

— Posso prever o futuro da esposa *teen* do fazendeiro. — Começou Renan, olhando para Melissa com ar zombeteiro. — Antes dos trinta, vai colocar silicone nos peitos, depois Botox na testa e colágeno nos beijos. Só vai fazer compras em Nova Iorque e Paris, uma dondoca caipira. Ou...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem, será uma esposa *raiz* de fazendeiro, que engordará de tanto fazer biscoitos, queijos e porcarias na cozinha, ninguém entende mais do que ela o que a sua família gosta de comer, terá um cargo na igreja e outro num clube de velhas, seja o do bordado ou o de gastronomia. Voltará a estudar, mas agora será algo como o “reaproveitamento do lixo orgânico” e, nos finais de ano, irá viajar com a família para a Flórida.

— Enquanto você banca a cigana do cu invertido, eu tomo o meu champanhe. — disse Melissa, com a maior calma do mundo.

Rodrigo riu alto, batendo com a mão nas costas do primo.

— Tomou nas guampas, vagabundo Nutella.

— E aí, Mel, tá preparada para se tornar uma futura agrônoma? — Perguntou Drica.

— Mais ou menos. Acho que essa profissão é demais pra mim, sabe? Às vezes eu tenho a impressão de que sou uma sonhadora, tipo... sei lá, não sei como falar.

— A gente entra numa faculdade para aprender e não para lembrar o que já sabemos. Todo mundo começa do zero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é, Drica, mas outro dia falei pro Rodrigo que tava com vontade de trabalhar com o melhoramento genético da bicharada e o tosco riu da minha cara.

— Por que riu dela, seu inútil?

— Cara, olha pra ela. — Rodrigo desandou a rir. — Um troço importante desses nas mãos da Melissa vai virar uma história tipo a do Frankenstein. Imagina a moça misturando os genes, se confundindo e colocando nos bichos errados! — Gargalhou, deitando a cabeça pra trás. — O que vai ter de aberração por aí, touro misturado com bode, vaca com égua... Coelho com tartaruga...

Ele ria tanto que já não conseguia mais falar.

— Sou meio atrapalhada, sei disso, mas vou ter muito cuidado na hora de usar o liquidificador. — Defendeu-se.

Foi então que os três quase desmaiaram de tanto rir.

— Certo, riam, mas riam pra minha bunda. — Levantou-se, erguendo o dedo médio e o mostrando para os colegas.

Porém, antes que chegasse ao corredor que a levaria até onde Sante estava ao telefone, foi pega

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no colo. Rodrigo a jogou por cima do ombro como um saco de batata e a carregou consigo na direção oposta.

— O que tá fazendo? — Deu um tapão no traseiro dele. — Me solta, sua praga!

Foi a vez de ele lhe dar um tapa no traseiro protegido pelo jeans.

— Vou te soltar no lombo do touro, ô muié de fazendeiro! Quero te ver dominando o bicho. E vê se não cai, apostei 100 paus na peoa!

— Não! Me larga! Tô fora dessas apostas de idiotas! — Bateu nas costas dele.

— De jeito nenhum! Eu não perco uma aposta! Só tem que ficar cinco segundos no touro nem precisam ser oito.

— Me solta! Me solta agora!

O desespero era como um bicho a devorando por dentro. A caminho da área do equipamento mecânico, serpenteando por entre as mesas, Rodrigo estava decidido a colocá-la na montaria do touro. Ela não montava nem na cerca da fazenda. O pavor da queda do cavalo, anos atrás, voltou à tona acabando com os seus nervos. O problema não era o animal, mas a possibilidade de cair de novo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda sentia vividamente a sensação da queda, o choque contra o solo e a terrível dor no braço.

Jamais voltaria a montar e não importava se o animal era de carne e osso ou de engrenagens.

Havia uma pequena torcida ao redor do touro. Aquele pessoal não estava ali para se confraternizar com os amigos, o negócio deles era encher a cara e montar no bicho mecânico.

— Não pode me obrigar a montar...

— Vou te deixar bem em cima do touro, e o cabra vai colocar ele pra rebolar, dona covarde. — Riu-se.

— Pelo amor de Deus! Me larga!

Era apenas uma brincadeira e, racionalmente, ela sabia disso. Montar num equipamento, um brinquedo, nada demais. Contudo, Melissa revivia o passado em duas circunstâncias: o trauma da queda do cavalo e o dia em que soube da morte dos pais. Em ambos os casos sentiu dor física e emocional e descobriu cedo demais que a morte era como o vento que soprava a chama da vida sem se importar em espalhar a escuridão.

O medo a atingiu no nível máximo.

PERIGOSAS ACHERON

Desesperada, ela começou a espernear. Por entre as lágrimas viu as pessoas apontarem na sua direção, a maioria parecia não entender a sua exagerada objeção ao touro mecânico; outros riam. Ninguém lhe era solidário.

Foi então que tudo mudou.

Capítulo 8

Ela se agarrou ao touro mecânico, os olhos bem fechados, o corpo todo tremendo. Não podia mais saltar de cima do lombo do bicho. Nervosa e apavorada, molhou o jeans, e as pessoas veriam a nódoa de urina entre as suas coxas.

Melissa esperou o primeiro solavanco da máquina. Apertou a boca, doeu os molares. Segurou o ar nos pulmões, tentando se dissociar do próprio corpo. Não era ela que estava ali; era outra pessoa.

Até que ouviu o som seco da batida forte de uma mão na lateral do equipamento e a voz rude se elevar em direção ao rapaz que manipulava o touro.

— Se acionar essa porra, eu te arrebento. — A voz de Sante saiu grossa de irritação.

Melissa ergueu a cabeça e viu o semblante de quem estava prestes a explodir.

Assim que ele se certificou de que o funcionário cumpriria a sua determinação, retirou a esposa do touro.

— Fiz xixi na calça. — Sussurrou, PERIGOSAS ACHERON

escondendo o rosto entre as mãos.

Sante a pegou no colo como fazia com Brenda, a mão debaixo do traseiro dela e a protegeu dos olhares dos curiosos.

— Vamos para casa, Mel.

— Tenho medo de montar.

— Eu sei, e a culpa é minha.

— Não quero montar.

— Tudo tem o seu tempo.

Ela se abraçou ao pescoço dele.

— Sou louca, ninguém faz escândalo por causa disso. — A autopiedade a corroía.

— Você tem um trauma, não se compare aos outros. Já disse que é única.

Beijou-o na bochecha, sentindo-se protegida e amada. O que a fazia se sentir com mais pena de si mesma. Queria ser normal. Incomodava-a ter uma personalidade estranha, a falta de cultura, o excesso de distração, o uso errado das palavras, o medo de montar, de ficar longe da sua família, de perder Sante.

— Quero ser diferente, quero dizer, normal.

Ele abriu a porta da picape e a deixou no banco do passageiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se decidir não ser única, me avisa, ok? Quero me preparar para uma vida entediante.

— Não nasci para fazer o povo rir.

— Prefere nos fazer chorar? — Arqueou uma sobrancelha com ironia. — Entenda que você não nasceu para os outros, e sim para si mesma. Muitas mulheres passaram pela minha vida, inclusive antes de você nascer, e nunca conheci alguém tão interessante, imprevisível e adorável como a minha potranquinha. — Ele tomou-lhe o rosto entre as suas mãos e a beijou profundamente.

— Você mudou a minha vida pra melhor, Sante.

Ele sorriu, acariciando-lhe a face.

— E você é a minha vida, Melissa. — Rebateu, piscando o olho pra ela. Depois, falou: — Esqueci o meu isqueiro na mesa, vou lá buscar e já volto.

Quinze minutos depois, ele voltou fumando e fitando a mão direita enquanto fazia movimentos de abrir e fechar o punho como se relaxasse a musculatura.

— Bateu em alguém? — perguntou, preocupada.

PERIGOSAS ACHERON

Sante fechou a porta e jogou o resto do cigarro pela janela. Acionou o ar-condicionado e mexeu no som, pondo “*Wicked Game*”, de *Stone Sour*, para rodar.

— Pode apostar que sim.

— Eu avisei o Rodrigo. — Murmurou, deitando a cabeça no encosto do banco, fitando o marido.

Ele segurou o volante com as duas mãos como se estivesse com o pescoço do rapaz entre elas. Os maxilares retesados e o olhar maligno mostravam a sua faceta sombria, da criança rejeitada pelos pais biológicos, abusada emocionalmente pelos pais adotivos, do homem que precisou lutar e sobreviver contando apenas consigo mesmo.

Sante se virou para encará-la quando os acordes musicais cederam à voz do cantor.

"The world was on fire and no one could save me but you/Strange what desire will make foolish people do."

"And I never dreamed that I'd meet somebody like you"/"And I never dreamed that

I'd lose somebody like you..."

"O mundo estava pegando fogo e ninguém poderia me salvar, além de você/Estranho o que o desejo faz as pessoas tolas fazerem.

"E eu nunca sonhei que eu conheceria alguém como você/E eu nunca sonhei que eu perderia alguém como você..."

— Você tá bem, Mel?

— Agora, sim. Me perdoa por ser covarde? Sei que não gosta de pessoas fracas.

— Peça desculpas a si mesma.

Ela baixou a cabeça, magoada. Ele a salvou, mas não a confortaria.

— O responsável pelo meu trauma é você.
— Contra-atacou.

— Sim, é verdade. Portanto, serei eu quem a irei curar.

— Não vou montar. — Foi incisiva.

— Tudo bem, mas as aulas de montaria da Brenda começarão amanhã. — disse, com estudada naturalidade.

Melissa sentiu o estômago queimar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela é um bebê! Nada disso.

— Tá decidido, Mel.

— Eu também decido, é a minha filha. — disse, com rispidez.

— Mas não fui eu quem decidiu. — Ele a fitou rapidamente antes de voltar a atenção para a estrada. — Ela mesma me pediu pra aprender a montar. É normal, tá no sangue da filha de um criador de cavalos. — Dava pra notar o orgulho no tom de sua voz, o queixo chegou até a se erguer de modo arrogante e superior.

Era uma causa vencida, Melissa pensou, afundando no banco, angustiada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

O champagne, o medo de quase ser obrigada a montar, a briga com Sante a caminho de casa, a vergonha do xixi no jeans, tudo isso a deprimiu.

Postou-se debaixo da ducha sem tirar a roupa nem as sandálias. A água encharcou o corpo imóvel e entorpecido.

Os sentimentos se misturavam numa sucessão de desgostos. Ela era a piada entre os amigos e talvez de toda a turma do cursinho, a excêntrica, a distraída, a burra. Como teve coragem de imaginar que poderia passar no vestibular para Agronomia, um curso difícil, se graduar e depois se tornar agrônoma, especializada em melhoramento genético? Era como esperar que um chimpanzé criasse um sistema operacional para computadores.

Ela sabia os seus limites intelectuais e sempre os respeitou. Casar-se com Sante e acompanhá-lo nas estratégias de sucesso do haras, levou-a a acreditar que também conseguiria ir além. Acontecia que Sante era um homem inteligente, e Melissa se considerava apenas uma sonhadora.

Baixou a cabeça e permitiu que a torrente d'água relaxasse a musculatura do pescoço e ombros.

Chorou baixinho. Sentia que não podia confiar em si mesma, tão deslocada que era do modo como os outros viviam e viam o mundo. Riam dela desde a sua infância. Apontavam-na como uma esquisitona de outro planeta. Por outro lado, agora não pensava só em si. Duas crianças dependiam dela. E se preocupava demais com a ideia de Brenda ter aulas de equitação. Ela era pequena, gordinha, tinha pernas curtas, ossos frágeis... Precisaria apenas de uma simples queda para se machucar.

Brenda adorava cavalos, desde que se conhecia por gente. Sante tinha razão, estava no seu DNA. Seria então uma crueldade tentar impedi-la de fazer o que queria.

A porta de correr do boxe foi aberta, ela sabia quem era, não levantou a cabeça.

— Ficou com preguiça de se despir? — Parecia uma brincadeira, mas ele falava sério.

— Tava esperando você mandar em mim, como faz com todos dessa casa. — respondeu, com

PERIGOSAS NACIONAIS

amargor.

— Não tô mandando a Brenda aprender a cavalgar. — disse, serenamente. — Ela me pediu.

— Você consegue tudo que quer. — falou, baixinho, sem condições emocionais para lhe sustentar o olhar.

— Porque pelo menos eu sei o que quero. — Rebateu, abrindo o zíper do jeans dela. — Terá de me ajudar a tirar suas roupas encharcadas.

Ela suspirou e ergueu os braços para que ele lhe retirasse a blusa. Não usava sutiã, então o próximo passo foi lhe baixar a calça e a lingerie.

Sante estava nu quando a puxou para debaixo da ducha. Não a beijou nem a abraçou.

— Eu também sei o que quero. — Melissa estava decidida a não se curvar a ele.

— O que quer?

Ele ensaboou a própria mão e a deslizou pelo pescoço dela, nos ombros e em cada braço. Continuou no mesmo movimento, agora, de modo circular em um seio e, depois, em outro.

— Quero... — Engoliu em seco quando teve o ventre acariciado da mesma forma. — Por favor, espera a Brenda crescer mais um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— As pessoas que nascem em fazendas montam desde os dois anos de idade e, às vezes, pouco antes disso. Parece até que você se esqueceu de onde veio.

— Bom, o que posso dizer se você sempre tem argumentos para derrubar os meus?

— Isso a irrita?

— Me magoa.

— Não seja tão sensível. — Ele estreitou as pálpebras de modo irônico.

No instante seguinte, ele a virou de frente para a parede azulejada e lhe afastou as pernas com as suas. A mão grande lhe ergueu uma das coxas, e ela sentiu quando ele flexionou os próprios joelhos.

Sante meteu fundo, por trás na boceta, mas devagar, se enterrando de modo que ela sentisse cada pedaço do pau enquanto trazia a cintura dela em sua direção.

Melissa esmagou a bochecha contra o azulejo frio da parede, sentindo as estocadas fortes dilatando o buraco da sua entrada. Os músculos vaginais se contraíram em torno da ereção avantajada.

A perna que lhe sustentava o corpo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estremeceu e ela temeu que falhasse. Sante então a virou para si e a pegou por baixo do traseiro, erguendo-a acima da própria cintura e a empalando no pau grande e duro. Ela se deliciou ao senti-lo friccionar o clitóris com a glândula no movimento de vaivém que quase puxava todo pênis para fora. Era sexy demais sentir a maciez dos pelos pubianos dele lhe roçando no monte de Vênus raspado e a força dos seus braços içando-a e a escorregando ao longo do diâmetro do pau.

— Por favooor.

— Me diz o que quer, Melissa. — A rouquidão da voz se misturou à respiração ofegante.

— Quero que acabe comigo. — Implorou, agarrando-se nos ombros dele. — Acaba comigo me comendo com violência.

Ele a manteve no colo e empurrou a porta do boxe para o lado. Colocou-a de pé diante da privada com a tampa fechada.

— Se inclina e empina o rabo.

Obedeceu-lhe, postando-se numa posição de submissão. Afastou as pernas, inclinou meio corpo para baixo, sustentando-o com os braços esticados.

PERIGOSAS ACHERON

Sentiu as mãos de Sante agarrá-la na cintura, um dedo correu pela racha molhada e lhe separou os lábios da vagina. Ela gemeu alto, o cabelo lhe caiu no rosto e a água do banho pingou dos bicos dos seios.

— Vou meter fundo, minha putinha. — Rosnou, puxando-a para si ao se enfiar dentro dela. — Entrou tudo. Tá sentindo o meu pau te comendo? Diabos, que gostosa, que bocetinha gostosa.

Ela foi golpeada diversas vezes, o corpo empurrado pra frente e puxado para trás. Em dado momento, Sante abandonou a cintura para se apossar dos ombros dela, cavalgando-a por trás, socando e socando e socando o pau grosso na entrada rosada e úmida que cedia à brutalidade do ato.

Sante a pegou pelo cabelo numa mecha só e a puxou para trás, arqueando a cintura dela e a penetrando mais uma vez de modo agressivo e dominador.

— Vou gozar! — Ela gritou em meio ao prazer.

Ele bateu dentro dela com selvageria, o barulho do atrito das carnes úmidas ressoava pelo

banheiro. E, ao ejacular, retirou-se a tempo de encharcar com o seu leite espesso e quente o ânus dela.

— Você gosta de dar o cu pra mim?

— Muito, é todo seu. — Gemeu, apertando os olhos com força ao sentir a ardência da primeira investida.

— Que delícia, tá bem molhado com a minha porra. Vou comer esse rabinho até me fartar.

Ela estava de quatro, de costas para ele, então teve de virar a cabeça para o lado a fim de admirar o rosto de Sante inchado de tesão.

Melissa sentiu as bolas batendo contra as suas nádegas ao mesmo tempo que era duramente golpeada no rabo. Ele entrava e saía, entrava e saía, dois dedos a masturbavam na boceta, e ele seguia entrando e saindo com o pau a fodendo no cu.

O coração de Melissa parecia esmurrar as costelas, a garganta seca, pois respirava pela boca entreaberta, o zumbido nos ouvidos denunciando a hipotensão.

Os seios chacoalhavam no ritmo intenso das investidas, o cabelo caía-lhe na face, os gemidos explodiam no ar em tons de súplicas por mais, mais

e mais. Ela se virou apenas para ver os músculos das coxas masculinas se contraírem no galope em busca do prazer.

Ele a segurou contra o corpo e parou, o pau desapareceu dentro dela. As mãos masculinas espalmadas em seus ombros, puxando-a para trás enquanto se enfiava no buraco apertado e quente e, agora, encharcado de sêmen.

Sante estremeceu o corpo ao ejacular dentro dela.

Capítulo 10

Eles tomaram banho juntos, como era de hábito todas as noites. Abraçaram-se e se beijaram debaixo da ducha. A calma depois do sexo, o sentimento de posse e pertinência os envolviam como uma segunda pele.

Sante a secou demoradamente, cada parte do corpo dela, o contorno da cintura, o vão entre as pernas, os cumes, os vales, a planície enxuta do ventre e a carne macia do mamilo que, em seguida, foi preso entre os lábios dele, sugado pela língua, molhado da saliva morna.

Levou-a para o quarto e a deixou entre a cama e a cômoda.

— Fica aqui. — Ordenou.

Ela estava nua, a pele úmida e arrepiada por causa do sopro do vento refrescante que parecia abraçá-la ao entrar pela janela aberta.

A luz da lua se jogava para o interior do quarto iluminado pela lâmpada alaranjada do abajur na mesinha de cabeceira.

Ele saiu, e ela pôde ouvir o som metálico da chave girar na fechadura. Deixou-a novamente presa no quarto à sua espera. Melissa considerou provocá-lo dessa vez, não o poupar de sair impune.

Foi até a cômoda e retirou um par de meias de algodão, a estampa semelhante a uma melancia aberta, a polpa vermelha e as sementinhas, a barra verde presa à metade das coxas. E para fazer jus à fantasia de ninfeta, prendeu o cabelo num par de marias-chiquinhas.

Antes que Sante retornasse, voltou rapidamente à posição em que fora deixada.

— Pelo visto, não me obedeceu. — disse ele, depois de vestir o robe preto e fechar a porta atrás de si.

Ela segurou o ar nos pulmões, pois sabia o que lhe aconteceria quando bancava a garota rebelde.

— Me perdoa, patrão. Por favor, não me castiga com a sua vara longa e má... quero dizer, me castiga, eu mereço. — Fez uma voz de gata manhosa.

— Certamente será punida, garotinha travessa de meias safadas. — Ele deslizou o dedo

médio no espaço estreito entre as nádegas dela, pra cima e pra baixo numa suave pressão.

— Que delícia...

Ele enfiou um dedo no cu e outro na boceta. Ela arqueou o corpo, gemendo baixinho. Os joelhos fracos, o clitóris pulsando e doendo, os ouvidos zumbindo.

— Quero que se masturbe pra mim. — Sante mandou numa voz baixinha junto ao ouvido dela.

Quero. Faça. Ordeno. Obedeça.

Ela escorregou a mão para entre as pernas e lhe obedeceu, sentindo a umidade do sexo na ponta dos dedos. Friccionou o botão intumescido com força num ritmo cadenciado enquanto Sante a excitava enfiando e tirando simultaneamente os dedos indicadores dos buracos dela.

Melissa pendeu meio corpo pra frente, engolida por uma onda de fogo que quase a derrubou.

— Vou gozar. — Balbuciou, transpirando por todos os poros.

—Acha mesmo que seria assim, tão fácil? — Ele retirou os dedos de dentro dela e mordeu-lhe de leve o pescoço antes de continuar numa voz do

mais puro cinismo: — Entenda que para se alcançar o topo da montanha sagrada temos que a escalar de joelhos.

Ele se afastou e, no minuto seguinte, “*Sex on Fire*” tocou no Ipod.

— Posso me virar?

— Ainda não. — Ela ouvia o som típico de ele se movimentando atrás dela, abrindo uma gaveta, remexendo-a e a fechando com suavidade, a madeira deslizando no trilho para o interior do móvel. — Confia em mim?

— Amo e confio.

— Não tô falando de amor. — Foi seco — Vou perguntar de novo... Confia em mim?

Ela estremeceu de ansiedade.

— Sim, confio.

— Agora então vou vendá-la. — Ele a pegou no colo, e Melissa deixou escapar um gritinho de susto.

Deitou-a na cama com cuidado. Ela sentiu a textura áspera da corda em torno dos seus pulsos e assimilou que os teria presos na grade da cabeceira. Soltou a respiração por entre os lábios entreabertos, a expectativa do que viria a seguir a excitava

sobremaneira.

Ele a chupou nos bicos, um seio e depois outro, bem devagar e firme, batendo a língua na ponta da carne macia.

Instintivamente Melissa puxou os braços das cordas, queria se soltar para enterrar os dedos nos cabelos dele e empurrá-lo para baixo, ansiava pela língua larga e gostosa a lambendo na boceta.

Os seios foram abandonados e o vento morno soprou os mamilos umedecidos pela saliva de Sante. Mas a tortura sexual estava longe de acabar.

Ele atou a corda nos tornozelos femininos e a estendeu até as vigas da cama de dossel, deixando-a de pernas abertas.

A música terminou e veio o silêncio.

Agora era possível ouvir o som da sua própria respiração pesada e lenta, expectante também.

Então ela sentiu a lambida grossa e suave, molhada e morna na racha de carne rosada e depois nos grandes e pequenos lábios. Os dedos masculinos lhe separaram as dobras expondo o botão úmido. O movimento na cama sugeriu que

ele se inclinou e abaixou a cabeça, enterrando-a entre as pernas dela. Abocanhou o clitóris, chupando-o como se fosse um diminuto pirulito, instigando-o a aumentar de tamanho ao masturbá-lo com a boca, a língua e os dentes frontais.

Melissa puxou os pulsos das cordas, gemeu alto, tentou fechar as pernas presas, não conseguiu.

No instante seguinte, ele enterrou fundo o dedo no rabo dela, depois outro, sem lubrificação, a seco, ardendo, doendo, enquanto a chupava como um selvagem, os lábios molhados do sumo da vagina.

Ele retirou a venda dos seus olhos.

— O que acha de trocarmos o sanduíche pós foda por algo mais light?

— Quando me olha assim... é sacanagem. — Ronronou, arqueando levemente o quadril.

Sante deu-lhe uma mordidinha no monte de vênus raspado, e ela se derreteu toda num longo suspiro.

— Claro que é sacanagem. — Piscou o olho pra ela, sério.

Ela notou que ele trouxera da cozinha a tigela de cerâmica, branca e redonda, com

morangos grandes e vermelhos com os cabos verdinhos. Ao lado, o tubo de chantili.

Sentiu o creme frio e espesso no monte de vênus e arfou. Era quase como um choque de temperatura, pois ela pegava fogo.

Sante mergulhou o morango no chantili e o deslizou pela fenda da vagina, esfregando-o pra cima e pra baixo.

— Gosta disso?

— Eu sou o seu morango? — Gemeu a pergunta, ofegando sem deixar de o encarar.

— Sim, o morango suculento que gosto muito de comer. — Lambeu o lábio inferior dela, depois o mordiscou sem feri-lo.

Ele penetrou o morango na boceta, todo ele, molhou-o com o sumo vaginal. Retirou-o e o levou à própria boca e o mastigou, o caldo escorreu-lhe do canto da boca.

— Me solta. — Ela pediu, o olhar de súplica.

Ele a livrou das cordas dos pulsos, a seguir, abaixou a cabeça, e Melissa passou a língua nos lábios dele.

Um novo morango mergulhou dentro dela, mas antes Sante o usou para lhe friccionar o clitóris

num movimento circular, lentamente, ao mesmo tempo que ela pegava o pesado pênis entre as mãos e o masturbava.

Ele retirou o morango da vagina e o lambeu todo para, depois, levá-lo aos lábios de Melissa, que o mastigou sem deixar de deslizar as mãos em torno do mastro duro feito pedra, grande, de bolas inchadas e veias salientes que pulsavam grossas de sangue.

— Não sei o que me deixa mais louco... — Ele ofegou, borrifando o chantili no umbigo dela — o teu boquete, ou a tua punheta, esposinha tesuda.

Ele lhe lambeu o delicado buraco do umbigo e, espalhando o creme nos seios dela, fez o mesmo com cada um deles, detendo-se nos bicos que chegavam a doer de tão duros. Após isso, ele deslizou as mãos nas laterais de cada perna dela, retirando-lhe as meias.

— Você é a minha garota e sempre será.

— E você é o patrão que amo.

Ele esboçou um sorriso de canto de boca.

— Não sou mais o seu patrão. Metade do que é meu também é seu, moleca.

— Foda-se a fazenda. Quero você, só você,

todo você. — Fitou-o excitada e emocionada.

Sante se encaixou entre as coxas delas, afastando-as com os próprios joelhos. Pegou o pau pela base e o enterrou todo e fundo, esmagando as bolas contra o corpo dela.

— Cristoooo! — Ele gemeu alto — Fico religioso quando te fodo...

— Isso prova que foder é sagrado. Abençoa o meu corpo me comendo duro, sr. Ferrari.

Os tornozelos atados na corda, as pernas arreganhadas exibindo o sexo numa posição pornográfica, eles então fizeram um sexo cru sem carinho nem romantismo.

O pau bateu fundo nela, o quadril de Sante se movimentava num vaivém rápido e lento intercalados como numa montanha-russa. Num dado instante, ele acelerou as batidas, o som dos gemidos se misturou ao arfar das respirações pesadas.

Ela sentiu que perderia os sentidos a qualquer momento.

Mas nada estava mais longe do que isso. Melissa gozou, gritando alto enquanto era escravizada pelo fogo que se alastrou com rapidez e

força por baixo da pele. Sufocou mais um grito ao senti-lo estremecer dentro dela ao expulsar o sêmen que lhe encharcou a boceta, deslizou pelas coxas e manchou o lençol. Antes disso, contudo, os morangos esmagados já o tinha sujado.

Capítulo 11

A impressão que Melissa tinha era a de que os pés de Brenda cresciam mais do que o resto do seu corpo, e as roupas de Je pareciam encolher a cada lavada. Ela chegou à conclusão de que, ou os filhos ingeriam fermento junto com a comida, ou eles herdaram a estrutura física paterna.

— Tem certeza de que vai conseguir fazer compras com duas crianças e sem a Magnólia? — Sante lhe inspecionou a feição.

Era normal ele voltar da lida perto das oito da manhã, pois sabia que era o horário do desjejum dela. Às vezes, Brenda a acompanhava, deitada no seu colo, tomando mamadeira; outras, Jerônimo gritava do berço no seu dialeto de bebê dando a entender que também queria participar da primeira refeição do dia. Mas, na maior parte das vezes, o caçula acordava perto das dez.

Naquela manhã, em especial, os filhos rodeavam a mesa, sentados nas suas cadeirinhas de alimentação.

— A Bianca pode supervisionar a equipe da

PERIGOSAS NACIONAIS

faxina. — disse a governanta, lançando-lhe um olhar preocupado.

Uma vez por mês a limpeza do casarão ficava a cargo de uma empresa especializada em faxina pesada e organização. Era impossível que Bianca desse conta de esfregar paredes, portas e pisos, o seu trabalho se restringia à limpeza diária. E manter limpa uma casa ampla com vários cômodos e duas crianças era uma missão quase impossível.

— Não precisa, Mag. — disse Melissa — Dou conta das minhas funções de mãe.

— Alguém falou que não dava conta? — A sobancelha de Sante se arqueou num ar interrogativo e arrogante.

— Por que não toma o seu café em paz, sem discussão e conversa fiada? — Deu-lhe nos cornos sem deixar de sorrir.

— Em outras palavras, me mandou calar a boca. — Retesou os maxilares e estreitou as pálpebras, avaliando-a com ar severo.

— Um dos dois terá de manter a boca fechada, não é mesmo? Ou prefere brigar? — Confrontou-o.

PERIGOSAS ACHERON

Magnólia sorrateiramente deixou a sala de jantar.

Sante, por fim, falou depois de sorver o resto do seu café preto sem açúcar:

— O Paulão vai levar vocês a tal loja...

— *Lojas*. A gente não encontra roupa de criança em um lugar só.

— Que seja. — Levantou-se, contornou a mesa e beijou a testa de cada filho. Depois se voltou pra ela e mandou: — Volta até o meio-dia, quero almoçar com vocês.

— Pode nos encontrar no centro. — Sugeriu.

— E parar todo o meu trabalho?

— Grande coisa ficar meia hora longe da fazenda.

Brenda terminou de comer os pedacinhos de mamão e correu até o pai, abraçando-o nas pernas.

— É hoje o *cavalio*?

Ao ouvir a pergunta da filha, Sante encarou a esposa expressando um ar desafiador.

— Vamos comprar roupas e brinquedos. — Melissa achou por bem desviar a atenção de Brenda do assunto “montaria”.

— Ah, *quelo* o *cavalio* hoje. — A menina
PERIGOSAS ACHERON

emburrou-se e, olhando para o pai com ar pidão, repetiu: — O *cavalio*, né?

Ela fingiu que galopava num cavalo invisível, correndo pela sala falando alto: pocotó, pocotó, pocotó. Parou e inclinou a barriguinha pra frente como se a sua montaria tivesse erguido as patas dianteiras.

— *Óia, tô motando*, Je!

O bebê bateu palmas, rindo alto da irmã.

Melissa foi até Sante, que observava a brincadeira da filha com olhar carinhoso.

— Quero aprender a dirigir.

Ele desviou o olhar para ela, observando-a criticamente.

— O Paulão irá acompanhá-la. — Repetiu, sem ênfase especial na voz.

— Isso significa que não aceita que eu mesma dirija? — Sondou-o com o olhar atento à feição séria.

— Vou te matricular numa autoescola, terá a sua picape e a liberdade para ir onde quiser... contanto que esteja acompanhada de um dos nossos vaqueiros. — Foi taxativo.

— Você sai sozinho. — Acusou-o.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou macaco velho, sei me cuidar.

— Sou macaca nova, sei me cuidar. —
Desafiou-o.

—É verdade, ontem você se cuidou muito bem, chorou em público e se mijou em cima de um touro de mentirinha.

— Às vezes você é muito insensível. —
disse, magoada.

— Ou *você* é sensível demais. Vou avisar o Paulão do seu compromisso na cidade.

— Sante!

Ele parou no meio do caminho e se virou para encará-la.

— Que tipo de esposa quer que eu seja?

— Acho que já me fez essa pergunta.

— Agora eu quero realmente saber.

Viu-o apertar a boca num gesto de impaciência, e era nessas horas que ela se sentia em desvantagem por ser imatura e inexperiente. Não sabia interpretar as emoções dele.

— Mel, eu confio no amor que sente pelos nossos filhos, o seu coração é imenso. — Ponderou, amenizando o tom da voz. — A questão é que você mal sabe cuidar de si mesma para ter que assumir a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

responsabilidade de criar duas crianças. Antes de nos casarmos você tinha saído do abrigo havia pouco tempo, ainda estava sob a tutela de outras pessoas.

— O que quer dizer? — Mordeu o lábio inferior, insegura.

— Que mal teve tempo de caminhar com as próprias pernas. Entendeu?

— A gente só adquire experiência de vida vivendo. — Argumentou, sentindo-se péssima.

Boa parte das vezes ao ver a si mesma através dos olhos de Sante, encontrava uma mulher jovem, bonita e sensual. Quando fazia esse mesmo exercício, mas através do ponto de vista de desconhecidos, ela não enxergava mais nada disso, e sim uma garota esquisita e distraída. Então ela se forçava a se ver do mesmo modo como o marido a via e sentia-se melhor assim, tranquila e segura. Era bom pra sua alma. Mas quando até mesmo ele lhe mostrava uma faceta negativa de sua personalidade, sem querer, Sante puxava debaixo dos seus pés um pouquinho que fosse da sua autoconfiança e ela se sentia rejeitada.

— E o *cavalio*?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele pegou a filha no colo, beijou-a na bochechinha e a fez encará-lo.

— O que acha de montar num cavalo anão?

— Como assim? — Ela perguntou, rindo-se.

Ele se virou para Melissa ao responder:

— Um pônei.

Sentiu-se grata por ele se importar com os medos dela.

— A queda de um pônei não é fatal, embora a Ferrarinha dificilmente vá cair de um cavalo. — E, voltando-se para a filha, acrescentou: — Você tem os genes de uma fazendeira com PHD em equitação. — Deu-lhe um beijo estalado na barriguinha, e ela riu alto.

— Paulão, você não precisa ficar me seguindo — disse Melissa, empurrando o carrinho de bebê com Jerônimo dentro enquanto segurava Brenda pela mão — A sua função é a de motorista particular de madame rural, e não a de segurança, viu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tô cumprindo as ordens do patrão. —
Defendeu-se, na sua voz grossa.

— Vai parecer que tá é apaixonado por mim.
— Provocou-o.

— Gosto da senhora, sim. Mas, infelizmente, não sinto amor de homi... quero dizer, felizmente, né? Senão eu já tava morto debaixo da terra, o patrão ia...

— Eu tava brincando, te acalma.

— Eta, sou muito tonto, desculpa. — O rosto do vaqueiro ficou vermelho, parecia que ia explodir de vergonha.

— Por que não me espera na picape? Se eu precisar da sua força física, te chamo no Whats, tá?

— Forçou-se um sorriso. Queria mesmo era despachá-lo para ter a liberdade de passear sozinha com os filhos como qualquer mãe o fazia.

— Tudo bem, dona Mel. — Bateu dois dedos na aba do chapéu de vaqueiro. — Qualquer coisa me chama mesmo.

Ela fez que sim com a cabeça e deu-lhe as costas. Brenda já estava impaciente com aquela conversa toda, dava pra notar que a Ferrarinha não havia esquecido o detalhe da *compra de*

PERIGOSAS ACHERON

brinquedos.

— Vamos ver as roupas primeiro. Você precisa de um vestido de noiva, uma calçola de pano e um terno de listras... Ah, e um short de aço pra aguentar as suas travessuras pela fazenda. — Brincou.

— *Quelo* bola de futebol *pla jogá* com o *Mulilo*. — O tom de ordem era igualzinho ao que o pai dela usava. Contudo, na voz infantil soava engraçado.

— E para o Je... — Ignorou a rabugice de Brenda e se virou para o bebê que a fitava, sorrindo — hum, um pé de pato, uma touca ninja e sapatilhas de balé. — Riu-se e depois o beijou na ponta do nariz.

O bebê pegou uma mecha do cabelo dela e ficou segurando-a como se fosse um amuleto da sorte. Quando tentou colocá-la na boca, ela a puxou com jeitinho. Jerônimo tinha o estranho hábito de atacar cabelos alheios para comê-los. Se um dia se transformasse em um zumbi, a humanidade continuaria viva, porém, careca.

Como Sante foi grosso com ela no café da manhã, decidiu começar as compras pela loja mais

cara da cidade, que se localizava no andar térreo do shopping center.

A vendedora lançou-lhe um olhar esquisito ao vê-la entrar com um bolsão pendurado no ombro, o cabelo enrolado numa mecha única torcida e presa com uma piranha. Vestia short jeans e uma blusa branca com a estampa da cabeça de um cavalo e as iniciais do Rancho e Haras Ferrari. O All Star Converse vermelho dava à Melissa o aspecto adolescente que não combinava com a aparência de uma *mãe de dois*.

— Posso ajudá-la?

— Bem... — Melissa olhou por cima para as diversas araras de roupas e se virou para a vendedora — Vocês têm roupinhas à prova de ruivas hiperativas de dois anos de idade? — Sorriu, sem jeito.

A moça instintivamente lançou um olhar para a moleca de marias-chiquinhas, olhos claros e um sorriso angelical que camuflava o seu capeta interior.

— Que amor! Eu sei muito bem o trabalho que essas coisinhas lindas dão.

— Oh, os seus filhos também têm pouca

diferença de idade?

— Não, não, me refiro aos meus irmãos. Eles fazem tudo junto, principalmente, aprontar. — Ela fez um carinho na cabecinha de Jerônimo. — Minha mãe teve que largar o emprego de oito horas e agora trabalha meio turno pra dar conta de cuidar dos dois. Por isso não quero ter filhos tão cedo, só depois de me estabilizar na vida, lá pelos trinta e poucos anos.

— Qual é a sua idade?

Por que tô fazendo essa pergunta cretina?

— Eu tenho vinte , e você?

— Vinte e seis. — Mentiu.

Toma nas fuças! Não vou deixar você achar que sou uma coitadinha-que-engravidou-cedo-demais.

— Não parece, jurava que era mais nova que eu.

— Pois é, um dia tive a sua idade, agora não tenho mais. — Deu de ombros, de modo displicente.

— Ah, então eles são seus filhos?

— Não, acabei de roubar da moça da fila do pastel.

— O quê?

— O quê? — Repetiu, fingindo-se de louca.

A outra ficou olhando um tempo pra ela, a expressão facial congelada, o corpo imóvel. E isso acontecia quando o cérebro bugava. *Erro na programação, não entendo o outro humano.*

— Bem, vou dar uma olhada por aí. — Resolveu cair fora.

Parou diante de vários cabides com vestidinhos de algodão. Alguns eram floridos, outros de uma cor só. Pensou em levar uma roupa mais feminina para Brenda, embora soubesse que não seria usada. A garota gostava de short, regata, pés descalços, fralda descartável, bola de futebol e *cavalio*. O resto era besteira, chatice, incomodação que ela jogava longe ou pisava em cima.

— O que acha de ter um vestidinho como o da mamãe, hein? — Pegou um dos cabides e deu uma olhada na costura da roupa e nos detalhes. Leu na etiqueta que era tamanho PP, mas para a Ferrarinha tinha de ser o M. Ela não era gorda nem grandalhona, mas também não era mignon e delicada.

Queria uma cor vibrante, de dias

ensolarados, que destacasse a cor de fogo dos cabelos da baixinha. Encontrou um vestido de tecido leve, flores miúdas na cor violeta e detalhes em renda no decote, as alças eram largas e, provavelmente, o comprimento alcançaria os joelhos de Brenda.

Voltou-se para ela com o vestido na mão. Tinha de levá-la até o provador, juntamente com Je, para que o experimentasse. Duvidava, contudo, que Brenda aceitasse trocar de roupa num lugar desconhecido.

— Vou te fotografar nessa roupa linda. — falou para o vazio atrás dela, já que Brenda devia estar brincando por entre as araras. — Ô saco, vamos atrás da sua irmã.

Empurrou o carrinho do filho por entre as pessoas, desviando de uma e de outra, de olho em todos os lugares. Considerou que Brenda poderia inclusive estar debaixo de uma arara, usando as roupas como uma tenda de camuflagem. Resolveu então parar, empurrar para o lado os cabides e dar uma checada mais minuciosa. Foi até os provadores e pediu para dar uma verificada de trás das cortinas, pois a sua filha gostava de dançar na frente do espelho. A moça foi na frente e somente a deixou

PERIGOSAS ACHERON

entrar nas cabines que estavam vazias. Melissa, entretanto, lançou um olhar atento para o vão que mostrava parte dos pés das clientes que ocupavam os provadores, embora Brenda jamais se enfiasse com uma desconhecida num cubículo fechado.

Foi então que começou a sentir uma tremenda dor de estômago.

— Você tá bem? Tá muito pálida? Quer uma água?

Melissa apertou o braço da vendedora.

—Me ajuda, pelo amor de Deus, eu acho que perdi a minha filha. — Implorou, o queixo trêmulo, à beira de uma crise de choro.

O medo esmagou o seu peito como se o coração tivesse se dilatado a ponto de se despedaçar.

Capítulo 12

O segredo para se ter cavalos campeões nas pistas se devia à genética e ao bom manejo deles, além da qualidade das pastagens, que eram devoradas pelo plantel de Quarto de Milha do haras.

Sante e Murilo estavam a poucos metros dos cavalos, fumando e admirando a formação da tempestade que despencaria a seguir. “Admirar” não era a palavra exata para o que o fazendeiro fazia, o mais próximo disso era que ele “observava” o avançar das nuvens pesadas no céu que escurecia rapidamente.

— O patrão anda meio borocoxô ultimamente. É o problema com o Túlio?

— Não me chama de patrão, você também é sócio da fazenda.

— É hábito, patrão. — Riu-se, o velho treinador, puxando a aba do chapéu para baixo. — Além disso, minha parte é de cinco por cento, sou no máximo um sócio nanico.

— Minoritário, quer dizer. — Esboçou um

sorriso divertido. Depois Sante tragou fundo o cigarro e comentou com amargor: — O Túlio é problema de todos, não apenas meu. Afinal, ele também administra a fazenda. Mas não é ele quem tira o meu sono.

— Hômi não tira sono de outro hômi. Se não é o caso de falta de grana, é por causa de mulher.

— Sim, é mulher. — Admitiu, a contragosto.

Ele tentou se proteger do olhar analítico do velho amigo, desviando o rosto e o camuflando de trás da fumaça do cigarro. Não tinha o hábito de desabafar e, a bem da verdade, era-lhe difícil se abrir até mesmo com Melissa. Desde criança guardava seus sentimentos para si, não os deixava voar para a mente dos outros e acabar vendo-os se transformar em munição contra ele próprio.

Mas, naquele momento, sentia que se não abrisse o jogo com um cabra mais velho e experiente que ele, acabaria fazendo besteira.

Murilo ajeitou o chapéu e disse:

— Bem, o que posso dizer? Fui casado duas vezes, e os meus dois casamentos acabaram, porque as minhas esposas foram chamadas por Deus.

— Sinto muito. — Era a primeira vez que ele

ouvia Murilo falar sobre sua viuvez.

— É uma bosta perder gente pelo caminho.
— Balançou a cabeça num tom de pesar. — O desgraçado se sente inteiro, amado e louco de amor, aí vem a foice da morte e fode com tudo. — Bufou, fitando as próprias botas. — Olha, patrão, não quero me meter na sua vida, mas pensa bem se vale a pena chifrar a menina Melissa. Dá pra notar que ela te venera.

— Que diabo de chifre tá falando? — Sante fechou a cara. — Acha que sou mau caráter?

— Claro que não...mas o senhor falou que tá preocupado por causa de mulher... Bem, a menina Melissa é um encanto só, não tem como render preocupação alguma.

— Ela é um encanto, sim. E bonita, extremamente jovem, quase adolescente, sexy e safada com ar ingênuo, divertida e extrovertida, bem diferente de mim que sou bicho do mato. — Resmungou.

— Então cadê o problema? — Ergueu a aba do chapéu ao fitá-lo.

— Murilo... — Sante suspirou impaciente. — Não adianta falar a respeito, isso realmente não

faz parte do seu modo de pensar.

— Eta-ferro! Tô entendendo, não.

— Acontece que ela quer uma carreira profissional, andar com as próprias pernas, crescer na vida, entende?

— Ok.

— A Melissa passou boa parte da vida em meio aos órfãos, crianças abandonadas, sozinhas no mundo, gente carente sem a referência de um adulto ou de uma família funcional. — Arou os cabelos com os dedos enquanto perfilava as ideias antes de falar. — Sou eu agora a família amorosa e a referência para ela. Tenho que a incentivar a realizar os seus sonhos me colocando em segundo lugar e vê-la trilhar o seu próprio caminho.

— Hmm, entendi.

— Mas ela não tem chance de entrar numa universidade federal e, aqui na cidade, não há outra.

— Então por que a menina não faz um curso técnico?

— A gente não muda os nossos planos de acordo com o grau de dificuldade, e sim mudamos a estratégia para atingirmos os nossos objetivos. E isso significa que é provável que ela passe no

vestibular de uma universidade paga.

— E elas são caras pra diabo. — Reclamou.
— Mas a gente tem dois rins pra isso; vende um deles, uai.

— O problema é que a Melissa vai morar em outra cidade. — Afirmou, com pesar. Sentiu uma pontada de angústia no peito.

— O senhor não quer que ela vá?

— Não. — Engoliu em seco. — Sou louco por essa mulher, louco, viciado e apaixonado demais. — Sentiu os olhos se encherem de água. Pegou outro cigarro da carteira e o acendeu, tragando fundo e dando um tempo a si mesmo. Precisava se recompor. — Quero acordar todos os dias e vê-la ao meu lado. Beijá-la antes de sair da cama e abraçá-la no meio da madrugada. Quero ouvi-la cantar debaixo do chuveiro e, só de saber que ela tá ali, tão perto de mim, sorrio feito um demente cheio de amor. A expectativa de ela abrir a porta ao voltar para o quarto me enche de energia, de vontade de viver, e eu até agradeço por todas as merdas pelas quais passei até conhecê-la. Porque a Melissa é o pedido de desculpas que a vida me devia, um modo de Deus me recompensar por Sua ausência desde que fui largado pelos meus pais e

PERIGOSAS ACHERON

adotado para viver a loucura dos outros.

Ele parou de falar, tomado por uma emoção que conteve a duras penas.

— Fala tudo isso pra ela. — Recomendou Murilo, parecendo assimilar que o caso era sério.

— Não posso, cabra. A Melissa precisa descobrir o mundo como você e eu descobrimos. E eu não serei a chave que a trancará na masmorra. A minha função é ser a base para os seus voos, o porto seguro que ela perdeu na infância.

— Bonito, muito bonito, patrão, tá abrindo a porteira e mostrando o campo a se perder de vista para a sua esposa desbravar.

— É muito difícil proteger um passarinho na palma da mão, amigo, ou você o prende demais e o esmaga, ou solta demais e ele voa pra longe.

— Pois é, isso é verdade. Ainda mais quando entre a mão e o passarinho há uma diferença de idade de quase trinta anos.

— Obrigado pelo tiro no coração, seu filho da puta. — Retesou os maxilares, desviando os olhos do treinador para os cavalos se alimentando no pasto.

— O senhor sabe que quem desabafa com

PERIGOSAS NACIONAIS

caubói acaba ouvindo umas verdades sem dó nem piedade. — Riu-se, com vontade. — Mas vou dizer uma coisa bem boa: o passarinho livre e feliz voa pra longe, mas também de volta pra mão que lhe dá amor.

— Acredita mesmo nisso? — Olhou-o, desconfiado.

— Teoricamente, sim. Mas eu não colocaria a minha mão no fogo pra comprovar essa teoria. — Gargalhou.

Sante, irritado, fechou ainda mais a cara.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

O vento forte soprava a chuva contra as paredes de vidro da loja. Sacolas voavam na calçada, pessoas se aglomeravam debaixo das marquises e os faróis dos automóveis eram acesos àquela hora da tarde. O céu havia escurecido pouco antes de começar a ventar e, em seguida, começaram os raios e as trovoadas. A chuvarada veio a seguir.

Os seguranças do shopping center foram avisados sobre o desaparecimento de uma criança pequena, receberam instruções sobre a sua vestimenta e características físicas. Melissa, em meio à aflição que lhe endureceu a musculatura do corpo e a fez gaguejar seguidas vezes, deu-lhes todas as informações sobre Brenda. Sentiu sobre si olhares acusadores, ignorou-os, pois o foco era encontrar a filha. Eles então começaram a busca imediatamente por todos os três andares e, caso não a encontrasse, teriam de chamar a polícia. Foi o que lhe disseram.

Jerônimo estava quieto, olhando para tudo

com atenção, parecia até que tinha consciência do que acontecia ao seu redor. Melissa, por outro lado, após procurar Brenda por todos os cantos possíveis da loja, até mesmo no banheiro, chegou à conclusão de que ela havia saído de fininho para outro lugar que lhe chamou a atenção.

Quando iam ao centro, não era raro acontecer de Brenda se desvencilhar da mão do pai ou de Melissa toda vez que lhe davam chance. Tinha o hábito inclusive de passear sozinha e, na maior parte das vezes, o passeio se dava através de uma fuga às escondidas ou feita na surdina bem debaixo do nariz dos pais.

— Não posso ficar aqui parada sem fazer nada. — disse à vendedora da loja.

Melissa estava sentada numa salinha com pufes e poltronas, que antecedia à entrada do corredor de provadores. Duas vendedoras lhe faziam companhia e tentavam acalmá-la. Haviam lhe oferecido água depois de ela empalidecer ao perceber o sumiço de Brenda.

— É melhor esperar os seguranças trazerem a sua filha. — Sugeriu uma.

— E se eles não a encontrarem?

Quando fez a pergunta, pensou em Paulão à sua espera no estacionamento. Bastava ligar pra ele, contar o ocorrido e teria mais alguém para ajudá-la nas buscas por Brenda. Por outro lado, temia que o vaqueiro contasse tudo para o patrão.

Ela precisava assumir que era uma irresponsável e pedir a ajuda de Paulão. Temia pela segurança de Brenda. Imaginava-a chorando, assustada, sem saber como voltar para a sua família.

Ligou para o caubói.

— Preciso que me encontre no shopping, na loja Trem Maluco.

— *Tô chegando aí, patroa.*

Contou tudo a ele, do começo ao fim, não se poupou em dizer que cometeu um grande erro. Paulão a ouviu em silêncio, sério, as mãos na cintura. E, por fim, disse apenas:

— Vou começar pelas lojas que as crianças se sentem atraídas... e não são as de roupas.

— Comida. — Arriscou, esperançosa. — A praça de alimentação?

Ele fez que não com a cabeça.

— Brinquedos. — Piscou o olho pra ela e se

mandou.

Melissa precisava agir, além de delegar tarefas ao homem. Encaixou o filho no seu quadril, deixando o carrinho aos cuidados de uma das vendedoras que o levou para um canto dos provadores.

— Esse é o meu número, caso a minha filha volte aqui. — A vendedora o anotou no próprio celular.

Jerônimo abraçou o pescoço da mãe, deitou a cabecinha no seu ombro e bocejou.

Ela passou por entre as pessoas no largo corredor do andar térreo, detendo-se aqui e ali ao ver uma criança. Parou diante de algumas vitrines que exibiam brinquedos e conversou com os vendedores e os gerentes. Não encontrou Brenda, mas todo mundo tinha algo a dizer a respeito. *“Não, infelizmente, nenhuma criança desacompanhada dos pais entrou aqui”. “Sinto muito, não vimos ninguém”. “Meu Deus, tadinha da menina, deve tá chorando, perdida por aí”. “Sou a favor das coleiras com guias para crianças pequenas, assim ninguém as perde de vista”. “Ontem um cara roubou um carro e levou o bebê junto... vai vender os dois, só pode”. “Não dá para*
PERIGOSAS ACHERON

sair com dois bebês sem ajuda, moça, você já devia saber disso, né?” “Ah, criança é assim mesmo, tá sempre testando seus limites com as mães, ainda mais as mães jovens e inexperientes. Sei disso, tenho catorze filhos, nunca perdi nenhum deles no shopping”. “Perdeu a sua filha? Nossa, ela deve ser muuuito travessa e esperta, não?” “Criança é um porre, sem mais!” “Ei, daqui a pouco, os seguranças a encontram, isso é muito comum por aqui, toda hora tem criança que se perde dos pais”. “Já pensou se ela saiu do shopping e tá pelas ruas? Que horror!”

Viu Paulão numa loja de brinquedos. Ele parou à porta, falou com o segurança uniformizado e ambos entraram no estabelecimento. Isso significava que Melissa podia seguir a busca em outro lugar.

Olhou ao redor, aflita. Talvez devesse telefonar para o marido. Era errado deixar Sante sem saber o que acontecia...

Até que deu de cara com uma fileira de gaiolas logo depois da vitrine do pet shop. Lembrou-se então da sua primeira entrevista na fazenda, quando pegou carona com uma mulher simpática e o filho dela, sentou na caçamba ao lado

PERIGOSAS ACHERON

das galinhas dentro das gaiolas. Era um dia diferente e tenso, ela estava desempregada e muito angustiada. Mas, durante a viagem, começou a se sentir melhor só de ver a dinâmica das galinhas, o modo como se mexiam, pulavam umas sobre as outras e a ignoravam. Os animais tinham poder terapêutico sobre os humanos, eram feitos de luz.

Atravessou o largo corredor e parou diante da vitrine. As gaiolas estavam vazias, pois elas próprias eram um dos produtos à venda. Mas, logo adiante, podia-se ver o cercado de madeira com cinco ou seis filhotes de cães sem raça definida para adoção.

Havia crianças rindo e tentando pegar os bichinhos, mas um dos vendedores estava atento e avisava que eles não podiam ser tocados, a não ser se fossem adotados.

— O meu filho só quer fazer carinho nele. —
Reclamou um pai.

— Essa medida é para evitar doenças e contaminações nos animais, senhor. — disse o funcionário do pet shop.

Foi então que Melissa viu o cabelo cor de fogo em meio ao grupo de crianças ao redor dos

cães. Não precisou ver mais do que a cabecinha abaixada, pois Brenda devia estar de joelhos, o braço esticado por entre as grades do cercado a fim de tocar nos filhotes.

Ela apertou o filho contra si e correu até a menina, torcendo para que não fosse uma ruivinha parecida com a sua.

— Brenda?

A garotinha ergueu a cabeça e a fitou já sorrindo em reconhecimento.

— *Cacholo*. Eu *quelo*. — Apontou o dedinho para o filhote mais próximo dela.

Melissa sentiu uma onda de amor e alívio atingi-la em cheio, uma onda arrebatadora que a fez se ajoelhar e puxar a menina para si, aconchegando-a debaixo do braço livre. Chorou baixinho, pois não queria mais chorar em público, Sante havia-lhe acusado de chorar em público no salão country, então devia ser vergonhoso fazer isso.

Beijou o topo da cabeça de Brenda enquanto era abraçada por ela.

— Tá *cholando*, mãe?

— Um pouco. Você sumiu, e eu pensei que

tinha te perdido.

— Ouvi os latidos dos *cacholinho*. — Justificou-se, encarando-a com olhos preocupados. — Tá doendo?

Melissa fez que sim com a cabeça, o queixo tremeu e os olhos novamente se encheram d'água.

— Ficar sem você dói muito, sim. — Puxou-a para um novo e apertado abraço.

— Não *chola* mais, tá? Tô aqui! — Ela se afastou e pegou o rosto de Melissa entre as suas mãozinhas e repetiu: — *Óia* pra mim, tô aqui, tá? Tô aqui, a *Blenda*!

Melissa sorriu por entre as lágrimas. Depois pegou a mão da garotinha com a ideia de voltar à loja onde deixara o carrinho de bebê. Antes disso, tinha de telefonar para Paulão, avisá-lo de que estava com Brenda e lhe pedir para agradecer aos seguranças do shopping.

A Ferrarinha, no entanto, recusou-se a sair do pet shop.

— *Quelo* um *cacholo*, mãe! — pediu com os seus olhinhos tristes. — Eles é tudo *ólfanos*.

— O quê?

Brenda apontou o dedo para um senhor com

o filho pendurado em cima dos seus ombros.

— Ele *falô, cacholo* sem mãe nem pai, tudo *ólfanos*.

— Ah, órfãos. — Constatou ela, voltando o olhar para o cercado. — Hmm, a nossa família é especialista em órfãos, né?

— Posso *levá* todos?

Qual seria a resposta adequada vindo do coração de uma mãe...órfã?

Capítulo 14

Melissa deixou Jerônimo dormindo no berço e levou Brenda para o banho antes do jantar. Ainda chovia forte e era aquele tipo de temporal em que baixava a temperatura.

A governanta apareceu à porta do banheiro da suíte das crianças.

— Aqueles cachorros vão ficar pela casa? Nós temos um canil.

— Pois é, não gosto do canil. Pretendo inclusive colocar os cães maiores para dentro de casa.

— O patrão não vai aceitar.

— Posso *levá cacholo no meu quato*?

— Será que nunca vai pronunciar direito o erre? — Brincou Melissa, deslizando a esponja no corpinho rechonchudo de Brenda.

— O *éle*? Como é o *éle*? — Apertou a cabeça do brinquedo, um patinho de borracha. — *Qué vê ele molê*? — indagou ela, sorridente, afogando o pato no fundo da banheira.

— É melhor que fale antes com o seu marido, Mel. Não arranja confusão pro seu lado, o sr. Ferrari tem personalidade forte e, ultimamente, anda meio azedo.

Melissa ignorou o comentário da governanta.

— Brenda, meu amor, não vai tratar mal os cachorrinhos, né?

— *Afogá?*

— Sim, vai afogar eles?

— Não, amo eles.

— E os cachorrões também.

— Mais e mais e mais e um montão mais. — Gesticulou, abrindo e fechando os dedinhos das mãos.

— Sei que me meto na sua vida, mas faço isso como amiga. E, além disso, conheço o sr. Ferrari há mais tempo que você, então me sinto na obrigação de orientá-la. Quero que esse casamento dure pra sempre.

— Mas do jeito que fala, Mag, parece que ele ainda é o meu patrão, e se eu cometer um deslize qualquer, serei demitida. — Voltou-se para a empregada e continuou: — Casamento não é emprego, não existe hierarquia. Não tô subordinada

ao meu marido. Se eu fizer algo que não o agrade, paciência.

— Um relacionamento afetivo saudável tem que levar em consideração a opinião dos dois envolvidos.

— Ok, então, se o Sante não permitir os cachorros dentro de casa, vou insistir em mantê-los... e daí? O que acontece em seguida? Não precisa responder, porque eu sei que a determinação do Sante é a que vai ser levada em conta.

— Olha, será difícil manter o casarão limpo com tantos bichos soltos...

— A Brenda vai conviver com eles, e o Je também. É saudável para as crianças esse vínculo com os animais.

— Mas eles moram numa fazenda, Mel! Entenda que não são crianças de apartamento!

— Foda-se. Eu quero assim e pronto.

— Tá agindo como uma adolescente.

— Mas não é o que eu sou?

— Não *glita* com minha mãe, *caceite*! — berrou Brenda, batendo o punho fechado na água.
— *Vô te colocá na lua!*

Magnólia sentou na beirada da banheira.

— A gente tá conversando, Brenda. — disse, parecendo chateada pela bronca. — O papai vai brigar com a sua mãe por causa dessa cachorrada que você trouxe pra casa.

— Fui eu quem trouxe os cachorros, Mag.

— Me desculpa, mas vou levá-los para o canil. — Decidiu, por fim, a governanta. — Sou responsável pela administração do casarão e preciso fazer o meu trabalho direito.

Melissa se voltou para Brenda e deu de ombros num gesto que traduzia: *dane-se, deixa ela fazer o que quiser, a gente não manda nada mesmo.*

Capítulo 15

Melissa lia na cama quando Sante chegou. Deu uma olhada no relógio do celular e eram dez horas da noite. Como ele estava sujo, a camisa de botões pra fora do jeans e a expressão de cansaço no rosto sulcado de rugas, imaginou que estivesse trabalhando com os vaqueiros.

— Podia ter avisado que não jantaria em casa. — Provocou-o, vendo-o se dirigir ao closet.

— Acabei de jantar e foi em casa. — respondeu por cima do ombro.

— Quis dizer, comigo.

Ele não respondeu, e ela foi até o closet.

Sante estava vestido apenas na boxer, as roupas do dia espalhadas pelo chão.

Ela não pôde deixar de admirar as costas largas, os ombros sardentos, a cintura estreita encimando o traseiro pequeno e duro estufando a cueca. As coxas ligeiramente definidas combinavam com o porte físico esguio.

— Tá bagunçando as gavetas. Me diz o que precisa que eu procuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que comprou para as crianças? — Perguntou, de costas para ela, revirando a gaveta.

— Nada, a gente ficou na praça de alimentação. — Mentiu — Pensei que fosse me ligar por eu não ter almoçado em casa.

Ele parou o que fazia e a encarou de modo avaliativo.

— Você perdeu uma tarde de estudos para lancha no shopping? — Arqueou a sobrancelha com ar cínico, ignorando o comentário dela. — Parece que quer mesmo morar em outra cidade.

— Não, eu não quero.

— Então fica mais em casa e paga aula particular pra reforçar o que aprende nesse cursinho de merda. — Foi seco.

— Não preciso de reforço.

— É mesmo, senhorita escritora?

— Tudo bem, só em redação. — Admitiu, a contragosto.

Ele passou por ela a caminho do banheiro.

— Tenha em mente que se fracassar no vestibular daqui, perderá boa parte do crescimento dos nossos filhos durante quatro anos. Acho que isso lhe serve de incentivo para enfiar a cara nos

PERIGOSAS ACHERON

estudos.

— Eu sei, não sou irresponsável.

A sentença saiu numa voz trêmula, pois ela não acreditava no que havia dito. Sim, ela era uma irresponsável, havia perdido uma criança no shopping e, por pura sorte, encontrou-a novamente.

— Isso você tem de provar a si mesma. — disse ele, com ar duro, fechando a porta atrás de si.

Ela voltou à cama e sentou na beirada, pensando no quanto Sante estava ríspido e na defensiva.

O banheiro não estava trancado, então Melissa entrou e afastou a porta de correr do boxe. Ele estava de costas, a espuma do xampu deslizou do cabelo e percorreu-lhe toda a coluna vertebral, as nádegas e as panturrilhas.

Ela o abraçou por trás, e a água molhou o baby-doll de renda branca.

— Você age como se fosse o meu patrão. — disse, modulando a voz num tom suave. Deitou a cabeça nas costas dele e assim a torrente de água a encharcou. — Acha que tem o direito de me educar, quando eu sei que marido não educa esposa, é uma relação de igualdade. Você não é

superior a mim, não sabe mais do que eu, não me conhece como pensa. O fato de ter convivido comigo quando eu era criança não significa nada.

— Vá direto ao ponto. — Ele ordenou, secamente, sem se voltar, a cabeça baixa, atento ao que ela dizia.

— Você me sufoca.

Sante se virou para encará-la, e Melissa viu o olhar de tempestade azul, o céu de seus olhos escureceu, as sobrancelhas se juntaram formando um sulco profundo no meio da testa. Por um momento, ela quis retirar o que havia dito. Pois, não estava certa se era isso mesmo que ele fazia, sufocá-la. Talvez o mais adequado a dizer fosse que ele a dominava, a cercava de regras desconsiderando o fato de ela ter vivido sem ele por dezoito anos.

Sante pôs as mãos nos seus ombros e a afastou de si com delicadeza, embora o semblante expressasse algo muito ruim.

Enrolou a toalha na cintura e saiu do banheiro.

— O que aconteceu no shopping?

Foi o que perguntou ao vê-la no quarto,

molhada, a camisola transparente, o cabelo encharcado.

— A gente se divertiu sem você. — Testou a paciência dele.

— É mesmo?

— O mundo não gira em torno do seu umbigo. Sinto muito que seja um macho alfa dominador.

— Não sabe o que tá falando. — Estreitou os olhos, sondando-a. — Me diz, como foi o seu dia?

Melissa engoliu em seco, recuando um passo.

— Como o dia de qualquer mãe que leva os filhos para passear.

Notou quando ele avançou bem devagar, sem deixar de fitá-la, sério e profundo.

— Então por que tá tensa? Impondo-se a mim de modo agressivo?

— Senti o mesmo de sua parte hoje pela manhã. — Rebateu, sustentando-lhe o olhar.

— Mentirosa. — Acusou-a, mal descolando os lábios para falar.

Ela o encarou, perplexa. Havia tamanho desprezo na sentença dita que, por um momento,

não soube como reagir. Abraçou-se ao próprio corpo como se sentisse frio. Mas, na verdade, o tremor parecia vir dos ossos.

— Acho melhor encerrarmos a conversa por aqui.

— Melissa, o que aconteceu no shopping? — Insistiu, vasculhando o rosto com o olhar atento.

Ela deu-lhe as costas e se encaminhou para o closet. Notou que era seguida e o ignorou. Retirou o baby-doll molhado e a calcinha. Sabia que tinha um robe de seda novinho ainda na caixa guardada na gaveta mais baixa. Podia flexionar elegantemente os joelhos para abri-la, mas como tencionava esquivar-se do interrogatório, inclinou meio corpo para baixo, esticando o tronco e mantendo as pernas ligeiramente afastadas enquanto exibia o traseiro empinado. Ouviu um estalo nas vértebras da coluna e se pôs de quatro. Ergueu um pouco mais o quadril de modo a mostrar a vagina lisinha.

— Droga, não acho o meu robe novo. — Fingiu que estava irritada, contudo, mantinha-se atenta ao comportamento do homem atrás dela.

Sante parecia hipnotizado pelo seu corpo. A

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta dele ficou suspensa no ar e se dissipou ao vê-la na posição sexual de submissão. Melissa tinha duas alternativas: contar a verdade sobre o que ocorreu no shopping e se sujeitar ao domínio dele, ou seduzi-lo e seguir em frente sem tocar de novo no assunto.

Quando ele se aproximou, ela engatinhou para o lado oposto e se virou, encarando-o:

— Você só vai olhar.

— O quê? — Ele estreitou os olhos, demonstrando desconfiança.

— É o que ouviu, só olhar.

Sante a pegou pelos ombros e ergueu-lhe do chão com facilidade.

— Truque novo? — perguntou, segurando-a perto de si.

— Desde que acordou, você tá estranho, nem me beijou antes de ir para a lida. Só sabe falar grosso comigo. Então não terá acesso ao meu corpo. — Ergueu o nariz, desafiando-o.

— Mentirosa. — Repetiu, olhando direto para os lábios dela. — Você perdeu de vista a Brenda e, se sentindo culpada, trouxe um monte de cachorros para a fazenda.

PERIGOSAS ACHERON

Melissa perdeu o rebolado.

— Quem te falou essa blasfêmia?

— É normal as crianças fugirem dos pais, não a culpo por isso. O que me irrita é a sua mentira, mentiu pra mim, e o fato de não ter responsabilizado a Brenda pelos atos dela. Pelo contrário, você a gratificou pela fuga. Agora ela sabe que se fugir ou se esconder de nós, ganhará um presente ao ser encontrada. — Ele foi mordaz.

— Como eu podia xingá-la se me senti aliviada ao vê-la?

— Se pensasse como mãe, e não como uma irmã mais velha que pisou na bola, teria reagido de outra forma.

— Desculpa.

— Pelo que? — Sondou-a, os maxilares retesados numa expressão dura. — Por mentir para mim? Por insistir na mentira? Ou por lidar com o comportamento da Brenda de modo tão... inapropriado?

— Menti para que você não me criticasse. — respondeu, sentindo-se péssima.

— Se o Paulão não tivesse me contado, quando você abriria o jogo comigo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Brenda acabaria contando...

— E você, Melissa? Até quando levaria essa mentira adiante?

— Acho que eu a levaria para o túmulo. — Admitiu, vermelha de vergonha.

— Acredito que sim. — Olhou-a toda, de cima a baixo, expressando decepção. — Agora volta a ficar de quatro. — Ordenou, secamente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Quando Sante a soltou, Melissa se sentiu desamparada. Contudo, o fato de ter descoberto a sua mentira a envergonhou. Tinha plena consciência de que devia se envergonhar de ter mentido, ou seja, cometido um ato de deslealdade.

— Vai me castigar?

— É o que merece, não? — Sante arqueou uma sobrancelha ao fazer a pergunta.

— Sim, eu mereço. Não devia ter mentido pra você. — Ela admitiu, olhando para os lábios masculinos entreabertos.

— Se doer muito, é só dizer “eu não quero”. Entendeu?

— Não, nunca fui punida. — Melissa ofegou.

— Diga “eu não quero”, e vou parar.

— Você não quer me machucar? — Procurou um rastro de cumplicidade no rosto dele.

Sante esboçou um sorriso irônico no canto da boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero te machucar... mas não mais do que você merece. — Apontando para a saída do closet, falou: — Vá para o quarto e se inclina diante da janela.

Por um instante, ela pensou em confrontá-lo e se negar a lhe obedecer. Juntou todas as palavras na cabeça a fim de compor um discurso firme e racional. Contudo, ao encarar o par de olhos azuis, atormentado de puro desejo sexual, a feição demonstrando fome, fome dela, cedeu às vontades dele.

Ela espichou os braços, inclinando meio corpo para frente, apoiando as mãos no parapeito da janela aberta que dava para o terraço.

— Afasta as pernas. — Ouviu a voz masculina atrás de si. E em seguida, ele a agarrou nos seios, por trás, apertando-os e os apalpando como se testasse o peso de ambos. — Você mentiu pra mim. — Sussurrou-lhe junto à orelha que teve o lóbulo mordiscado.

Os bicos endureceram ao contato da palma áspera, e uma sensação de fogo líquido pareceu inflamá-la de tesão. Instintivamente arrebitou a bunda, oferecendo-se a ele sem reservas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Queria ser punida. Queria ser devorada. Queria ser machucada, fodida, escravizada, possuída por Sante.

Ele esfregou a barba nas costas dela, dando-lhe mordidinhas em cada vértebra sem deixar de bolinar os mamilos cada vez mais tesos. A boca entreaberta deslizou pelo rego, as nádegas foram separadas, e a língua a masturbou no ânus. Ela contraiu os esfíncteres e, por causa disso, do movimento de contração, ela levou uma palmada na bunda.

Melissa gemeu alto, sentindo a ardência do golpe e o prazer da dor.

As mãos grandes escorregaram para as coxas dela, agarrando-as com rudeza enquanto uma lambida longa umedeceu os lábios vaginais que, em seguida, foram soprados pelo hálito morno.

A pele de Melissa se arrepiou.

Sante contornou com a língua o clitóris sem tocá-lo, apenas insinuou a carícia, esfregando a barba entre as coxas dela e na boceta pegando fogo.

— Goza na minha boca, Mel.

A ordem explodiu como um raio nas terminações nervosas dela. E, no instante seguinte,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sante avançou friccionando o clitóris com a boca, um dedo enterrado fundo na boceta, e outro masturbando a entrada apertada do cu.

— Oh, Diabo, que gostoso... Fico louca quando você enfia a cara na minha boceta! — Gritou, inclinando a cabeça para vê-lo se banquetear com a cabeça entre as suas pernas.

Quando ele intercalou as chupadas com a fricção dos dedos no botão rosado, ela quase perdeu as forças nos joelhos, sacudida por um sem-número de espasmos, de curtos-circuitos espalhando a eletricidade do orgasmo. Então ela molhou a boca de Sante com o seu gozo, gritando o nome dele, a bochecha esmagada no chão, a bunda arqueada e a respiração entrecortada.

Antes que se recuperasse, Sante se afastou por um ou dois segundos. Em seguida, Melissa sentiu a maciez gostosa de uma tira de couro passar no sexo quente e molhado.

Ele deslizou o cinto de couro por entre as pernas dela, tocando-a na pele sensível da vagina.

— A base do amor é a lealdade. — disse o fazendeiro, deslizando o cinto pelas costas dela. — E a mentira, seja ela qual for, é um gesto de traição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele acariciou-lhe as nádegas com a tira de couro, um toque lento e suave, assim como o tom de sua voz. — Você então me traiu, Melissa.

— Não, sou fiel.

— Por acaso observou a lógica do meu raciocínio? — O tom de cinismo e arrogância modulava a voz de um dominador.

E, antes que ela rebatesse uma segunda vez, Sante deu-lhe uma chicotada com o cinto na bunda.

Melissa estremeceu de susto e depois de dor. O corpo arqueou-se para frente à força do golpe. As lágrimas deslizaram pelo seu rosto, e ela teve de apertar a boca para não gritar.

A segunda chicotada foi ainda mais forte.

— Não me engana mais.

A terceira chicotada atingiu-lhe na coxa.

Ela virou meio corpo para trás a fim de o encarar e o viu em toda a sua imponência de garanhão no comando, o pau grande ereto, o tórax suado, assim como as mechas do cabelo grudadas nas têmporas.

— Animal. — disse, mal descolando os lábios. E, oferecendo-lhe a bunda, acrescentou num tom de maldosa malícia: — Mais! Quero mais...

PERIGOSAS ACHERON

animal!

A quarta chicotada não veio. O cinto foi jogado no chão. E o homem se ajoelhou atrás dela, separou-lhe as pernas até arreganhá-las e empurrou o pau na entrada da boceta até preenchê-la toda.

Fodeu como um bruto, cavalgando sobre ela, segurando-a nos cabelos como se fosse a crina de uma égua.

Capítulo 17

Melissa deitou de bruços nas coxas do marido.

— Admita que me deseja mais do que me odeia. — Ela o provocou-o com um sorrisinho.

— É impossível que eu sinta ódio de você. — Acariciou-lhe os cabelos. — Mesmo que um dia me ponha chifre. — Beliscou-lhe com força na nádega.

— Ai, doeu! — Ela esfregou a mão no lugar machucado, ardia pra caramba.

— É mesmo? Imagina a dor que eu sentiria andando pela fazenda com um adorno de alce na cabeça. Por Deus, Melissa, pensa bem antes de fazer qualquer besteira. — Lançou-lhe um olhar perigoso.

— Uma vez a Veridiana me disse que cabra ciumento é assim, porque é ele quem pensa em trair. Por isso tem medo de ser traído. — disse, com acidez, acrescentando um sorriso de boa-moça.

— É, a Veridiana entende tudo de homem, ainda mais que todos são iguais. — Arqueou a

PERIGOSAS ACHERON

sobrancelha com ar irônico.

— É uma questão de projeção, garoto. Tive aula disso, é como se você visse na outra pessoa características suas que não aceita em si mesmo.

— Então você é uma dominadora.

— Não, você é quem é. Sou submissa, do tipo ingênuo e atrapalhado, um amor de pessoa.

Sante riu alto.

— Sim, uma peste.

— Errei hoje à tarde, me desculpa de verdade, não sabe como me senti, menos que o cocô de uma barata de duas patas, de um xixi de camelo, de um vômito de búfalo, de um ranho de cobra cega...

— Entendi, moça criativa. — Beijou-a na boca e a deitou na cama ao seu lado, depois de se espichar e lhe tomar o rosto entre as mãos. — Queria tá com você para resolver o problema antes que se desesperasse. Não quero que sofra mais do que já sofreu até aqui, e é por isso que sou o tal dominador e controlador contra quem tanto se rebela... inutilmente. — Esboçou um sorriso de troça.

— Quer cuidar de mim, Sante?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Me proteger?

— Isso mesmo.

— E me defender?

— Exatamente.

— Me comer com força?

— Comer muito e com muita força.

— E me trair?

Sante caiu na gargalhada, puxando-a para um abraço.

— Filha da mãe, tentou me pegar, é?

— Responde, traste!

Ele riu ainda mais.

— Não, Melissa, não vou te trair nem mentir.

— Juro que também não vou mais mentir. — Encarou-o, séria. — E quando você perguntar se mantém ou tira a barba, terei de dizer a verdade.

Sante expressou surpresa no olhar.

— Não fico bem sem barba?

— Prefiro não responder.

— Ah, claro, já que não vai mais mentir. — Considerou, erguendo-lhe o queixo para encará-la. — Fico feio?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é lindo de qualquer jeito.

— Aham, sei.

— É verdade.

— Certo, acredito nisso. — disse, com ar divertido.

— Mas prefiro com barba, porque aí não fica com cara de bunda. — Ela fez uma careta engraçada.

— Ok, a barba fica.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Melissa estava no barco, remando e remando para alcançar a margem de uma ilha com árvores de marshmallow. Brenda e Jerônimo a esperavam à beira do mar, abraçados às pernas de Sante. Faltava pouco para ela se juntar a eles e a saudade e a vontade de abraçá-los a fazia sorrir contra o vento. De repente o barco começou a sacudir muito forte, cada vez mais forte, e Melissa segurou firme os remos, batendo-os contra a água.

Até que o barquinho virou.

— CARALHO, NÃO POSSO MORRER TODA MIJADA!

— Mel, acorda! Você tá sonhando.

Abriu um olho e viu Sante sobre si, segurando-a nos ombros.

— Era você quem tava sacudindo o barco?
— indagou, zonha de sono.

— O quê? — Ele a fitou, intrigado e, notando que ela estava sonolenta, falou: — Temos um problema.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, meu Deus, a Geraldine descobriu que não somos casados! — Apavorou-se.

Viu-o crisar a boca e ficou em dúvida se era uma expressão de contenção de risada ou de impaciência. Talvez as duas opções.

— Somos casados de verdade, Mel.

— Hã? — Sentou-se na cama, assustada. — Você aumentou o meu salário?

— Nós somos casados, — repetiu — e você tava sonhando.

Ela esfregou os olhos e bocejou alto.

— Uma ilha de marshmallow. — Balbuciou.

— Depois me conta o sonho na tal ilha, agora tenho que correr para o celeiro. — disse ele, vestindo o robe e os chinelos.

— O que aconteceu? — Pôs-se em alerta, sentando rapidamente na cama.

— Um princípio de incêndio.

— Espera, hômi, vou com você!

Melissa pulou da cama e tropeçou no tapete. Sante a segurou pelo braço antes que caísse.

— Acho que ainda não tô acordada...

— Nem vestida. — Estendeu-lhe o robe de seda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que foi um curto-circuito?

— Não sei, Mel. — Balançou a cabeça em negativo.

— Você não me parece apavorado.

— O Murilo tava meio alto quando me ligou, talvez o incêndio seja coisa da bebedeira dele. Mas terei que ir até lá para ter certeza disso.

— Certo.

Sante a pegou na mão, e saíram para o corredor.

— Gosto muito do celeiro, não quero perdê-lo. — Ela lastimou, procurando acompanhar as passadas largas do marido.

— Por que gosta de lá, se só tem feno, palha e sacos de ração? — Lançou-lhe um olhar malicioso.

— É o nosso celeiro da sacanagem, ora. — Piscou o olho pra ele.

Atravessaram o gramado que separava o casarão de um dos estábulos, caminharam de mãos dadas mais um pouco e avistaram o celeiro intacto, recortado ao fundo pelo céu estrelado.

— Tudo certo. — Constatou Sante.

—Murilo bebum. — Melissa balançou a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça, imaginando o velho treinador abraçado a uma garrafa de cachaça, passando trote no patrão.

Sante puxou a corrente de ferro e empurrou as portas duplas para trás. Apertou o interruptor e, de repente, surgiu a iluminação de lâmpadas vermelhas.

— Uau, parece um puteiro! — Exclamou ela, empolgada. — Sempre quis saber como é um puteiro. Você me leva a um puteiro?

— Não. — Franziu o cenho, olhando-a com estranheza.

— Tá, não se fala mais em puteiro hoje. — Sorriu sem jeito, encolhendo os ombros. — Bem, nada de incêndio no celeiro. — Verificou a instalação intacta, aspirando o odor característico do lugar tão rústico quanto o próprio dono.

O silêncio que se seguiu a fez se voltar para Sante, reconhecendo o seu olhar perigosamente selvagem.

— É agora que ele vai pegar fogo. — Sentenciou o fazendeiro, olhando-a com ardor.

Ele a tomou nos braços e a beijou com violência, levando-a para dentro.

— A história do incêndio era mentira? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Perguntou ao se afastarem quando ele a soltou.

— Mentira, não. — Sorriu, com ar de zombaria. — Mentira é traição, coisa feia, meu amor. O que eu fiz é algo como criar uma história e, no nosso caso, erótica. — Mordeu-lhe de leve a ponta do nariz.

— Erótica é uma palavra bonita. — disse ela, debilmente, admirando os lábios sorridentes do marido. Por um instante, imaginou se o diabo também sorria daquele jeito, um diabo, por certo, como uma entidade altamente sexual.

— Shiiiu... — Levou o dedo aos lábios antes de lhe ordenar. — Me espera aqui.

Ele fechou as portas e as acorrentou do lado de dentro. Depois pegou um feixe de cordas e parou a meio caminho, falando numa voz suave:

— Tira o robe devagar, deixando-o deslizar pelo seu corpo. — Os olhos azuis brilhavam enquanto a via se desnudar.

O fato de Sante tê-la acordado de madrugada para trepar dizia muito daquele homem que, além de seu marido, era-lhe o amante.

— Sim, amorzão. — Melissa estava excitada até o último fio de cabelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amorzão? — Ele estreitou os olhos com ar sarcástico. — Me chama de sr. Ferrari, garota. — falou num tom superior.

Por favor, me come agora.

— Sim, sr. Ferrari. — Lastimou não ter arrumado o cabelo nas marias-chiquinhas.

Ele se aproximou e roçou os lábios entreabertos nos dela. Melissa sentiu o cheiro de champanhe do hálito de Sante, que lhe mordiscou o canto da boca.

Ao se afastarem, ela disse:

— Quero champanhe.

Ele a olhou como o patrão a um serviçal.

— Você só vai beber quando eu permitir.

— Ah, mas Sante... — Parou de falar no meio da frase ao vê-lo arquear uma sobrancelha como se a desafiasse a lhe desobedecer. — Obrigada, sr. Ferrari.

Viu-o cortar uma parte da corda, separando-a do resto e a dobrando em duas no mesmo comprimento, fazendo um nó nas pontas. Ele então se inclinou, cingiu-a nela e atravessou uma das tiras duplas pelo meio das outras, puxando-as, dando um nó na corda em torno da cintura.

PERIGOSAS ACHERON

Vê-lo amarrá-la a excitou.

A tira dupla da corda, presa com um nó na enrolada na sua cintura, foi puxada para trás, apertando levemente a vagina.

Melissa gemeu quando Sante puxou a corda, pressionando-lhe o sexo.

Segurando a corda entre as pernas dela, Sante abaixou a cabeça e sussurrou:

— Você não terá um casamento comum, sra. Ferrari. — Ele puxou a corda por trás, friccionando-a no clitóris.

Ela arfou e quase perdeu o equilíbrio, agarrou-se no braço dele.

— Não? — Perguntou, respirando pesado, olhando-o com veneração. — Me diz, por que não?

Viu-o esboçar um ar maliciosamente cruel quando tornou a esticar e deslizar a corda no botão duro e sensível, vendo-a estremecer.

— Prometo estar contigo na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza,— Ele a mordeu no lóbulo da orelha — oferecendo a você, somente a você, Melissa, o meu amor e uma aventura erótica em todos os dias de nossas vidas, — Esfregou a barba no contorno do

pescoço dela — até que a morte nos separe.

— Oh, Jesus!

A corda foi esticada para trás, parte dela entre as nádegas, separando-as. Ela deitou as costas contra o corpo dele, e Sante agarrou-lhe os pequenos seios e lhe massageou cada bico com a palma da mão calejada. A combinação da maciez de sua carne com a aspereza da mão dele era explosiva e sexualmente devastadora.

Quando ele se afastou, ela sentiu o alívio da pressão da corda contra o sexo e o ânus, mas também a falta, o vazio e o calor do tesão.

Virou-se para vê-lo trazer a taça de champanhe e, na outra mão, o lubrificante à base d'água. Ele soltou o cinto do robe, que se abriu relevando o pau grande ereto coroado pelos tufo de pelos castanhos.

— Um brinde ao rabinho delicioso da minha moleca. — Piscou o olho para ela, erguendo a taça.

Ela sorveu o champanhe num gole só, observando a movimentação de Sante ao retirar o tubo de K.Y da embalagem. Ele o apertou sobre os dedos, lambuzando-os, e depois a encarou com ar sacana.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se inclina com os cotovelos na mesa.

— Sim, sr. Ferrari.

Obedeceu-lhe, debruçando meio corpo sobre a mesa de madeira cheia de tralhas de montaria.

Sentiu-o passar o lubrificante ao redor da abertura enrugada e, em seguida, ele enfiou os dedos indicador e médio no rabo dela, bem fundo, arrancando-lhe um gritinho rouco.

Ele começou a masturbá-la no cu, metendo e retirando os dedos num ritmo cadenciado, e ela sentiu o calor se espalhar pelo corpo, um calor molhado irradiado do ânus que desceu para as panturrilhas e subiu febrilmente pela coluna, alastrando-se para os seios cujos bicos sensíveis se enrijeceram. Contorceu-se ao redor dos dedos dele, clamando baixinho.

— Você vai me fazer gritar de novo, seu filho da puta tesudo!

Sante a mordeu no ombro.

— Preparada pra gozar?

Ela fez que sim com a cabeça, sentindo a glândula larga cutucando o cu enquanto ele manipulava a corda debaixo da sua boceta.

Melissa afastou as pernas, apertando a boca

PERIGOSAS ACHERON

com força numa vã tentativa de deter o prazer mais tempo dentro de si, concentrado debaixo da pele, singrando por suas veias, latejando em cada terminal nervoso.

Então ele empurrou o pênis numa estocada firme, que venceu a resistência da musculatura anal e se acomodou no fundo dela. Ela se curvou para frente, quase sucumbindo às investidas duras enquanto ele mexia a corda que a bolinava no clitóris. Suplicou feito uma gatinha sedenta por mais, mais prazer, mais dor, mais domínio, mais loucura, mais Sante Ferrari.

Ela não podia se mexer, presa entre a mesa e o corpo do homem, açoitada pelas punhaladas no rabo e a pressão torturante da corda na boceta. Expeliu seus fluidos num gozo intenso que lhe escorreu pelas coxas.

Ao vê-la atingir o orgasmo, Sante largou a corda e a segurou pelo quadril, bombeando o pau no rabinho empinado. Ela sentiu as bolas macias e pesadas esmagadas contra as suas nádegas. Virou a cabeça para trás e admirou a contração muscular das coxas masculinas no movimento frenético de vaivém que culminou num urro grave e rouco, urgente e desesperado como o de um lobo se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saciando da deliciosa presa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Magnólia parou diante da mesa de Sante e esperou que ele terminasse de digitar no notebook para dizer:

— Patrão, temos um problema.

Ele quase sorriu ao ouvi-la, lembrando-se da noite anterior quando inventou um incêndio para levar a esposa ao celeiro da putaria em plena madrugada. Por um momento, cogitou abortar o plano, afinal, a pobrezinha dormia profundamente. Mas ele era mais pervertido do que gentil.

No final das contas, Sante dormiu por duas ou três horas e logo o despertador o tirou da cama para o trabalho.

Agora, a governanta esperava por sua atenção. E, entre um bocejo e um cigarro, ele a encarou.

— Você pode resolvê-lo?

— Sim, mas preciso da sua permissão.

— Ok.

— A Veridiana precisará se afastar do

trabalho por dois ou três dias.

— Mas ela voltou de férias mês passado, não?

— Verdade. Mas é questão de morte na família. — disse Magnólia, num tom de pesar.

Sante não sentia empatia pela expressão “morte na família”, pelo menos antes de ter a sua própria. Durante anos ouviu um ou outro mencionar o luto pela perda da mãe ou do pai, alguns de irmão, irmã, primo, quem fosse. E, para ele, nada significava, esse tipo de perda não o afetava sentimentalmente. Mas agora conseguia pelo menos entender o que as pessoas sentiam ao perder alguém que amavam. Embora, na situação de Veridiana, que não era mãe, ele tivesse que se esforçar para se compadecer do seu luto.

— Mãe ou pai? — perguntou, secamente.

— Nenhum dos dois, foi a irmã dela quem morreu.

— Entendi. A Veridiana tá afastada da família faz anos, não?

— Sim, e não pretendia comparecer ao velório nem ao enterro da irmã.

— Então não temos problema. — Rebateu,

voltando-se para o formulário de inspiração de Bolt, um dos descendentes de Imperador, para a competição do Grande Prêmio São Paulo de turfe.

Ele notou que a governanta continuou parada como se esperasse prosseguir com a conversa.

— É que a Veridiana tava brigada justamente com a irmã que morreu. Acho que a minha amiga tá sofrendo muito. — Esfregou as mãos, demonstrando ansiedade.

— E por que ela não vai ao enterro da dita cuja? Se precisa de apenas três dias, tudo bem. Você manda a Bianca assumir o posto de cozinheira, e eu contrato uma arrumadeira temporária.

— Não sei se o senhor lembra, mas a Veri é de uma cidadezinha a seis horas daqui.

— Bem, como eu disse, ela tá liberada. — disse, secamente.

— Muito obrigada. — Sorriu, mas não se moveu do lugar. — Tem outra coisinha.

— O ideal é que vá direto ao assunto, dona Magnólia, assim a gente não perde tempo com pausas de suspense. — disse, contendo a impaciência.

— É que eu preciso ir com ela.

— Impossível.

— Ela não irá sozinha, tampouco conseguirá enfrentar a família sem o apoio de uma amiga. — Argumentou.

— A minha casa não ficará desfalcada de duas funcionárias. Agora, sim, eu sinto muito.

— Antes não? Não sentiu pela perda da Veridiana? — Arregalou os olhos, incrédula.

— O assunto não é esse. — Saiu pela tangente. — Se ela não quiser ir ao enterro, o problema é dela. Cada um sabe o que é melhor para si, e eu sei o que é melhor para a minha fazenda. O que significa que não ficarei sem a cozinheira e a governanta.

Ele ia completar o seu pequeno discurso, avisando-a de que em breve teriam uma funcionária a mais, pois tinha a intenção de contratar uma babá. Mas antes que abrisse a boca, Melissa entrou no escritório. Ela estava sorridente, de marias-chiquinhas como um moleca safada que era, pois sabia que usava penteado infantil para provocá-lo, usava short jeans curtinho e uma regata branca. Dava para notar a saliência dos mamilos e a

pontinha dura dos bicos contra o tecido de algodão.

— Economizando no sutiã? — Foi a sua vez de implicar com ela, admirando-a com malícia.

— Queimei todos. — Devolveu-lhe com um sorriso endemoniado. — Bem, comunico a todos do recinto que eu ouvi a conversa de vocês atrás da porta. — Declarou de modo teatral, sem vergonha alguma na cara. — E me ofereço como acompanhante de programa da Veridiana!

— Acompanhante de programa, Melissa? — Magnólia falou como se a visse pela primeira vez.

— Ué, vou acompanhá-la no programa de família, família morta, mas família. — Ela considerou-se, sem graça.

— A Veridiana é adulta, se vira sozinha, e você tem que estudar para o vestibular local. — Determinou Sante, tentando pôr um fim na conversa.

— Ontem a gente conversou sobre a sua mania de mandar em mim. A vida não é só vestibular e faculdade. Quero dar uma força para a Veri, coitadinha.

— Faça como quiser. — Ele voltou a sua atenção para a tela do computador.

— Claro que vou fazer como quero. Eu, hein! Inclusive já vou arrumar as minhas malas e as da Brenda. — E, voltando-se para Magnólia, determinou: — Foda-se a casa, você cuida do Je até eu voltar.

— Eu vou cuidar do nosso filho, Mel. — Ele se sentiu incomodado com a sua decisão de viajar. Contudo, arranjaría briga com ela se tentasse impedi-la. — E o Paulão vai levar vocês duas.

— Pode ser o Murilo?

— Sim, mas por quê?

— É que confio mais nos coroas. — Melissa sorriu, com ar travesso.

— Bem, então irá com o Paulão mesmo. — Ela voltou a trabalhar.

— Ai, que bosta! — bufou.

— Patrão, não quero me intrometer, mas o Paulão corre demais da conta na rodovia.

Sante encarou demoradamente a esposa.

— Você sabe que o Murilo tem quase setenta anos, não é?

— Pra falar a verdade, sessenta e um. — Interveio a governanta solicitamente.

— Que seja. Entenda que coroa sou eu, o

Murilo é Matusalém. — Sante afirmou, sério, o olhar firme no dela.

— Tudo isso é ciúme, Ferrari?

— Não, Mel, é só uma informação de utilidade pública.

— É ciúme, cabra. Admita! — Ela foi até ele e sentou no seu colo. — Adoro isso! Me sinto irresistível.

— Você é irresistível. — A mão grande a segurou em torno do seu pescoço quando ele a beijou na boca.

Ouviu um pigarro forçado.

— Vou... Vou à cozinha avisar a Veridiana sobre a viagem.

— Vê se cuida bem das duas, ok?

Veridiana sentou no banco do carona ao lado de Murilo, enquanto Melissa se acomodou no banco traseiro, com Brenda na cadeirinha, da cabine dupla da picape.

Sante deu uma olhada no velho treinador, que usava um Stetson surrado e um tênis preto da PERIGOSAS ACHERON

Nike. *Hmm, até que o cabra é ajeitadinho*, considerou, embora tivesse catorze anos a mais que ele e, em relação a Melissa, o quadro era bem pior, quarenta e poucos anos de diferença.

Por via das dúvidas, achou por bem ter uma conversinha com o caubói sedutor da terceira idade.

— Cuida da Mel como se ela fosse a sua filha, ok? Confio em você.

— Deixa comigo, patrão. Vou levar e trazer a menina Mel em segurança.

— Ela é um pouco distraída e muito inocente. Não a interpreta mal quando ela sorrir demais ou brincar ou até mesmo te elogiar. É coisa de menina do interior mesmo, não tem malícia.

— Ah, eu sei bem disso. A Mel é uma florzinha. — Sorriu.

— Sim, uma flor do meu jardim, só meu, jardim particular com cerca elétrica e escopetas por todos os lados. — Sorriu também, mostrando todos os dentes.

— Nossa mãe, o senhor parece um tubarão sorrindo. — Ele se benzeu.

— E você bem sabe o que um tubarão faz com os engraçadinhos que se metem a nadar onde

não devem.

Murilo estreitou os olhos, pensativo.

— Por acaso o patrão acha que vou dar em cima da menina Mel?

— De jeito nenhum. — Bateu com a mão amistosamente no ombro dele. — Claro que não, amigo.

— Por um momento, pensei que tava em apuros. — Riu-se, com ar gozador.

— Claro que não, treinador. — Levantou a aba do Stetson com dois dedos, despedindo-se do outro, com um sorriso sarcástico.

Melissa correu e se atirou no colo de Sante, cruzando as pernas em torno da sua cintura.

— Garoto lindo, voltarei em dois dias. — Beijou-o na boca e, ao se afastar, falou: — Cuida bem do nosso bebê, tá?

— Vou levá-lo comigo para a lida, preciso treinar o moleque desde cedo para assumir a fazenda.

— Vixe, isso vai demorar. Você é centralizador e muito jovem para se aposentar.

— Não sou jovem. — Torceu a boca num esgar de amargor.

— É, sim. Velho é o Murilo. — Riu-se.

Sante deu uma olhada no treinador, que conversava com Veridiana diante do mapa rodoviário aberto. Parecia que ela lhe dava ideias sobre os melhores atalhos na estrada.

— Aquele lá tem idade pra ser o seu avô, nem levanta mais o mastro, deixou de ser patriota.

— Oh, coitado. — O ar de piedade cedeu às gargalhadas.

Depois foi a vez de ele se despedir de Brenda. E ver as duas mulheres partirem, não o deixou nada bem.

Abraçou a filha com força até ela reclamar.

— Vai se soltar da mão da mamãe?

— Não vô.

— Vai fugir dela e nunca mais voltar para a fazenda?

— *Julo* que não. — Cruzou os dedos e os beijou.

— Aproveita o passeio, tá?

— Vem junto, *paiê*. — pediu, apertando as bochechas dele.

— Preciso cuidar do Je e dos cavalos.

— E o meu *cavalio*?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá chegando. — Deu-lhe mais um abraço e a pôs no chão. — Te amo, filha. — Declarou, admirando os olhinhos brilhantes da garotinha.

Antes que Melissa sentasse no banco de trás ao lado de Brenda, Sante a puxou pelo antebraço e a abraçou longamente.

— Vai ser foda dormir e acordar sem você.

— Se quiser, posso ficar.

— Não vou impedi-la.

— É que a Veri precisa de mim, é minha amiga e tem uma família que não presta.

— Acho bonito você apoiar a Veridiana, mas procura se preservar também.

Beijou-a nas pálpebras.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Duas horas depois, Murilo parou numa lanchonete para lancharem e usarem o banheiro.

Melissa levou Brenda pra fazer xixi e a suspendeu acima da privada. Aproveitou depois para ter uma conversa com a mocinha enquanto lavava as mãos dela.

— A Veri tá triste, porque perdeu a maninha dela.

Brenda olhou séria pra ela.

— A maninha dela se *pedeu* no *shopis* como eu?

Ela se ajoelhou diante da menina.

— Você sabe o que é morrer, né?

— É *vilá* anjo.

— Quem disse isso?

— Tia Mag.

Ok, melhor manter essa versão.

— Pois é, quando a gente vira anjo, fica invisível, e as pessoas vivas sofrem, porque não

vêm mais as que morreram.

Brenda a encarou longamente, parecia pensar a respeito de modo concentrado. Era incrível o nível de inteligência da Ferrarinha, parecia uma adolescente nerd no corpo de uma criança.

A pequena pôs as mãos na cintura, juntou as sobancelhas e a enquadrrou com severidade:

— Nada de papo de anjo. E o *cavalio*?

— O quê?

— *Vô cuidá do lancho do pai, quello o cavalio igual dos pidões.*

— Peões.

— O Tio *Mulilo* andava no *cavalio* com cinco anos. — Estufou o peito, toda cheia de si.

— E daí? Você não tem nem três...

— Mas sou menina, *aplendo mais melhor.*

— Hmm, isso é verdade. — Admitiu.

Elas voltaram de mãos dadas para a mesa. Notou o silêncio pesado entre o treinador de cavalos e Veridiana. Eles eram amigos havia anos, mas a cozinheira, naquele momento, havia se fechado em concha. A melancolia era visível no seu

olhar sem brilho. Havia um ar de fragilidade em torno da sua armadura de mulher forte e independente.

Magnólia havia-lhe dito que Veridiana não queria rever a família e a ideia inicial fora a de ignorar o e-mail avisando-a da morte da irmã. O pai escreveu um texto curto e seco à filha que anos atrás deixou a sua casa. Mas ninguém, no Rancho Ferrari, sabia o motivo de ela cortar laços com a sua família.

— Ainda bem que não tá chovendo. — Melissa não sabia realmente o que falar.

— Mas vai começar a chover a qualquer momento. — disse Murilo, fazendo sinal para o garçom.

Ela se voltou para Veridiana, que estava imersa nos próprios pensamentos, enquanto dobrava e desdobrava o guardanapo de pano.

— Posso ser abelhuda? — Melissa a sondou, com um leve sorriso.

A outra ergueu os olhos para ela e se antecipou, dizendo:

— A minha irmã bateu o carro contra um

PERIGOSAS NACIONAIS

poste de luz, tava bêbada, voltava de uma confraternização da empresa onde ela trabalhava. Era isso que queria saber?

— Sim, achei estranho alguém morrer subitamente aos 37 anos.

— Pensei que a Simone tinha parado de beber. — Comentou Murilo, fitando Veridiana com o cenho franzido. — Às vezes, o diagnóstico de doença no fígado faz o camarada rever certos vícios.

— Ela era viciada em ter vícios. — Veridiana disse, de um jeito triste e, de certo modo, irônico. — Ainda bem que encontrou um poste de concreto pela frente e não uma pessoa.

— E como estão os seus pais? Quero dizer, imagino que estejam péssimos, mas ela era a única filha que morava com eles.

— Murilo, o meu pai só escreveu no e-mail que a Simone tinha sofrido um acidente de automóvel fatal e o enterro seria hoje. Me mandou o horário e o endereço do cemitério e nada mais.

— Você precisa mais uma vez ser forte. — Ele a fitou longamente, e Melissa teve a impressão

PERIGOSAS ACHERON

de que não havia apenas amizade entre eles.

Quando o garçom chegou, cada um fez o seu pedido. Até mesmo Brenda que, se sentindo “A Adulta”, pediu um pão de queijo que comeria depois de tomar a mamadeira.

Notou o olhar de carinho de Murilo para a Ferrarinha quando ela deitou no colo de Melissa e tomou nas mãos a mamadeira de leite.

— Já pensou em ter uma Murilinha? — Ela o provocou.

— Bem que eu queria, mas tô velho demais pra ser pai.

— Parece o Sante falando. — Riu-se. — Ele me dizia que tava velho demais pra ser o meu namorado.

Melissa percebeu o olhar vazio de Veridiana. O corpo dela estava lá, atirado na cadeira da lanchonete, mas a alma parecia em outro lugar, talvez até mesmo em outro tempo, no passado.

— Por que saiu de casa? — Ela perguntou à cozinheira.

Veridiana a fitou com seus olhos sem emoção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mesmo que você seja a minha patroa, eu prefiro não contar. — Sorriu, levemente.

— O Sante é o seu patrão; eu sou a sua amiga. — Pegou-a na mão. — Quando a gente fala o que sente, o que nos causa aflição, é mais fácil suportar a dor.

— Foi assim que fez ao perder os pais?

— Não tive chance, Veri, ninguém queria me ouvir. Mas você tem a mim e ao Murilo. E, lá em casa, também a Mag.

— Eu sei... — Veridiana baixou os olhos parecendo considerar a sugestão de desabafo. — Eu realmente não queria voltar a vê-los e tô fazendo isso por obrigação. A Magnólia encheu a minha cabeça, dizendo que eu precisava pôr um ponto final nessa história. — Suspirou, resignada.

— A Magnólia tá certa. — Afirmou o treinador.

— Eu sei que sim, mas... não é fácil reencontrar o próprio passado. Minha vida agora é outra, no Rancho do sr. Ferrari com o povo de lá, gente que me admira e respeita.

— Gente que te ama, moça. — Salientou

PERIGOSAS ACHERON

Melissa. — Simpatizei com você assim que a vi, o contrário do que aconteceu com a Mag, que me irritou um pouquinho.

— A Magnólia é toda certinha, e esse comportamento irrita as mulheres alopradas como nós. — Veridiana brincou, esboçando um sorriso.

— Oh, me chamou de mulher!! Muito obrigada! — Melissa exclamou, entusiasmada. — Acho que é a primeira vez que alguém me chama de mulher.

— E te chamavam de hõmi, é? — zombou Murilo.

— Pior que isso, de garota, moleca... coisa do Sante. — Ela fez uma careta, de contrariedade.

Brenda terminou de mamar no instante em que o garçom retornou à mesa, trazendo as xícaras de café e o pão de queijo dela.

— É pequeno. — A garotinha fez beijo.

— Por favor, pode trazer mais dois desses? — Melissa pediu ao garçom. — Depois a Mag vem me dizer que as suas roupas encolheram, aham, isso mesmo. Come feito um mamute, e as roupas é que são as culpadas. — Ela se voltou para Veridiana

que as fitava com olhar carinhoso: — A nossa governanta preferida adora dar bola fora, mas dessa vez ela acertou em cheio. Você ia ficar em casa remoendo a culpa de não ter ido ao enterro da sua irmã, e isso é uma coisa que não tem como reparar depois.

— Minha irmã era uma vaca. — O tom de voz era suave quase terno. Depois de sorver um gole do café com leite, repetiu: — Uma vaca que mereceu morrer.

Capítulo 21

— É essa casa, Veridiana?

Murilo parou diante de um casarão estilo colonial, de dois andares, e um amplo jardim.

— Sim, é aqui mesmo. — disse ela, parecendo tensa.

— Poxa, você é rica!

O bairro residencial era afastado do centro da cidade. Casas de alto padrão, gramados bem aparados, jardins bem-cuidados, asfalto novo e o silêncio típico dos lugares mais reclusos e sofisticados.

— Não sou rica, minha família que é... coisa de herança. — Ela saiu da picape e endereçou um frágil sorriso à Melissa. — Prefiro entrar sozinha, ok?

— Vim para te dar uma força. — Argumentou Melissa.

— Eu sei, minha linda, mas não tô fraca, só não queria vir ao enterro da cretina.

Melissa endereçou um rápido olhar a Murilo

e era do tipo que pedia ajuda.

— Você é quem sabe. — Essa foi toda a ajuda que recebeu do treinador.

Ela então teria de ser mais enfática.

— A gente te acompanhou na viagem por causa deste momento. Não quero que te maltratem.

Veridiana pegou a mão dela entre as suas e foi firme ao declarar:

— Eles me maltrataram no passado, mas agora não têm mais esse poder sobre mim. Mas já que fui coagida a vir, aproveitarei pra lavar a roupa suja.

Ela sentiu a mão de Murilo no seu antebraço.

— Ela tá certa, menina Mel, vamos à praia.

— Tem *cavalio*?

— Não, Brendinha, só cavalo-marinho. — disse o treinador, com ar divertido.

— E dá pra *montá*?

— É meio complicado, só se você fosse uma sereia. — Brincou.

— Ah, *dóga*, não *sô*. — Bufou, dando de ombros, contrariada.

Melissa sentou no banco do carona e colocou

PERIGOSAS NACIONAIS

Brenda entre ela e o motorista. Meio minuto depois, a garotinha já estava fuçando no painel eletrônico da picape, tagarelando e chamando a atenção de ambos quando via um caubói num cavalo na rua quase vazia em direção ao centro da cidade.

O vento encapelava o mar e juntava as nuvens acinzentadas, escurecendo rapidamente o céu.

Eles caminhavam pela areia da praia, observando o vaivém das ondas.

Murilo ajeitou o chapéu pra baixo a fim de não o perder da cabeça.

— Parece até que a Veridiana é insensível quando chama a irmã morta de vaca, mas ela não é.
— Ele apertou a boca e tal gesto lhe acentuou as rugas.

— Não pensei nada parecido com isso, mas não nego que me assustei com tom de ressentimento dela.

— É que a Simone era uma vaca. —
Afirmou ele, balançando a cabeça num meneio que sugeria pesar. — E com isso tô ofendendo a mulher

PERIGOSAS ACHERON

do boi.

— Por acaso a falecida teve alguma coisa a ver com a saída de Veridiana de casa? — perguntou, vendo Brenda correr à sua frente, batendo os pezinhos na água que se espalhava à beira da praia. — Corre, mas não vai muito longe, ô Ferrarinha! — Alertou-a, segurando-lhe os tênis.

— Acho melhor a Verdiana te contar toda a história.

— É aquela do marido carteiro que a abandonou e foi morar com outra na capital?

— Quem lhe disse isso?

— A Bianca. — *Ô bosta, acabei de entregar a arrumadeira.*

Murilo pareceu ponderar por um instante.

— Essa história é inventada.

— O quê?

— Não posso contar a verdade sem a autorização da Veridiana que, por sinal, inventou essa história para a Magnólia. E, pelo visto, passou adiante.

— Talvez tenha sido por isso que a Veridiana mentiu, devia saber sobre o telefone sem fio do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Haras Ferrari.

— O interior é o reduto dos fofoqueiros, principalmente, nas fazendas. — Ele esboçou um sorriso sem graça.

— A Veri confia muito em você, né?

— Acho que sim. — respondeu, olhando adiante para o mar a se perder de vista.

— Vocês são namorados?

Ele não se abalou com a pergunta.

— Somos, sim. — respondeu, orgulhoso.

— E você não se importa que ela saia com os outros caubóis?

— Ela não sai, Mel.

— Ah, bom, é que...

— Sei o que tá pensando, — ele a fitou com olhar divertido — naquele discurso besta dela, que traça todos, que só quer sexo selvagem, que pega a peonada e etecetera. Bem, é tudo encenação. A gente tá junto faz tempo, só eu e ela, e tá bom assim.

— Fico muito feliz pelos dois, viu? E, sinceramente, nunca conheci um cabra tão maduro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como você, que não se importa da sua mulher inventar namoricos. — Riu-se.

— Haja maturidade pra aguentar. — Ele ofereceu-lhe um sorriso sem jeito. — O patrão, por exemplo, já teria mandado bala nuns quantos peões.

— É mesmo. — Mordeu o lábio inferior, pensativa. — Eu não sou doida de inventar esse tipo de história, não.

— Pois não seja. O cabra meio que me ameaçou antes de sairmos em viagem.

— Ele fez o quê?

— Me enquadrrou legal. — Riu alto. — Nunca vi aquele hõmi tão besta de amor. Aliás, pensei que no lugar do coração, ele tivesse uma ferradura no peito.

— Óin, como é lindo o meu maridão! — Exclamou, encantada.

Murilo a fitou como se Melissa fosse tão doida quanto Veridiana.

PERIGOSAS ACHERON

Eles se hospedaram num hotel de frente para a praia. E, horas depois, Veridiana bateu à porta do quarto de Melissa.

— Me desculpa não a convidar pra ficar na casa dos meus pais. — Ela estava um bagaço.

— Se quer saber, eu já contava em ficar num hotel, ainda mais que tô com a dona Brenda. — disse, ouvindo-a pular na cama, soltando gritinhos de felicidade.

— Posso entrar?

— Claro. Vem, temos muita bebida no frigobar.

— Ótimo, tô precisando encher a cara.

Melissa fechou a porta e, ao se voltar, notou que a camiseta de Veridiana estava rasgada como se tivesse sido atacada. Engoliu em seco, imaginando o que aconteceu de tão dramático no seu passado que ainda a perseguia no presente.

— Te machucaram, Veri?

A cozinheira tinha trinta anos de idade e uma beleza devastada de sofrimento. Não era órfã como Melissa, Sante e Brenda, cuja mãe falecera. Pior do que isso, Veridiana tinha os pais vivos, mas o

PERIGOSAS NACIONAIS

vínculo entre os três parecia ter morrido, sucumbido a algo que os distanciou.

Órfãos de pais vivos velavam a falta de amor todos os dias.

— Você quer ouvir uma história feia?

Melissa respirou fundo e fez que sim com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

O copo de Veridiana tinha uísque e gelo e, no de Melissa, champanhe. Mas a bebida não foi servida para um brinde, tampouco uma comemoração, e sim para amenizar a aridez da conversa.

Depois de sorver um bom gole da bebida, Veridiana respirou fundo e sentou numa postura de meditação. Ela, no entanto, não tenciona meditar.

— Um dos meus tios foi o primeiro a concluir o ensino superior, o irmão preferido da minha mãe. A família dela era pobre, os pais trabalhavam numa escola como porteiro e merendeira. O meu tio, portanto, foi a realização de um sonho e o desvio de um padrão de pobreza e falta de perspectiva. Ele então se tornou um bem-sucedido pediatra. Ganhou muito dinheiro e melhorou a vida dos meus avós. Levou-os para morar numa casa de um excelente bairro. E foi através dele que a minha mãe conheceu o meu pai, que era dono do escritório contábil que prestava serviço ao meu tio. — Ela fez uma pausa antes de PERIGOSAS ACHERON

continuar: — Um dia, o meu tio se divorciou e, até arranjar apartamento novo, ficou com a gente. Minha mãe nos encheu de regras de comportamento, em especial, para respeitá-lo, não gritar, nada de música alta, amigas dormindo lá em casa, ou seja, transformou a nossa casa num lugar silencioso. O tio era legal e sempre tinha balas e chocolates para nos dar. Parecia aqueles vovôs de filme, os mais queridos, de bochechas rosadas e olhar bondoso. Só que ele tinha trinta e poucos anos, não era um velhinho.

O tom de voz da cozinheira era lento, de confissão, o timbre tão suave que embalou o sono de Brenda, deitada na cama de casal.

— Você quer realmente se abrir comigo? A gente não precisa tocar num assunto que te machuca, tá?

— Como você, que não fala sobre os seus pais? — Encarou-a diretamente. — Uma hora será a sua vez de desabafar, de pôr pra fora o que tá preso aí no seu peito, essa angústia estranha que sentimos e não conseguimos decifrar de onde vem.

— Eu era uma criança quando fiquei órfã, quase não me lembro do que aconteceu. —

Desconversou.

— Bom, se não vai compartilhar comigo a sua dor, continuarei fingindo que sou uma bruta safada que tá sempre rindo e disposta a dar uns tabefes em quem me chateia. — falou num tom doce, embora a fitasse através das pálpebras semicerradas num ar de provocação.

— Tudo bem, mas vamos começar por você.

Essa mulher é tinhosa e não vai largar do meu pé, pensou, vendo-a beber mais um gole de uísque parecendo reunir coragem para falar.

— Quando os meus pais saíam para jantar com amigos, o meu tio se oferecia para cuidar de mim e da minha irmã. A gente tinha uma cabana no quarto, um presente que ele mesmo nos deu. Então a brincadeira era fingir que estávamos na praia. — Ela parou de falar e fitou as mãos antes de continuar. — Uma praia de nudismo, ele dizia. — Firmou os olhos em Melissa. — Ficávamos nus, os três, o pediatra e as crianças. Eu tinha seis anos, e a Simone, oito...

Melissa estendeu a mão para pegar a dela numa demonstração de solidariedade.

— Respira fundo, Veri.

— Tá tudo bem, eu preciso fazer isso, sabe? Preciso falar que ele mostrou o pênis e fez sexo comigo e com a minha irmã, que eu vi ele machucando ela, que eu fiquei quieta olhando e não entendendo se era certo ou errado, mas sentindo que era ruim, muito ruim. Ela chorou. Eu chorei. Ele não chorou e nos encheu de brinquedos e roupas. A gente aceitou os presentes, a única condição para ganhá-los era manter em segredo o que fazíamos toda vez que os nossos pais saíam. E eles saíam várias noites por semana.

Melissa sentiu um nó na garganta, temia ouvir o resto do relato, mas queria muito que Veridiana contasse tudo para se livrar do peso do sofrimento.

Ela então continuou:

— O tio saiu da nossa casa poucos meses depois, mas seguiu nos visitando. Eu tentava escapar dele, inventava desculpa pra visitar uma amiga ou vizinha. A Simone, não, aceitava tudo passivamente... desde que ganhasse algo em troca. Ele começou a ficar mais insistente, nos levava para viajar junto com a namorada, uma enfermeira. E, quando ela dormia, ele nos procurava pra fazer sexo. Quando eu completei 13 anos, resolvi dar um

PERIGOSAS ACHERON

basta nessa merda toda, falei pra Simone que tava errado isso, que a gente tinha que contar para os nossos pais, que o tio era um monstro. Ela concordou.

O copo tremeu na mão de Veridiana, ainda assim não desistiu de falar do seu passado.

— Minha mãe idolatrava o irmão, como eu disse, e seria devastador pra ela saber o que ele fazia conosco. Pensei em desistir, não queria que ela sofresse. Mas aí eu pensei na Simone e nas outras crianças, as do hospital e as da clínica dele, afinal, ele lidava com elas e talvez também abusasse delas. Lembro até hoje dos meus pais sentados no sofá da sala, assistindo à tevê, eu tava numa poltrona, e a Simone em outra. Aí me virei para eles e disse: “O tio Sérgio faz coisas com a gente”. Disse assim, na lata, olhando bem na cara da minha mãe. Não vi reação alguma, então insisti: “Ele faz coisas ruins com a gente quando vocês não estão”. O meu pai franziu o cenho e me perguntou: “Que merda você tá falando?” Eu olhei pra Simone, buscando apoio, queria que ela falasse também. Mas ela ficou quieta, olhando pra mim com um sorriso estranho. Não entendi o sorriso e segui em frente. Falei pro pai que ele fazia sexo com a

PERIGOSAS ACHERON

gente, desde quando eu tinha seis anos. O pai se virou para a Simone e perguntou: “É verdade o que a sua irmã falou?” Achei estranho ele ter perguntado pra ela, como se eu fosse uma mentirosa, aí pensei que ele fez isso por ela ser a mais velha. A mãe acompanhava a conversa em silêncio, parecia que nos analisava. Eu falei que era verdade, contei tudo, que ele inclusive tinha pedido pra gente não falar nada pra ninguém. Contei dos presentes e das viagens. O pai baixou a cabeça, pensou por um momento e depois voltou a enquadrar a Simone: “O que o seu tio fez?” Ela olhou para mim e depois encarou o pai e falou: “Nada, nunca fez nada”. Eu quase caí da poltrona. “Como não? Fez em você, e em mim”. Mas ela continuou irredutível: “Nunca me tocou. Ele nos ama como se a gente fosse filha dele.” Eu gritei com ela: “UM PAI NÃO PÕE O PAU NA BOCA DA FILHA”. A minha mãe me esbofeteou. A minha cabeça chegou a virar pro outro lado, foi uma bofetada daquelas. O meu pai se levantou e saiu da sala. E a Simone falou: “A Veridiana tá mentindo, porque não é a preferida do tio”. Minha mãe me pegou pelos ombros e disse numa voz baixa e ameaçadora: “Você vai parar agora mesmo

de fantasiar sujeirada com o seu tio, sua vagabundinha pervertida. Sei que não é mais virgem. Aliás, o seu apelido na escola é motosserra, não? A que põe os paus abaixo. Esse assunto acaba por aqui”. E, de fato, nunca mais falamos a respeito. Quatro anos depois, eu saí de casa e, somente assim, me livreí do cretino abusador.

— Que história pesada.

— Bem, a merda não acabou por aí. — Apertou a boca com amargor. — O tal carteiro não existiu, é verdade. O meu noivo era engenheiro, a gente tava pra casar quando ele cagou tudo. — Ela suspirou profundamente. — Eu voltava do trabalho, louca de dor nas costas, trazendo o vestido de noiva da loja de roupas alugadas. Abri a porta do apartamento onde eu morava com ele e ouvi os gemidos típicos de sexo. Sim, ele tava trepando... com a Simone.

— Mas isso é muito cruel. Como ela pôde trair a própria irmã?

— Fui traída pelos dois, Mel. Eu ia casar com um filho da puta que me traiu dias antes do nosso casamento! Bem, acabei quebrando a vassoura nos dois. E, antes de sair, a Simone disse que continuaria *provando* todos os meus homens. E

PERIGOSAS ACHERON

dito e feito, todos os meus namorados acabavam na cama dela. E, evidentemente, ela me mostrava fotos e vídeos com eles. A gente foi obrigada a dividir o primeiro, o perverso do meu tio, acho que ela ficou louca ou era apenas mais uma irmã invejosa, mas a verdade é que me distanciei da minha família por causa dela.

— E era por isso que escondia o seu relacionamento com o Murilo?

— Não sei.

— Você odeia a sua irmã?

— Acho que não. Eu só queria que ela não tivesse negado os abusos. Assim poderia ter procurado ajuda e não teria se transformado nessa pessoa tão pequena e infeliz. — Ela suspirou esboçando exaustão emocional antes de continuar: — Perdemos a chance de colocar um pedófilo na cadeia. Mas sem o apoio da Simone e desacreditada pelos meus pais, eu não tive coragem de denunciá-lo. A carreira e a imagem social do meu tio seguiram imaculadas até o dia em que ele morreu. O cretino teve uma morte rápida, não sofreu nem pagou por tudo que nos fez.

— Não olha mais trás, Veri, a sua família é

uma bosta.

Veridiana sorriu.

— Pois é, um patacão de bosta. E eu vim ao enterro da megera pra ver se tinha chance de reatar a minha relação com os meus pais. Mas o que recebi foram acusações, do quanto me isolei na minha vida, de ser arrogante e o ponto máximo foi quando eles me falaram que a Simone se perdeu, porque eu não estava aqui para cumprir o meu papel de boa irmã. Bem, mandei os dois tomarem no cu, e a minha mãe virou bicho, partiu pra cima e rasgou a minha roupa.

— Que clima, hein. Como será lá no velório? Se ela vier pra cima de você, vou ter que morder a sua mãe.

— Não sabe dar soco?

— Minha mão é pequena.

— É mesmo, Mel. — Pegou as mãos dela e as analisou. — Nossa, que mãozinhas estranhas, parecem de anã.

— Ah, cala boca, sua puta! — Deixou escapar, num tom de brincadeira, mas rapidamente se deu conta de que Veridiana era uma adulta e não uma de suas colegas de cursinho. — Desculpa, mil

desculpas, não quis te chamar de puta. Eu que sou puta, uma putinha casada que dá todo dia pro maridão tesudo. Faço tudo que ele quer, coisas bem pornôs... bem, são as que eu mais gosto, pornô sujo, sabe? Putaria pesada estilo...

— Ei, Mel, por que tá me contando a sua vida sexual com o meu patrão? — Franziu o cenho, intrigada.

— Ai, merda, fiquei nervosa por ter te chamado de puta...

— Não me importo que me chame de puta. — Riu-se. — Mas se me chamar de “tábua” só por que eu uso sutiã tamanho 40, aí desço o sarrafo.

— Suas tetas são lindas.

— Quando você fica nervosa, é engraçado demais.

— Tá me vendo gargalhar? Pra mim, é um pesadelo, ô boca maldita e cérebro amalucado.

— Ok, agora é a sua vez de desabafar.

— Vamos conversar sobre isso depois do velório.

— Não vou ao velório.

— Bem, então depois do enterro.

— Que se foda o enterro. Vamos dormir aqui

PERIGOSAS NACIONAIS

e voltar pra fazenda amanhã cedo. — disse Veridiana.

— A Mag não vai gostar nadinha.

— O problema é dela. — Encolheu os ombros, indiferente. — Agora desabafa aí o que você me deve.

— Não tenho uma história pra te contar, Veri. — disse, um tom de pesar.

— Nem vem, abre a boca e deixa sair o que te dói no coração.

Melissa endereçou um olhar de carinho para Brenda, que dormia na cama agarrada ao travesseiro. Depois se voltou para Veridiana e fez o que ela sugeriu, abriu a boca e soltou as palavras.

— Nunca falei para ninguém que quando os meus pais disseram que não me deixariam ir ao casamento do amigo deles, desejei que vomitassem no vestido da noiva, vomitassem tudo que tinham comido na recepção. — Falar sobre isso era como voltar no tempo e sentir a angústia da perda e da culpa. Levou as mãos ao rosto, dizendo numa voz embargada: — Queria que eles passassem vergonha, jamais pensei que fossem morrer. Sinto que matei os dois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus! Vem aqui, bonequinha. —
Puxou-a para um abraço. — Você os amava, jamais
desejaria de verdade a morte deles, só tava
zangada, coisa de criança.

—É o que digo a mim mesma faz anos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Melissa voltou à fazenda se sentindo mais leve. A conversa com Veridiana teve um efeito terapêutico em suas antigas feridas. Durante anos, ela preferiu ignorar o fato de que se sentia responsável pela morte dos pais. A parte racional da sua mente não acreditava que um desejo, um simples desejo no calor da frustração e da raiva, tivesse tamanho efeito na vida real. Contudo, não havia argumento que resistisse à intensidade de um sentimento. Agora, um pouco do peso lhe foi tirado dos ombros.

Ela fez uma surpresa ao marido não o avisando sobre o seu retorno um dia antes do previsto. Foi dureza ficar vinte e quatro horas longe de Sante e de Jerônimo, os homens da sua vida, e isso a levou a pensar sobre estudar fora da cidade. Era certo que seria um inferno. Talvez fosse preciso reconsiderar o plano inicial de prestar vestibular na universidade privada e investir apenas na pública e local.

— Onde tá o meu bebê? — Foi o que

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou, assim que Magnólia abriu a porta do casarão e se abraçaram. — Tá na lida com o Sante?

— Agora tá dormindo no quarto, mas ontem passou a tarde inteira com o pai, amarrado naquela mochila, naquele troço, sei lá o que é aquilo...

— Um canguru. — disse Melissa.

— Pois é o que parecia, um canguru com o seu filhotinho. — falou, de modo meigo. — Se quer saber, ele deu a papinha de almoço ao Je e depois saiu com o carrapatinho pela fazenda.

— Eu sabia que o Sante ia dar conta de cuidar do nosso bebezão. — Sentiu um tremendo orgulho do homem que, quando o conheceu, mal chegava perto da filha. — E onde tá o patrão?

— Acho que voltou ao estábulo de borracha.

— Ai, meu Deus, Mag, você adora uma piada. — Riu da governanta, o “estábulo de borracha” nada mais era que o de piso emborrachado.

— E ele não é de borracha?

— Verdade, é todo de borracha, até os cavalos. — Gracejou, dando-lhe um tapinha amistoso no ombro antes de ir ao encontro de Sante.

PERIGOSAS ACHERON

Brenda passou por ela e correu para o colo da governanta, que a encheu de beijos e perguntas sobre a viagem.

O estábulo era o lugar que a lembrava do medo que tinha de montar no lombo de um cavalo. E, vivendo num haras, parecia até ironia do destino. Por outro lado, tinha de admitir que aquele lugar estava cada dia mais moderno como o das grandes propriedades, e ela sentiu um orgulho imenso de Sante. Dava para notar que o estábulo novo era o xodó dele.

Ouviu a sua voz vinda de uma das baias.

— Você montou com perfeição, é difícil não ver que nasceu pronta para a montaria, tem uma elegância natural, Daniela.

Opa, que papo é esse? Montaria e Daniela na mesma frase?

Ela conhecia a garota de 17 anos que frequentava o haras. Era dona de um Quarto de Milha vencedor de várias corridas. Mesmo que fosse filha de fazendeiro, ela alugava uma das baias

do haras e regularmente usava a pista de corrida do Rancho Ferrari para treinar.

— Ai, Sante, é uma honra receber um elogio seu! Adorei cavalgar com você!

Cavalgou no Sante? Quer morrer, palhaça?

Mas ainda não era o momento de se revelar, tinha de ficar escondida numa baia, recebendo a fungada de um cavalo na orelha a fim de ouvir a conversa entre os dois.

— Tenho o hábito de cavalgar todas as manhãs antes do café. Caso já esteja por aqui, pode me acompanhar.

— Com certeza marcarei ponto na sua fazenda assim que o sol raiar.

Melissa quase tropeçou nas próprias pernas ao sair da baia e seguir pelo corredor até o fundo do estábulo. Viu a garota vestida no jeans colado e a regata escura pressionando-lhe os seios fartos. Era o tipo de adolescente boazuda, de cabelo liso e longo, tingido num tom loiro prateado. Alta e sexy, uma ninfetinha safada. Ela considerou inclusive que a moça tinha todas as credenciais de uma modelo de calendário de borracharia.

Pensou em dizer um “vai marcar ponto com

o Paulão”, que é o pervertido do haras, mas aí deu de cara com o cabra mais pervertido que Paulão, que era o seu próprio marido.

— Atrapalho a conversa? — Melissa sorriu, como um anjinho de chifres.

O rosto de Sante imediatamente se abriu num sorriso de satisfação.

Éééé, nada como aparecer inesperadamente quando o coroa é gentil com a novinha. Filho da mãe!

— Pensei que teria um longo e terrível dia pela frente, mas o sol da minha vida acabou de chegar. — disse ele, estendendo a mão para pegar a dela. — Tava louco de saudade, moleca.

E por isso tava se engraçando com a outra moleca, seu libertino?

— É muito bom ouvir isso. — *Mas eu não lhe direi que também senti a sua falta. Toma essa!*

Ele tomou-lhe o rosto entre as mãos e lhe ergueu para fitá-la no fundo dos olhos.

— Por que não me ligou?

— Eu sabia que voltaria em seguida.

— Digo, por que não me ligou quando chegou lá e depois do enterro? Como se sentiu?

Imagino que tenha pensado muito nos seus pais.

Melissa tinha plena consciência de que Daniela os observava na maior cara de pau. Era sabido entre a peonada que a garota tinha uma queda pelo dono da fazenda. De sua parte, não tinha motivos para se sentir insegura justamente por se sentir amada por Sante. Mas, agora, vendo-o tão charmoso e galante resolveu se manter em alerta.

— A gente pode conversar sobre isso mais tarde? — Inclinou a cabeça em direção à abelhuda.

— Oh, vou deixar vocês à vontade, tenho aula de balé logo mais.

— Balé?

— Sim, Melissa, faço balé desde os meus quatro anos de idade. Você gosta de balé? — A sacana pareceu se empolgar.

Não, prefiro deslizar no pau.

— Acho um saco, mas tô pensando em fazer aulas de pole dance. — Forçou-se um sorriso.

— Eu aprovaria.

Não pedi a sua opinião, sem-vergonha de barba ruiva.

Podia tê-lo xingado, era verdade, mas preferiu beijá-lo apaixonadamente, enfiando a

língua dentro da boca de Sante e sugando a dele, fazendo barulho.

Te manda, vagaba juvenil!

Quando eles terminaram de se beijar, Daniela já estava carregando a sela do seu cavalo no ombro, saindo em direção às portas duplas. Balançava o traseiro num gingado típico das garotas ricas que se acham no topo do mundo, as mimadinhos que faziam balé desde os quatro anos.

Então a guria se voltou e disse:

— O que acha de treinar o meu Thor?

— Fala com o Murilo. — disse Sante, abraçando Melissa pela cintura.

— O velhote me disse que é você o encantador de cavalos. — Ela rebateu, afastando as pernas numa posição de fêmea alfa.

— Que velhote ela tá falando? — perguntou baixinho a Sante.

— O nosso treinador, ora.

— Isso é falta de respeito. Ele tem nome, é Murilo, e não é um *velhote*.

Sante a encarou, o semblante fechado avaliando-a.

— Por que tá se incomodando com isso

agora?

— Vai brigar comigo na frente da pilantra?

— Pilantra? Que pilantra?

— Sante! — A pilantra gritou, exibindo um sorriso de “Miss Piranha” — Treina o Thor, por favor! — O pedido foi feito numa voz insinuante e um tanto infantilizada.

— Daniela... — Ele se afastou de Melissa para dar atenção à outra. Foi até ela e, de modo bastante paciente quase didático, falou: — Eu domava cavalos há muitos anos e é isso que um encantador de cavalos faz. O Murilo é o melhor treinador da região, e talvez até do país, o Thor estará em boas mãos.

Melissa cruzou os braços e começou a bater o pé, impaciente. Não queria fazer barraco, mas a verdade era que sentiu uma tremenda vontade de chutar a cabeça da tal Daniela. O que mais lhe dava raiva, no entanto, era que Sante dava corda pra garota, incentivando-a a paquerá-lo.

Por que ele tá agindo assim?

— Tá certo, então! Vou falar com o Murilo. Quero treiná-lo todos os dias depois das nossas cavalgadas. — Ela sorriu, baixou a cabeça e tornou

a fitá-lo numa manobra de sedução jeca.

— Você não vai cavalgar com o meu marido.

— Declarou Melissa, encarando-a sem desviar.

— Melissa. — Sante chamou-lhe a atenção.

— Sim, esse é o meu nome, e o sobrenome é Ferrari, ou seja, também sou dona do haras, e digo que você, Daniela, não vai cavalgar com o meu marido. — Ela encarou a garota, embora apertasse os punhos para não dar um soco em Sante.

Diabos, o que teria acontecido se ela tivesse voltado à fazenda no dia seguinte?

Deu para notar a expressão de constrangimento da outra, que perdeu o reboledo. Melissa não estava lidando com uma mulher adulta experiente cheia de truques, e sim com uma garota da sua idade, tentando conquistar um homem comprometido.

— Bem, vou indo então. — disse Daniela, evitando olhar na direção de Melissa. E, levando a sela no ombro, endereçou um leve sorriso a Sante e rumou em direção à saída.

Ele a acompanhou com o olhar, parado no corredor que dividia a fileira de baias. A camisa azul estava arremangada e enfiada no jeans gasto.

Virou-se para ela e o semblante demonstrava irritação.

— Que merda foi essa?

— Será que tenho de mijar em você para marcar território?

— Tá louca, é? — perguntou, olhando-a como se a visse pela primeira vez.

— Quero que guarde o seu charme de meia-idade apenas pra mim, entendeu? Não fica gastando o seu limitado estoque.

Ao passar por ele em direção à saída, foi puxada pelo antebraço.

— Vai pedir desculpas à minha cliente.

— Nem fodendo. — Deu de ombros, com displicência.

— Ah, mas vai, sim! Não sou obrigado a aguentar a sua imaturidade. — Foi duro.

— Nem eu sou obrigada a assistir você se assanhando pra garota. Se dê ao respeito, cabra. Você é pai de dois bebês.

— Melissa, aonde quer chegar com essa história?

— Quero chegar na parte em que eu digo: Se eu desconfiar que você tá me chifrando, te chifro de

volta. — Ameaçou.

Ele a puxou com força contra o seu peito.

— Nem ousa.

— Me atíça, Sante, pra você vê! Quero que devolva o dinheiro da moça e mande ela guardar o cavalo na garagem da casa dela! Você deu corda demais pra ela e na minha frente. — disse, secamente.

— Acha mesmo que vai mandar nos meus negócios?

— Foda-se.

— Foda-se você. — Crispou os lábios, com amargor.

Melissa se desvencilhou da mão dele em seu braço e correu para fora do estábulo. Percebeu que Sante vinha atrás, apressando o passo para alcançá-la. Foi então que ela disparou em direção ao casarão e, com o canto dos olhos, viu-o correr para pegá-la.

— SE O HARAS É MAIS IMPORTANTE QUE A SUA ESPOSA, FODE COM O ESTÁBULO, FAZENDEIRO!

— Para com isso, Melissa! — Ele ordenou, parando junto à porta ao vê-la atravessar o hall de

entrada. — Volta aqui, e vamos conversar.

— VAI À MERDA!

Antes que alcançasse o primeiro degrau da escadaria que levava ao andar das suítes, sentiu que era laçada na cintura por duas tiras de aço, que eram os braços de Sante a contendo. Ela esperneou o suficiente para se soltar dele e correu para a sala. Ele foi atrás e contornou a mesa onde ela tentava se proteger do marido. Num segundo, ele se postou diante dela. Mas Melissa era mais ágil e deu meia-volta, pegando-o de surpresa. Correu novamente em direção à escadaria e quase tropeçou ao subir de dois em dois os degraus, jogando-se no corredor quase sem ar.

Capítulo 24

Sante era rápido e estava em seu encalço, subindo a escada a poucos metros de pegá-la. Podia ouvi-lo resmungar irritado. Melissa então precisava entrar em uma das suítes e se trancar, deixá-lo do lado de fora até ele pedir desculpa por paquerar a cliente. Sim, ele a paquerou! Sante não era uma pessoa simpática, adorável e gentil. Quando não estava recluso na fazenda ou lendo no quarto, na maior parte das vezes, era um cara seco, direto e grosso, quase um ogro, e isso com homens e mulheres, conhecidos e desconhecidos. Mas diante de uma novinha-que-monta-cavalo, ele se derreteu todo e virou um charme em pessoa! Aham, tinha truta! O pior era que ele nem disfarçava o comportamento libidinoso como se considerasse a própria esposa uma tonta, ingênua, um menininha que não via maldade em nada. *Ah, vá de catar!*

Entrou no escritório e, ao se voltar para chavear a porta, notou que não havia chave.

Tarde demais. Sante espalmou a mão contra a porta, segurando-a para que não fosse fechada.

Ele exibia um ar cruel e superior como se antecipasse a vitória sobre ela ao a encurralar em um dos seus locais de trabalho.

— Péssima manobra. — falou, baixinho, com ar arrogante.

Melissa recuou dois passos, analisando rapidamente de esguelha as opções que tinha naquele amplo espaço. O impulso de fuga a fez se desviar da mesa de cedro e, com isso, bateu contra o vaso de planta e o derrubou do aparador, quebrando-o em vários pedaços e sujando o carpete com a terra escura.

— Olha o que me fez fazer! — Xingou-o, apontando para o chão, encarando o olhar sério cravado nos olhos dela.

Um misto de nervosismo e tesão elevou a temperatura do seu corpo, e ela começou a suar.

Sante caminhava devagar, bem devagar, observando-a sem mover um músculo da face. Parecia um leopardo cercando a presa, consciente de sua força e domínio.

— Já tive uma mulher cheia de vontades. — Ele contornou o sofá sem tirar os olhos dela. — Não vou cometer o mesmo erro. Baixa a bola,

entendeu?

— O azar é seu se não sabe escolher mulher. Se não der um jeito na paixonite da vaquinha, vou visitar com mais frequência o bom amigo do meu pai, o Leo.

— Leo? — Ele arqueou a sobrancelha, expressando sarcasmo. — Já estão íntimos?

Melissa notou que enquanto Sante falava também se aproximava dela, era uma estratégia dele, a de distraí-la enquanto a cercava. Ela correu para o terraço, olhou em torno, não vendo móvel ou qualquer canto para se esconder. Virou-se para trás, e ele havia parado a poucos metros dela, as mãos na cintura, o sorriso diabólico.

Deus, quando ele faz cara de diabo fica ainda mais tesudo!

Mas por uma questão de honra e orgulho próprio precisava vencê-lo, escapar dele, fazê-lo de bobo a perseguindo pela casa sem êxito.

— Não tão íntimos a ponto de cavalgarmos juntos todos os dias.

— Claro que não. Afinal, você não monta. — disse, com desdém.

— Monto em pau. — Foi seca e direta. —

Talvez eu cavalgue no seu amigo quarentão. Cavalgar todo dia com um ruivo cansa, sou jovem demais, preciso de novas aventuras, e tô a fim de curar o meu *trauma* num cavalo moreno... se é que me entende.

Se Sante fosse um dragão, teria expelido uma labareda de fogo. Contudo, como era tão-somente um ser humano, tudo que fez se resumiu a dar impulso ao corpo e correr para alcançá-la. E, cercada como estava, Melissa se jogou contra ele, pois não havia mais nada a fazer.

A colisão foi forte, e ela quase caiu. Ele, no entanto, a puxou para si e, quando tentou se soltar do marido, teve a alça do vestido rasgada e o seio exposto.

— Ogro!

Ela tentou fugir pela porta, empurrando-o no peito e o afastando de si. Mas ele a pegou pelos ombros e a sacudiu.

— Ogro? Eu ainda não lhe mostrei o meu lado ogro, esposinha. — Puxou-a pelo cabelo, enrolando a mão numa mecha acima da nuca, e a fez encará-lo. Ela gemeu de dor, e ele disse numa voz abafada: — Acha que me interesse por uma

Barbie da roça? Temos uma história em comum, eu e você, somos órfãos, ciumentos, possessivos, loucos de amor e completamente desajustados. Não fiz charme com a minha cliente, apenas quis ser menos rude. E se você interpretou como safadeza, é por causa daquele lance de projeção que me falou. Olha pra mim, demônia!

Ela o acertou com o joelho nas bolas e, quando ele dobrou o corpo pra frente, soltou-se das mãos que a seguravam e correu de volta ao escritório, atravessando-o até chegar ao corredor e, depois, à suíte principal.

Novamente foi infeliz ao tentar fechar a porta. Sante já estava restabelecido do golpe e a impediu de se trancar no quarto.

Ela correu para a janela aberta, deu uma olhada para baixo e considerou que a queda seria dolorida.

— Sim, vai se quebrar toda. — disse ele, adivinhando a sua intenção.

Ele estava a meio caminho, parado entre a porta e a cama, os braços soltos ao longo do corpo preparado para agir, ainda que mantivesse uma postura serena e ao mesmo tempo *à espera*. Mas

assim que ela demonstrou que correria em direção ao banheiro, ele a alcançou, jogando-a de volta à cama.

Melissa caiu de costas tendo os pulsos juntos e erguidos acima da cabeça pela mão de Sante.

— O que vai fazer agora? Me chutar, sua selvagem? — falou, olhando para o seio nu. Baixou a cabeça e o sugou no mamilo, abocanhando boa parte do seio para, depois, lambe a ponta do bico, deixando-o duro.

Ela se contorceu debaixo dele.

— Eu não mando no casarão nem no haras. O que sou então?

— A mãe dos meus filhos. — Ele ergueu a cabeça e, com a mão livre, rasgou-lhe a calcinha. — A minha mulher, a minha esposa, a minha amante safada, a minha puta.

— Ou seja, eu vivo ao redor de Sante Ferrari. — disse, com amargor, tentando se desvencilhar.

— Coitadinha. — Zombou, baixando o zíper do jeans e a barra da boxer. Puxou o pau pra fora, duro e grande, e se inclinou sobre ela, cutucando a cabeça no buraco da boceta. — Daqui a alguns anos eu delegarei mais poder a você... menina. —

Foi sarcástico.

Ele meteu fundo, mas lentamente, fazendo com que ela sentisse entrar cada pedaço do mastro muito rijo de pele sedosa e quente, vinte e um centímetros ou pouco menos que se dilatava no canal vaginal, preenchendo-a toda, batendo as bolas contra o corpo dela.

Melissa arqueou a coluna para aprofundar a penetração, rodeou-lhe a cintura com as pernas e se entregou ao intenso bombardeio de prazer.

O pau deslizava na boceta molhada, batendo e batendo dentro dela numa sucessão de golpes que a sacudiam toda.

Sante se retirou dela, e a esposa choramingou.

— Volta, seu maldito.

Esboçando um sorriso cínico, ele se desvencilhou das pernas dela ao seu redor e a pegou pelos tornozelos, erguendo-as e as separando.

— Tesuda maldita. — Ofegou, ajoelhado, encaixado entre as coxas dela, fodendo-a forte, toda arreganhada para ele. — É o pau do Leonardo que você quer, putinha? — A respiração entrecortada, a

PERIGOSAS NACIONAIS

voz arrastada. — Acha mesmo que ele pode te dar o que eu te dou? Grita, vagabunda! Diz quem é o desgraçado fodido de amor por você?

O orgasmo a atingiu como um ogiva nuclear a dilacerando por dentro de um modo delicioso e insano. Gozou, transpirando por todos os poros, esticando a cabeça para trás em busca de ar, mais ar, sufocava de prazer.

— Você! Você é o desgraçado! Você é tudo pra mim!

O corpo duro e musculoso estremeceu num espasmo, expelindo o jato quente e espesso que lhe escorreu da vagina.

A janela aberta soprando o vento morno. As cortinas balançando revoltas. Os sons da fazenda nos relinchos e nas vozes alteadas dos caubóis. O lençol manchado de esperma. O cheiro de sexo se misturando ao de suor dos corpos ofegantes e saciados.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Guerra declarada.

Ela o observava estendido na cama, a camisa amassada pra fora do jeans aberto, a boxer preta à mostra, o cabelo ruivo em desalinho, as pálpebras sonolentas de quem tinha acabado de gozar. O peito subia e descia numa respiração ligeiramente ofegante, um braço descansava debaixo da cabeça enquanto ele fumava, fitando-a com ares de superioridade.

Melissa seria uma boa menina para Sante, tão boa que o faria sentir ciúme da mesma maneira que ela sentiu no estábulo. Decidiu lhe dar o troco quando o marido afirmou que não despacharia a cliente com fogo no rabo.

— Tá mais calma?

Essa era a típica pergunta que a irritava.

— Sim, era isso que eu precisava pra me acalmar, um pau. — Debochou.

Sante riu.

— Por que insiste em me provocar? Parece

PERIGOSAS ACHERON

que gosta de me deixar louco. — Estreitou os olhos com ar divertido.

Melissa espichou o corpo nu sobre o colchão, já que o lençol parecia ter sido arrancado da cama após um vendaval.

— Se cavalgar com a sua cliente, vou rasgar o seu rosto, as suas roupas e a sua picape. — disse, serenamente, encarando-o.

— Hmm, é mesmo? Tô tremendo de medo. — Sorriu, demonstrando não a levar a sério.

— Como eu disse, você pensa que me conhece, mas tá muito longe de saber quem eu sou de verdade.

Sante suspirou profundamente e depois deu uma última tragada no cigarro. Espichou o corpo nu, inclinando-se para amassar a guimba no cinzeiro sobre a mesa de cabeceira. Quando se voltou para ela, trazia doçura no olhar.

— Você é o meu amor, o meu único amor. Sou um cabra fiel, Melissa. Além do mais, eu não treparia com a filha de um amigo fazendeiro. — Riu-se, baixinho.

Ela jogou um travesseiro na cabeça dele.

— Não treparia, porque é casado comigo. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi taxativa.

— Claro, também por isso. Mas não é o nosso casamento que me impede de pular a cerca, e sim o fato de eu te amar.

— Acha que fez uma declaração de amor emocionante, é? Pois não fez. O nosso casamento, sim, é um impedimento para o senhor transar com outra mulher. Temos um compromisso, uma responsabilidade, uma missão de vida que deve ser respeitada. Mesmo que um dia você não me ame mais e continue casado comigo, terá que continuar respeitando o nosso casamento.

— Se acontecer de eu deixar de te amar, pedirei o divórcio. Como vou respeitar uma relação sem valor pra mim? Abrirei a porteira pra você encontrar um novo cavalo no pasto. — Piscou o olho pra ela.

— Nossa, continua o mesmo cretino de antes.

— E, sabendo disso, aceitou casar comigo.
— Arqueou a sobrancelha, com arrogância.

— Você não é assim.

— Sou de todos os jeitos. — Ele se esticou ao lado dela. — Entenda apenas que você tem todo

PERIGOSAS ACHERON

o meu amor, mas eu continuo no comando da minha vida. — Tomou-lhe o rosto entre as mãos. — Te amo muito, Mel.

— Vai cavalgar com a cliente? — Queria dizer com *a safada*, mas não teve coragem, sabia que ele a repreenderia.

Ele a olhou profundamente como se quisesse revirar a sua alma, e ela se viu mergulhando no azul dos seus olhos. Depois teve o lábio inferior mordiscado e sugado antes da língua penetrar a sua boca num beijo sexual. Ao se afastar, soprou as palavras junto à sua orelha:

— Vou cavalgar *com você*.

Gostou da resposta, embora houvesse um tom de desafio e provocação. Ele não queria mostrar que lhe obedecia ou lhe fazia as vontades, e sim que ela teria de vencer o trauma de andar a cavalo.

— Convida o Murilo. — Desconversou.

— Ele não tem a sua bunda.

— Quer me forçar a montar, não aceita que tenho um trauma. — Acusou-o.

— Tá enganada. Sei que ficou traumatizada por minha culpa, quero apenas me redimir com

PERIGOSAS NACIONAIS

você.

— Tô muito feliz com o meu trauma, inclusive somos bons amigos.

— Os nossos filhos não vão entender por que você tem medo de cavalo tendo casado com um criador de Quarto de Milha. — Ele esboçou um ar brincalhão.

— A mulher que tem medo de tomar injeção se casou com o enfermeiro e ninguém se meteu no relacionamento deles. — Argumentou.

— Porque ninguém curte injeção.

— Eu sei e até gosto de cavalo, só prefiro que fiquem longe de mim.

— Ok, vamos encerrar essa conversa antes que fuja pelada pela casa. — disse, num tom de troça.

— Acho que eu devia ter ficado fora mais um dia. — Considerou, emburrada.

— Me doeu ouvir isso. — Fitou-a com ar safado, descendo dois dedos para entre as pernas dela. — Mal consegui dormir, senti o seu cheiro no travesseiro, na cama inteira. E, quando acordei, não encontrei o meu amuleto da sorte. — Masturbou-a devagar, friccionando os dedos ao redor do clitóris

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem o tocar. — Tô sempre com fome de você. Acho que fui enfeitiçado.

Ele levou os dedos à boca e os chupou, descendo-os para o clitóris e agora sim o pressionando suavemente.

Ela se agarrou aos ombros dele sem forças.

— Também senti a sua falta. — Balbuciou, tomada pela deliciosa sensação sexual.

— Vamos treinar a sua montaria. — disse ele, deitando de costas na cama. — Sou o seu cavalo, e o meu pau é a sela. Monta em mim, Melissa.

Ela sustentou o próprio corpo nos joelhos postos nas laterais da cintura de Sante, agachando-se sobre ele sem tocá-lo. Esfregou a boceta no pênis pesado, deitado contra o abdômen enxuto, a glândula exibia uma gota do líquido perolado. O clitóris era friccionando toda vez que ela deslocava os quadris e o deslizava sobre o pau.

Sante a pegou pela cintura, içando-a acima de si. Ele tinha os olhos avermelhados de tesão e os lábios entreabertos.

Melissa sentou no pau até o fundo, deitando a cabeça para trás. As mãos do marido a seguravam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e a orientavam no movimento de ir e vir, subindo e descendo pelo mastro rijo. Ela o cavalgava.

Com as mãos nos ombros de Sante, Melissa sacudiu ligeiramente o traseiro enquanto batia forte a boceta contra o pênis, cada vez mais forte, aumentando o ritmo, balançando os cabelos que grudavam no rosto suado.

Sante a erguia e a baixava, usando o sexo como uma lança de carne, uma arma que a esfaqueava seguidas vezes, arrancando-lhe gemidos e gritos roucos.

— Encosta as pernas nos flancos do cavalo.
— Ele ordenou, com meio corpo levantado da cama. — Pega firme nas rédeas que são os meus ombros.

Ela obedeceu-lhe, sentindo um zumbido agudo no ouvido. Era como se ouvisse o fósforo riscando a caixa a fim de atear fogo no rastilho de pólvora.

— Cavalga forte, Mel.

— Tô ficando louca! — Gritou, a cabeça parecia uma panela de pressão prestes a explodir de tensão.

Ele se sentou e a manteve em seu colo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha o meu pau te comendo. — Ordenou.

Ela não se fez de rogada e viu a tora de carne, emoldurada pelos pentelhos, entrando e saindo da entrada da vagina raspada. O seu sexo se dilatava para recebê-lo, abocanhava-o e o engolia selvagememente.

— Me fode gostoso. — Implorou, sem forças, molhada, sendo comida com força.

— Se agarra em mim!

Foi o que ela fez e, no minuto seguinte, uma onda quente de prazer a inundou. Fechou os olhos para suportar a pressão do orgasmo inflamando suas veias e artérias, endurecendo a musculatura, avermelhando a pele e inchando a vagina.

— Te amo, Sante. — Abraçou o marido e o beijou na dobra do pescoço dele. — Te amo muito.

Ele a deitou sobre si e a abraçou de volta. Ficaram assim, colados um no outro e quietos até o temporal de sensações se tornar uma gostosa e suave brisa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Daniela apareceu no dia seguinte para a cavalgada da manhã, mas não encontrou o dono da fazenda.

Pouco antes do amanhecer, Je acordou, chorando alto. Melissa, ainda de olhos fechados, saiu da cama, mas não foi muito longe, tropeçou no lençol enroscado nas suas pernas e caiu de quatro.

— Tá com fogo no rabinho a essa hora? — Sante brincou, esticando-se na cama só para ter o prazer de lhe dar uma palmada no traseiro.

— Aiii, tô dormindo. — Resmungou, numa voz sonolenta.

— Volta pra cama, que vou buscar o vaqueiro chorão.

Ela abriu um olho e viu-o vestir o robe preto pouco antes de sair do quarto. Arrastou-se até voltar a cama e se atirou de bruços, enterrando a cabeça no travesseiro.

Queria apenas dormir mais um pouco.

Doce ilusão! Assim que Sante voltou com o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bebê no colo, totalmente desperto com seus olhinhos escuros muito redondos olhando pra tudo, Brenda surgiu à porta, na camisola até os joelhos, descalça e escabelada.

— *Mulilo* e tia *Veli*. — Ela falou pulando pra cima da cama.

Melissa levou um susto com a declaração de Brenda, perdeu o sono na hora.

Será que a pestinha ouviu a conversa no hotel? Como, se ela estava dormindo?

— O que tem o Murilo e a Veridiana? — perguntou Sante, inocentemente, enquanto deitava Jerônimo entre ele e Melissa.

Brenda subiu na barriga da mãe.

— Tô *cum fome!* Tô *cum fome!* Tô *cum fome!*

— Ei, vai machucar a mamãe. — disse Sante, puxando a filha para o seu colo. — E se tiver um maninho na barriga dela, hein? Você vai esmagar o bratinho. — Brincou, enfiando o nariz na dobra do pescoço da filha, fazendo-a rir.

— Acha mesmo que sou uma vaca parideira? — Melissa puxou o cabelo para trás, prendendo-o num rabo de cavalo.

PERIGOSAS ACHERON

— De jeito nenhum. — Ele riu e a beijou, esticando a cabeça por cima dos filhos.

Je ergueu a mãozinha e afofou a barba do pai, enquanto Brenda se ocupava de lhe puxar as orelhas.

— Macaco. Papai é um macaco! — Gargalhou. — *Qué* banana, macaco?

Sante fez cócegas na cintura da filha, que se contorceu de tanto rir. Porém, não deixou passar batido sua pergunta sem resposta e insistiu:

— O que tem o Murilo e a Veridiana, Mel? — Agora mais incisivo.

Cacete, segredo é segredo.

— Vou mijar! — Anunciou, dignamente, pulando da cama sem roupa.

— Óia a bunda dela! — Brenda gritou, rindo alto, apontando para a mãe.

— Maior que a sua, invejosa. — Rebateu Melissa, erguendo o dedo médio para a pequena.

— Que belo exemplo. — disse Sante, balançando a cabeça sem deixar de esboçar um sorriso zombeteiro.

Então Brenda falou algo que fez Melissa contrair as nádegas a meio caminho do banheiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Mulilo é namolado* da tia *Veli*. — falou, deitada na cama, de pernas pra cima, com as mãozinhas apertando os próprios pés.

— O quê?

Melissa tinha certeza absoluta de que a pergunta era para ela, por isso nem se virou para trás.

— Não sei de nada. — Mentiu.

— *Namoladus! Namoladus! Namoladus!* — Gritou, num tom ritmado dando ênfase à última sílaba.

— É mesmo, filha?

— Tia *Veli* contô pá mãe. — Repondeu ao pai. — Né, *manhê*?

Putá merda.

— Tá mentindo de novo, Mel?

Ela se voltou e o encarou como se o assunto não lhe dissesse respeito.

— A Veridiana me pediu segredo, e eu sou leal à minha amiga.

Ele escorou a cabeça de trás do braço, trazendo Jerônimo para deitar no seu tórax. O bebê voltou a dormir, assim que sentiu o calor e o cheiro do pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá certo, esse tipo de lealdade é importante. — Melissa arregalou os olhos ao ouvi-lo falar com tanta naturalidade, sem drama ou discussões sobre traição e mentira. Contudo, logo assimilou o motivo para tal comportamento: — Bom, pelo menos já sei que o treinador coroa tá laçado. — Piscou o olho pra ela.

— Pois é, achou que o cabra ia se engraçar comigo, coisa feia, Sante. — Aproveitou para enquadrá-lo.

— Um homem prevenido vale por dois. — Esboçou um sorriso travesso.

— Você é prevenido, e eu sou a louca ciumenta. Isso tá errado. — Voltou para a cama.

— Não ia fazer xixi?

— Por que tá com essa cara de deboche?

— Nada.

— Para de me olhar assim, Sante!

— Assim como, com olhos de amor?

— Nada de DR por hoje. — Ela se emburrou, já vestida na camisola a caminho da porta. Depois se voltou e, fazendo uma careta, falou: — Esqueci o filho na cama.

— Eu dou a mamadeira pra ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, então vou levar a Ferrarinha comigo, é certo que ninguém mais vai voltar a dormir nessa casa.

Brenda se pôs de pé na cama, jogando-se nos braços da mãe.

— *Vô acodá a Nólia* com um *glito*! — Bateu palmas.

— Nada de acordar a Magnólia, quero um pouco de paz.

Sante pegou o bebê no colo, que se aninhou ao seu peito.

— Ué, vocês também não são boas amigas?

— Gosto da Mag, mas... Ah, deixa pra lá, você é o patrão dela, não quero me meter.

Eles saíram para o corredor, lado a lado, cada um segurando um filho no colo. Melissa gostou da sensação de aconchego e segurança familiar, aqueles três eram o seu porto seguro e os amores da sua vida.

— Ela continua batendo de frente com você?

— Na verdade, Sante, a Mag me considera uma adolescente e administra a casa do jeito dela, eu só tenho que aceitar.

— Isso acontece, porque você não se impõe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como patroa dela. — Ele deu a sua opinião.

— É que ela cuida das crianças quando eu preciso e não é a sua função, então prefiro deixar como tá.

— Se concordar, poderíamos conversar com ela sobre se tornar a babá, e você assumiria a supervisão da casa.

— Como se eu fosse a dona? — Virou-se para ele, sorrindo, encantada com a ideia.

Sante parou antes de entrar na cozinha e a fitou com seriedade.

— Você é a dona dessa casa e, junto comigo, da minha parte da fazenda. Não sabia disso?

— Bem, eu... ninguém me disse nada. — Ficou sem jeito.

— Essa aliança no seu dedo falou por mim, não acha?

— Que amor, Sante. Às vezes, você realmente é um fofo. — Apertou a bochecha dele. — Mas seja fofo apenas comigo.

— Sua boba. — Beijou-a na ponta do nariz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

A cabana rústica, encravada na clareira em meio a um bosque de eucaliptos, era bem-cuidada. Um tapete de veludo verde era a aparência do gramado onde vários cães de grande porte se espreguiçavam, lambendo suas patas; alguns apenas dormiam após receberem a refeição do meio-dia. No alpendre da casa, um conjunto de sofás largos e confortáveis como os encontrados nas casas das vovós de antigamente.

Era um lugar isolado, que inspirava paz e meditação, ouvia-se apenas o barulho dos pássaros e, às vezes, de um cão latindo para o outro.

Eduardo Ferinne morava ali com os seus cachorros. Aos 57 anos, cultuava uma vida simples de ex-professor universitário que lecionava Língua Portuguesa no pré-vestibular Camões. Ele também era escritor, alguns livros publicados, e não possuía nada em comum com os moradores locais, gente simples e um tanto fuxiqueira do interior, era mais como um cara da cidade grande que se refugiou no meio do mato.

Melissa não era sua aluna, mas o via pelo corredor entre uma aula e outra. Era um homem alto, de vastos cabelos grisalhos ao estilo Kurt Russell coroa, olhos claros, o rosto escanhado com covinhas nas bochechas. Em suma, possuía uma beleza madura e era de uma natureza introspectiva e cortês. Eventualmente, dava aula particular no sítio onde morava.

Depois de agendar horário com o professor, Melissa arrumou o material das aulas de redação e o enfiou no bolsão. Depois pediu para Magnólia dar uma olhada nas crianças e saiu.

Durante o caminho, com Paulão ao volante da picape, ela considerou se a ideia de fazer ciúme a Sante era mais importante que aprender de fato a escrever direito. Sim, estava cansada de ler seus textos e depois ouvir o silêncio seguido de gargalhadas. Os colegas se matavam de rir, mas o professor parecia ter adquirido ranço dela, mal a olhava na cara, considerando-a, por certo, um ser inferior, uma *burregue*, mistura de burro com jegue.

O fato de ser alvo das risadas dos outros a deixava ainda mais insegura para escrever. Quando conseguia a duras penas criar uma frase, já

PERIGOSAS ACHERON

imaginava antecipadamente as gargalhadas de quem lesse ou ouvisse o seu texto. Ela então riscava tudo, amassava a folha e suspirava, desanimada, e com a mente vazia de ideias.

— Venho buscar a patroa depois. — disse Paulão, reduzindo a velocidade na trilha de cascalhos que levava à cabana. — Não sei se o sinal do celular pega aqui.

— Pode me buscar daqui a duas horas.

— Combinado.

Por mais que estivesse concentrada na ideia de realmente melhorar a sua escrita, o plano inicial de provocar ciúme no marido não foi ignorado.

— O professor Eduardo é o coroa mais paquerado do cursinho, a agenda dele é lotada de alunas que querem ter aula de redação, mas nem todas são escolhidas. — Isso era verdade, só que o cabra parecia detestar chamar atenção das garotas, fingia-se de desentendido quando uma delas era mais direta, elogiando-o ou o paquerando. — Tem 57 anos num corpão de 40, não fuma, aí tem mais saúde e aparência jovial. É escritor, viu? Chique demais. Adoro escritores, são tão misteriosos e... meio pervertidos. — Forçou-se uma risadinha

estridente (que soou como a de uma débil mental).

— Hoje em dia as meninas dão mole para os velhos. — Paulão apertou a boca como se rejeitasse a ideia. — Acho que isso acontece, porque a maioria das mães tá criando as filhas sem o pai, aí elas acham que os coroas vão protegê-las. Bando de iludida.

— Um cabra mais velho tem o seu charme.

— Aham, sei, o charme da conta bancária gorducha.

— Preconceituoso. — Acusou-o, rindo-se.

— Não tô falando da patroa, pelo amor de Deus. — Ajeitou a aba do chapéu pra cima, encabulado. — Todo mundo na fazenda vê que os dois se gostam pra caralho. Mas tem menina que só quer dar golpe na velharada caduca.

— Se fosse assim, o Sante pouco se importaria com os coroas que me paqueram. — Lançou a isca.

— É mesmo? Nunca pensei que o patrão se importasse com isso.

— Pois se importa. E, se ele souber que o meu professor é um cinquentão, vai me encher o saco. Então acho melhor não contar nada pra ele,

tá? — *Mas você vai contar, porque é fofoqueiro.*

— Contar o quê? Sou só o motorista. —
Fingiu-se de inocente.

Eduardo apareceu no alpendre assim que a picafe parou, segurava uma caneca, os óculos de grau na metade do nariz. Usava jeans escuro, blusa sem estampa e um robe puído. Os cachorros o cercaram e começaram a latir para o veículo.

Melissa se despediu do vaqueiro, ajeitou o bolsão no ombro e se aproximou com cuidado, temendo ser atacada por um grandalhão de patas.

— Eles só fazem barulho. — Garantiu o professor, esboçando um sorriso tranquilo.

Por via das dúvidas, ela não os encarou. Sabia que olhar nos olhos de um cão era pedir briga. Agachou-se como se fosse falar com uma criança e, infantilizando o timbre da voz, falou para eles:

— Cadê os bebezões?

Num minuto, eles pararam de latir e se aproximaram dela, sacudindo o rabo e esticando a boca como se sorrissem. Ficou tentada a lhes acariciar a cabeça.

— Você ganhou o coração das minhas

pestinhas. — disse o professor, parecendo satisfeito com a atitude dela. — Vamos entrar, Melissa, acabei de preparar chá verde.

Ô vida cruel, por que não era ele o seu professor de redação?

O interior da cabana cheirava à lavanda. Os móveis eram de madeira clarinha. Mantas, almofadas, cortinas e tapetes combinando na mesma estampa de patchwork. Havia um toque feminino na decoração, e o porta-retratos mostrava uma mulher na faixa dos trinta anos de mãos dadas com Eduardo num cenário urbano.

— Minha falecida esposa. — Informou-lhe, numa voz neutra, quando os olhos de Melissa se demoraram na análise da fotografia.

— Sinto muito.

— Eu sinto mais ainda. — Esboçou um leve sorriso gentil, encaminhando-se para de trás do balcão que separava a cozinha da sala. — O caubói achou o meu endereço com facilidade?

— Sim, mas só depois de eu mostrar o mapa que o senhor fez pra mim. — Riu-se, vendo os cachorros se amontoarem no sofá, sentando para acompanhá-la com o olhar. Parecia até que eles

desconfiavam que ela fosse roubar alguma coisa de lá.

Ele abriu o armário e pegou uma caneca preta.

— Alguém lhe disse que se aprende a escrever? — Perguntou, de chofre. Ela franziu o cenho, intrigada pelo questionamento, e ele continuou: — Pois não se aprende a escrever, assim como não se ensina a escrever. Não é como andar de bicicleta, entende? É mais como subir em árvore. Um instinto, você sabe que sabe fazer, só não tem a técnica.

— Mas eu não sei escrever. — Admitiu.

— Você pensa que não sabe. Olha só, Melissa, se veio aqui atrás de dicas para aumentar a notas das suas redações, ficará frustrada. — Ele lhe entregou a caneca com chá, olhando-a gravemente. — Para escrever um texto, tirar o material abstrato da mente e transformá-lo em palavras, lhe dar sentido a ponto de ser entendido e sentido por outro ser humano, é preciso ter coragem.

— Sou corajosa.

— Sei que sim. Você tá aqui, não é mesmo? Buscando melhorar o seu desempenho. Mas faça

isso por você mesma, e não pelo seu professor bunda mole. — Sorriu, de modo travesso. — Pois é, o meu colega já devia ter se aposentado, mas continua arruinando almas sensíveis.

Ela fez que sim com a cabeça.

— No meu caso, eu mesma tô me arruinando sozinha.

— Para escrever dissertação é só uma questão de se manter informada sobre assuntos da atualidade e decorar meia dúzia de técnicas. Agora, o que vejo diante de mim é uma garota confusa que se preocupa mais com os outros do que consigo mesma.

— É verdade, me preocupo com as risadas de quem lê os meus textos. — Declarou, desanimada.

— Se acreditasse em si mesma, a verdade e a autenticidade transbordariam das suas frases e tudo seria uma unidade coerente e profunda.

— Eu acredito em mim, mas o senhor já leu uma redação minha? É apavorante. — Arregalou os olhos.

— Vamos para o alpendre. — Ele indicou a direção com um meneio de cabeça. — Já adianto

PERIGOSAS NACIONAIS

que tô cagando para as suas redações.

Os cães os seguiram e se esticaram no tapete aos pés do dono.

Melissa sentou no sofá ao lado de Eduardo e provou o chá.

— Tô confusa, sim. — Assumiu, admirando o arvoredo a poucos metros da cabana. — Quero ter uma profissão, mas não vou pagar o preço de viver longe de casa.

Eduardo sorveu o chá, parecendo imerso nos próprios pensamentos. Passaram-se alguns minutos até que ele se manifestou.

— Quem é você?

Ela achou a pergunta estranha e engraçada.

— A Melissa, ora. — Riu-se.

— E quem é a Melissa? — Encarou-a, sério. — Qual era brincadeira ou brinquedo que a deixava mais feliz quando era criança? E por que parou de brincar?

Ela baixou a cabeça e fitou a caneca. A fumaça do vapor subiu e feriu os seus olhos. As lágrimas que lhe margearam as pálpebras surgiram à menção dos oito anos que duraram a parte boa da sua infância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem, eu dava aulas para alunos invisíveis.
— Comentou, num tom triste e nostálgico. — Pouco antes da mãe da minha amiga voltar do hospital com a notícia da morte dos meus pais, eu tava ensinando a diferença entre pato e ganso para a minha turma de alunos imaginários, e a minha amiga fazia a merenda escolar nas panelinhas de plástico.

— Você não conseguiu se despedir dos seus pais?

— A minha mãe morreu três horas antes do meu pai, durante a madrugada. O pessoal do hospital telefonou para a casa onde eu tava, mas acho que ninguém ouviu o telefone tocar. Foi na hora da visita que a mãe da minha amiga soube do falecimento deles.

— Imagino que se sentiu confusa.

— Logo que soube do ocorrido, sim.

— E depois?

— Eu sabia o que ia acontecer. — Melissa respondeu, procurando ocultar a emoção da voz.

— O quê? Não entendi.

— Eu sabia que eles iam morrer no hospital.
— Encarou o professor com vergonha de si mesma

PERIGOSAS ACHERON

ao dizer: — Desejei a morte dos dois.

Ele não se abalou.

—E o seu desejo é uma ordem? Você tem uma lâmpada mágica dos desejos? — O ar que ele assumiu era o de terna seriedade. — Se os seus desejos ruins acontecem, vamos testar os bons? O que acha de desejar uma vida mais leve pra você, apostando nas suas qualidades?

— Quero muito.

— Me diz uma coisa... — Inclinou a cabeça para fitá-la — você veio aqui para ter aulas de redação?

Ela sustentou-lhe o olhar avaliativo.

— Pra falar a verdade, não sei o que quero.

— Talvez seja cedo demais para saber.

— Acho que eu sei o que não quero, mas tô em dúvida. — Sorriu, sem graça.

— Isso já é um ótimo começo, mas é apenas o começo. O que você não quer?

— Ser uma mera esposa de fazendeiro como as outras.

— O que quer fazer de diferente delas?

— Ser alguém na vida.

— Todos nós já somos alguém na vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Bem, quero ter o meu dinheiro e a minha profissão, mas não sei pra que sirvo.

— Você serve para descobrir a sua vocação.

— Nasci sem vocação.

— Todo mundo nasce com uma vocação. Pensa na sua infância e adolescência e veja o que deixou para trás, o que esqueceu, quem era você antes de chegar aqui, mãe de família, esposa de fazendeiro e uma jovem adulta.

— Talvez eu não tenha um dom, nenhuma habilidade, nada que me acompanhe desde o meu nascimento. Posso ser aquele tipo de pessoa que escolhe qualquer coisa só pra dizer que tem uma carreira profissional.

—Escreva, Melissa, o que você pensa sobre isso. — disse ele. — Escreva sem analisar, sem se importar com pontuação e regras gramaticais. Escreva de peito aberto, rasgue uma veia, deixa jorrar pensamentos e sentimentos sem pensar a respeito. Faça isso até a exaustão, sinta o que você escreve, mergulha na sua dor e solidão, no sentimento de injustiça e na raiva de perder as pessoas que amava.

— Vai doer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto que você precisa pôr fim ao restinho de sofrimento que ainda machuca o seu coração. — Ele respondeu, muito sério. — E isso é como uma pedra no meio do seu caminho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Sante carregava o bebê no canguru na frente do corpo e segurava a mão de Brenda, que puxava pelo barbante um caminhãozinho de madeira.

O intervalo da lida, à tarde, era usado para voltar para casa e ver os filhos, que acordavam da sonequinha sempre no mesmo horário. Em seguida, eles tomavam mamadeira e já estavam prontos para se divertirem.

— Vamos ver se o Bolt consegue melhorar o seu tempo na pista. — disse à filha.

— Vai *ganhá* de todos os *cavalio*! — Brenda gritou, pulando sem soltar a mão do pai.

— O que tá fazendo?

— Pulando, *ola*.

— Caminha direito. — Ralhou com ela.

— Tô na lua, a gente caminha assim na lua.
— Rebateu, pulando como se tivesse molas debaixo dos tênis.

— Sossega, Brenda.

— Óia lá! — Apontou para a picape que estacionou diante do casarão. — É o tio Leo! EI,
PERIGOSAS ACHERON

TIO LEO, TEM COISA *DI CUMÊ*?

— Você acabou de tomar a mamadeira e tá pulando feito uma maluca. Se vomitar, ficará sem jantar.

Brenda não esboçou reação, era como se tivesse ficado momentaneamente surda, os olhos postos na figura alta de Leonardo Albuquerque.

O fazendeiro saiu da picape e os viu a caminho da pista de treino. Ergueu a aba do chapéu e retirou os óculos escuros, pendurando-os na gola aberta da camisa de botões.

— Espera um pouquinho aí, sr. Ferrari. — disse ele, numa voz de deboche enquanto o fotografava com o celular. — Vou imprimir essa foto e colocá-la no mural dos milagres da nossa paróquia.

— Tô *cum* fome, tio Leo!

— Tá nada, acabou de se alimentar. — Sante apertou a mão de Leonardo. — Aproveita para rir bastante, amigo, a sua hora vai chegar.

— Admiro muito a sua família e sou apaixonado pela minha ruivinha... — Abaixou-se para tomar Brenda no colo. — Mas não entendo o motivo de me rogar praga.

Leonardo deu uma barra de chocolate para a garotinha e, no instante seguinte, metade dela desapareceu dentro da boca de Brenda.

— Come devagar.

— Larga de ser chato, pai-do-ano, ela tá fazendo um bom trabalho, cuida do pequeninho aí.
— Leonardo sempre dava um jeito de defendê-la, até mesmo quando todos sabiam que a menina estava errada.

Sante seguiu o caminho em direção a Murilo, que o esperava diante da cerca que contornava a pista de treino.

— É o Bolt? — Perguntou Leonardo, observando o cavalo cumprir o percurso em alta velocidade, montado pelo peão franzino de 16 anos.

— Sim, o nosso futuro bicampeão. — Sante sentia orgulho dos seus cavalos e, em especial, dos herdeiros das primeiras linhagens de campeões do haras.

— Eu soube que o mocinho deu trabalho pra vocês nas últimas corridas no jóquei clube.

— Ficou nervoso no box e empinou, tivemos uma péssima largada.

— Não há jóquei que controle bicho assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Considerou Leonardo, vendo Bolt disparar pela pista. — E, agora, como ele tá?

— Bem mais calmo. — Respondeu o fazendeiro, de olho no animal. — Ficou um período parado, só descansando. Depois foi castrado.

— Castrado como você?

Sante se voltou só para ver o sorrisinho debochado do outro.

— Perde o amigo, mas não perde a piada, não é mesmo? — zombou sem sorrir.

— Pra falar a verdade, às vezes, até perco a piada para não ferir os brios dos amigos. Evidentemente, entre nós não existisse essa frescura.

— A sra. Albuquerque em breve baterá à sua porta.

— Pode bater à vontade e até chutar. Ela vai encontrar é a minha cama numa casa vazia. — Declarou, com um sorriso sarcástico. — Caramba, esse bicho voa.

— É uma beleza, né?

— Parece até que tô vendo o Imperador.

Sante notou o brilho nos olhos do amigo.

— É verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você conseguiu de novo, Sante. Depois de toda crise, reergueu esse lugar e fez seus cavalos voltarem a vencer. — Deu tapinhas amistosos nas costas do amigo.

— Não é Sante; é *papaiê*! — Corrigiu-o Brenda, colocando o chapéu de Leonardo na própria cabeça. — *Óia, sô vaqueira*.

— Uma vaqueira muito da bonita, parece até uma inglesinha ruiva. — disse Leonardo, apertando o nariz da menina. Depois se voltou para o pai dela. — E a patroa?

— Aprontando.

O ex-delegado de Sacramento riu alto.

— A nossa doce Mel? Duvido.

— Nossa? Usou o pronome errado, Albuquerque. — Provocou-o num tom cínico, estreitando os olhos. — Aquela lá é só *minha*.

— Tudo bem, não precisa me fuzilar com os olhos. — Brincou. — Já arrumou uma babá para aliviar o trabalho da Mel?

— Tá pra chegar. Mas vou me incomodar com isso, a Melissa só quer a Magnólia pra cuidar das crianças, quer abraçar o mundo como se fosse capaz de dar conta.

PERIGOSAS ACHERON

— E é possível?

— Bom, até agora tudo aponta para uma reprovação no vestibular da universidade local e aí sobrará apenas a particular, em outra cidade. Ela estuda, mas não o suficiente. E o Paulão acabou de me descrever o cara que tá lhe dando aula particular.

— Aula particular é sempre bom, reforça o conteúdo de sala de aula. — Ponderou, colocando Brenda de volta ao chão. — Cadê o chocolate?

— Na *baliga*.

— Você come como se fosse uma operária com hora pra voltar à fábrica. — Leonardo brincou com Brenda, bagunçando-lhe o cabelo num carinho desajeitado e, a seguir, se voltou para Sante. — Hmm, imagino que esse professor particular seja um moleque de vinte anos, descolado, barba rala, vomitando citação de escritores franceses.

— Errou.

— A sua cara de ciúme me mostra que tô certo.

— Não tô com ciúme, só irritado. — Confessou, soltando o ar com força pela boca. — Ela podia ter marcado aula com qualquer um, desde

PERIGOSAS NACIONAIS

que estudasse e melhorasse o seu desempenho. Eu a quero aqui, na universidade local, morando em casa conosco. Mas o que me irrita é que ela escolheu um cabra coroa para supostamente lhe dar aulas só pra me provocar e se vingar. O cara vai tirar proveito dela, isso sim, de uma ninfeta caindo no colo dele de paraquedas.

— E por que ela se vingaria de você?

— Boa pergunta. Eu não fiz nada, só fui simpático com uma cliente.

— Mas você nunca é simpático. O que te deu? — Olhou-o como se não o conhecesse.

— Medo de ficar sem dinheiro. Tive que tirar do cu uma atitude simpática. Acontece que a Daniela é tão jovem quanto a Mel, e isso a deixou insegura.

— E você detesta mulher insegura. — Considerou, criticamente.

— Não tenho como detestar a insegurança da Melissa. Ela é muito nova e é normal que se sinta assim.

— Acha então que ela tá de chamego com o professor da *melhor* idade? — Enfatizou a palavra junto com um arquear de sobrancelha irônico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O Paulão disse que ele tem 57.

— Predador.

— Vou dar um murro na cara dele. —
Apertou a boca, contendo uma saraivada de
palavrões.

— Pelo amor de Deus, confia na sua mulher.

— Ela tá me provocando.

— E você vai cair na dela.

— Foda-se. Caio na dela, mas acerto a cara
dele.

— Calma, precisa antes disso se inteirar dos
fatos.

— O fato que me interessa é apenas um: ela
é uma mulher casada... e comigo. Que diabo de
professor se assanha para aluna casada?

— Os espertos que fogem de compromisso.
— Respondeu, com um sorriso cafajeste.

— É o que você faz, não é? — Perguntou,
com cinismo.

— Sou um homem solteiro. Portanto, a
traição é por parte da minha amiga de cama. —
Deu de ombros, com displicência.

Sante suspirou profundamente.

— Tá complicado domar aquela potranca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leonardo riu alto.

— Depois que um caubói perde o chapéu... já era.

Por instante, ele acreditou que fosse apenas mais uma piada do amigo fazendeiro. Entretanto, olhando de perto a situação, considerou que ouviu uma bela e ácida verdade.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

— Esse vinho é muito bom.

Melissa quebrou o silêncio à mesa com o marido. Eles jantavam depois de deixarem os filhos na cama. Brenda dormiu num piscar de olhos, mas Jerônimo fez um pouco de manha até ceder ao sono.

— É o de sempre. — Comentou ele, concentrado em comer a refeição.

— O Paulão te falou que a casa do professor fica em meio ao bosque? — Tentou puxar assunto.

— Não.

— O lugar é maravilhoso, parece mágico.

— Espero que tenha investido bem o seu dinheiro. Aprendeu alguma coisa? — Perguntou, sem a encarar.

— O *seu* dinheiro, né?

— Somos casados, o que é meu é seu. — Afirmou, secamente.

Ele estava estranho, parecia irritado, embora continuasse a conversar. Normalmente quando

Sante estava puto da cara, se fechava, erguia um muro para se afastar de quem o incomodava. Agora, no entanto, agia com estudada diplomacia. O que lhe parecia bastante suspeito.

— Foi uma experiência diferente, não sei como dizer...Tive a impressão de que ele leu a minha alma.

— É mesmo? — Ele se voltou para olhá-la diretamente. — E, por acaso, a sua alma tava usando aliança?

— Você quer falar como adulto comigo ou vai te baixar o adolescente ciumento?

— Pelo visto voltou transformada pelo guru jeca. — Debochou, encarando-a como se tivesse facas afiadas nos olhos. — Pensei que a aula fosse de redação, e não de filosofia.

— Bem, ele disse que escrevo com medo, não acreditando em mim mesma, e é por isso que o texto não engrena. É inútil me ensinar um monte de regras e dicas, e eu continuar insegura pra escrever. — Explicou.

Ele levou o cálice de vinho aos lábios e, sem tirar os olhos dela, o bebeu devagar.

Melissa absorveu aquele olhar tão profundo

e devastador como um chamado para o sexo. Era essa a linguagem deles, em meio a uma conversa séria ou trivial, Sante a atraía com os seus olhos muito azuis, falando sem usar palavras o quanto estava faminto, o quanto sentira a sua falta, o quanto ela lhe era vital.

Então ele depositou o cálice na mesa e continuou a fitando quando declarou:

— O medo nos protege. Mas não entendo o motivo de não acreditar em si mesma se, daqui onde tô, só vejo perfeição.

Ela trancou a respiração nos pulmões, tomada por uma emoção que se misturava à excitação física. Ele mexia com ela, sabia tocar nos botões certos, ligava e desligava o seu circuito emocional e sexual.

— Fui até lá para te provocar ciúme, admito. Queria me vingar da mocinha do cavalo... — Corou, mas não era de vergonha. Ele a encarava com olhos de promessa, de ameaça, de castigo sexual, e ela precisava fazer jus a esse olhar. — E, por mais que eu pensasse em você, no quanto o seu gênio do cão me irrita e me excita, no fogo que me queima toda quando o teu pau me fode me comendo bem duro... queria que você me visse na

PERIGOSAS ACHERON

casa de um homem bonito.

Sante esboçou um sorriso de canto de boca.

— Bonito? Tá falando de um macho ou de um velhinho do conselho de anciões? — Perguntou, com desdém.

— Ele tem muita sabedoria. — Argumentou, hipnotizada pelos lábios dele, contornado pela barba ruiva. — E sabe lidar com a dor da perda.

O marido franziu o cenho, intrigado.

— Que perda?

— A esposa morreu anos atrás.

— Por acaso foi ter aulas com o Ferinne?

— O Eduardo Ferinne. Sim, o escritor.

— Interessante.

— O quê? Por que essa cara de deboche?

— Realmente ele sabe lidar com a perda. — disse, com menosprezo. — Depois de duas tentativas de suicídio e uma de agressão, quando quase matou um policial depois de ser preso ao ser parado por suspeita de embriaguez ao volante, ele de fato aprendeu a superar a perda de alguém e agora arranca elogios sinceros de molecas ingênuas.

Melissa ficou pasma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cada um lida do seu jeito com a morte...

— E ele escolheu o pior deles. — Foi seco.

— O cara vive numa bolha, recluso no meio do mato e leciona no cursinho de um amigo. Ele não foi contratado por suas habilidades linguísticas, e sim por consideração a quem um dia ele foi. O Ferinne nunca se recuperou da perda da esposa e, se quiser frequentar a casa dele, irá mergulhar na melancolia profunda, Melissa. É fácil dar pitaco na vida do outro quando se ignora o espinho cravado na própria bunda.

— Caramba, você não sabe falar palavra bonita mesmo. — Balançou a cabeça, pesarosa.

— O que importa é a mensagem. — Piscou o olho pra ela com ar travesso.

— Pelo menos ele aprendeu a viver com a dor de um espinho na bunda. — Argumentou.

— E você tá aprendendo com o *seu* espinho, Mel.

Ela baixou a cabeça, pensativa, mas não se prolongou nisso muito, não. Ergueu os olhos para o marido e, numa voz insinuante, falou:

— O que acha de tirar o espinho da minha bunda?

PERIGOSAS ACHERON

Sante a fitou com o olhar sério.

— Depois de castigá-la por ter planejado me deixar com ciúme, certamente irei colocar mais um espinho na sua bunda, cara esposa. — Prometeu, os olhos nos lábios entreabertos dela, por onde passava a respiração arfante.

Sentado na poltrona de encosto alto, junto à janela da suíte principal, Sante a observava em silêncio. Apenas a lâmpada do abajur iluminava o amplo espaço e a chama alaranjada da ponta do seu cigarro.

— Se veste bem devagar. — Ordenou, numa voz grave e macia.

Ele havia retirado do closet um vestido curtinho, juvenil e romântico. As alcinhas e o decote redondo eram de renda bordô combinando com o tecido de seda da roupa.

Ela deslizou o vestido pela cabeça, a seda a tocando nos seios, a textura macia endurecendo os bicos, marcando-os debaixo do tecido. O toque lhe arrepiou a pele, assim como ver o fazendeiro

vestido apenas no jeans, sem camisa, descalço, tragando o cigarro e exalando a fumaça de olho nela, dando-lhe ordens como se lhe fosse o dono.

— Tira a calcinha.

A lingerie escorregou até seus tornozelos.

— Não. — Ele disse, baixinho e suave, quando ela fez menção de chutar a roupa íntima. — Vira de costas para mim e se inclina para juntar a calcinha do chão.

Melissa dobrou meio corpo, mantendo os joelhos não flexionados de modo que a barra do vestido se ergueu, exibindo o traseiro nu.

— Devagar, bem devagar.

Ela arfou, sentindo o calor se espalhar pelo corpo. Sante não a tocava, pois estava a poucos metros de distância, ainda assim, havia o calor da voz aveludada e sexy, o tom de ordem misturado à nuance de urgência sexual. Rebolou ligeiramente, foi apenas uma sugestão de movimento, um deslocar de quadris para provocá-lo.

Então teve as pernas agarradas por trás, num puxão que quase a fez perder o equilíbrio, quando ele enfiou o nariz entre as dobras da vagina, esfregando a barba macia na pele interna das coxas,

PERIGOSAS NACIONAIS

a língua lavando a racha úmida e rosada, as mãos grandes e calejadas cingindo-lhe as pernas para firmá-la à investida da boca.

Ele se afastou apenas para falar numa voz arrastada:

— Hoje você vai ser o meu brinquedo. — Em seguida, chupou o clitóris como chupava a língua dela.

—Continua, continua... — Pediu, segurando-se nos próprios joelhos que tremiam à beira de perder as forças.

Ela adorava gozar na boca de Sante, sentia tesão por isso, e ele parecia enlouquecer quando ficava com a boca molhada do sumo dela.

—Ahhhhhhh... — A vertigem a tomou num golpe entorpecedor.

Sante parou de fodê-la com a boca e a pegou pela cintura. Levou-a para a cama e a deitou de bruços, beijando-a na nádega.

Ela o viu entrar no closet e, quando voltou, ele trazia na mão o acessório sexual preferido dos dois: um feixe de corda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Ela lançou-lhe um longo olhar, admirando a feição máscula tomada por uma expressão de maldade maliciosa. Essa era a outra faceta de Sante, sombria e altamente sexual, onde imperava a linguagem dos sentidos. Não havia delicadeza e jogos sensuais mergulhados na sutileza. O bruto usava cordas, chicote, montava e cavalgava nela, oferecendo-lhe e exigindo-lhe um prazer cru, da satisfação carnal que amenizava em ambos a dor do passado.

Ele juntou as pernas de Melissa, prendendo-as com a corda logo abaixo das nádegas. Enrolou-a em todo o comprimento das pernas até dar um nó final na amarração ao redor dos tornozelos. As amarras estavam firmes, mas não a machucavam. Virou-se para trás e viu o efeito do trabalho de Sante nela. Havia um apelo rústico e sensual nas cordas de juta contra a sua pele sensível.

— Tá presa, Melissa. — Ele exibiu um olhar de fera. — Presa a mim de todas as formas.

E você tá preso dentro de mim e jamais sairá

de forma alguma.

— Não quero me libertar. — Ela afirmou, sentindo os lábios dele roçarem na parte de trás do seu pescoço, os dentes frontais lhe mordiscaram o contorno de um ombro e depois do outro.

— Como quer que eu te coma? — Sante lhe soprou as palavras junto ao seu ouvido, mordendo o lóbulo da orelha dela. — Suave e fundo? Forte e duro? Faça o seu pedido.

Assim que falou ele imprimiu-lhe pequenos beijos em cada saliência das vértebras da coluna e a mão rapidamente deslizou para debaixo dela. Melissa arqueou o quadril para os dedos masculinos terem acesso ao sexo. Sante iniciou o movimento de fricção no clitóris, masturbando-a com perícia.

Ela gemeu contra o travesseiro.

— Me come como um bruto. — Implorou, tentando abrir as pernas para lhe oferecer a boceta.

Ele a mordeu na nádega e depois se afastou.

Ela o ouviu soltar o cinto de couro do cóis da calça e o barulho do deslizar do zíper. O colchão cedeu ao peso dele. E, no instante seguinte, sentiu a cutucada da cabeça grande e larga do pau no buraco

PERIGOSAS NACIONAIS

da boceta. A pressão firme lhe arrancou um gritinho e, por instinto, virou-se para vê-lo de joelhos, inclinado meio que sobre ela, o rosto desfigurado pelo prazer, as rugas acentuadas, os lábios entreabertos, a respiração pesada.

— Engole todo meu pau. — Meteu-o até o fim, preenchendo-a toda com o seu diâmetro grosso, sentindo as bolas roçarem na sua bunda.

Ao mesmo tempo que a golpeava com o pau, numa foda dura e violenta, desferiu-lhe tapas nas nádegas. Ardia, doía demais, intensificando contraditoriamente o prazer.

Ele a pegou pelo cabelo e o puxou para trás sem deixar de meter num vaivém selvagem. Presa nas cordas, ela só tinha os braços livres, mas de repente ele pegou os pulsos dela e os prendeu na cama. Foi então que a pressão contra a boceta aumentou, as batidas das carnes úmidas ressoaram pelo quarto, os gemidos de Sante se misturaram aos seus.

Ele gozou forte e, antes que ela também atingisse o orgasmo, retirou-se.

Sante deu-lhe uma sonora palmada na bunda.

Melissa o viu se encaminhar para o banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que tá fazendo? Vem acabar o serviço! Sante! — Chamou-o, sentindo cada parte do corpo à beira de uma explosão.

O que não aconteceu.

Quando ouviu o barulho da ducha, teve a certeza de que ele a deixou para trás. Chorou de raiva com a cabeça enterrada no travesseiro. *Filho da puta!*

Minutos depois, viu-o parado à soleira da porta do banheiro, nu e molhado do banho. Acendeu um cigarro e a analisou serenamente.

— Não gozei. — Ela o acusou, ainda com as pernas presas na corda enrolada em torno delas.

A fumaça foi expelida pelo nariz depois que ele falou num tom bastante calmo:

— Mudei de ideia.

— O quê? — O cabelo na cara, o olhar de maluca, a vagina latejando. — O quê, meu Deus?

— Nada de orgasmo pra você hoje, essa é a sua punição. Vou dormir no meu escritório, assim terá tempo pra pensar na merda que fez. — Ele tragou mais uma vez o cigarro, encarando-a como se a analisasse. — Se começar a fazer joguinhos com outros caras pra atizar o meu ciúme, eu serei

PERIGOSAS ACHERON

obrigado a machucá-los, e você não será mais castigada do jeito que gosta. Não tenta bater de frente comigo, Melissa.

Ele foi até a cama e apertou a corda que a envolvia nas pernas. Sentou-se na beirada do móvel e pegou a esposa pelos ombros, deitando-a de costas.

— Pelo menos me solta da corda. — Ela pediu, olhando-o com rancor.

— Não.

— Tá apertada, não consigo me soltar sozinha. — Suplicou.

— O problema é seu. — Beijou-a na testa.

Ele a cobriu até a cintura com o lençol. Vestiu o robe, apagou a luz do abajur e lhe deixou na cama, imobilizada da cintura pra baixo como se tivesse uma cauda de sereia... paralítica.

Melissa previu que a noite seria longa.

Capítulo 31

Alguém se sentou em cima dela. Não era uma pessoa pesada nem grande. Na verdade, era uma pessoa que cheirava mal.

Antes mesmo de abrir os olhos, já sabia que estava com as pernas imobilizadas. Lembrou instantaneamente da noite anterior e desistiu de tentar se soltar. Gastou meia hora se contorcendo pra se livrar das cordas. Por fim, desistiu e se rendeu ao sono. Agora, tinha uma bundinha gorda, protegida na fralda descartável com cocô, em cima da sua cabeça.

— Je, como escapou do berço?

Ele sacudiu o corpinho, agitando as mãos, e assim esfregou um pouco mais o traseiro cagado na cara dela.

— Sai de cima da mãe, tá? — Pegou-o por baixo dos braços e o deitou na cama ao seu lado. — Bom dia, amor meu! — Beijou-o na bochecha.

O bebê a abraçou, enrodilhando os bracinhos gorduchos em volta do seu pescoço.

Magnólia apareceu no quarto.

— Vai emendar o café da manhã com o almoço?

Ignorando a pergunta, Melissa falou:

— O Je tá com a fralda suja, podia ter me acordado antes para limpá-lo, não o quero com assaduras.

— Ele se emporcalhou agora.

— Voce tá sempre certa, né, Mag-nó-lia?

A outra a fitou com as mãos na cintura.

— Por que esse mau humor todo?

Não foi você que foi atijada e deixada na mão e, ainda por cima, teve que dormir com as pernas amarradas! Vou puxar todos os pelos daquela barba ruiva!

— Cadê o Sante? — *O devedor de orgasmos.*

— Como todos os dias há anos, ele tá na lida com a peonada e os cavalos. — A governanta afastou as cortinas e a claridade do dia invadiu o quarto em cheio.

— Ai, sua vaca, fecha essa porra! — Berrou

PERIGOSAS NACIONAIS

Melissa, tapando os olhos com a mão.

Je deitou na cama e levou o polegar à boca, preparando-se para voltar a dormir.

— Isso aqui parece o quarto de um vampiro, Mel. — Ralhou com ela.

— Ai, que saco. — Resmungou.

— Acho melhor vestir uma roupa e descer pra fazer companhia pra Brenda. — disse, encaminhando-se para a porta. — Ela não para de falar do tal cavalo pequeno. O patrão vai comprar um cavalo mesmo?

— Já comprou.

— Mas temos tantos aqui.

— É um pônei. Droga, cacete, fecha a cortina, por favor.

Magnólia saiu resmungando. Melissa pegou o celular e ligou para Veridiana.

— Preciso da sua ajuda. Sobe aqui no meu quarto com uma faca que arrebente corda de juta.

— É pra já!

Veri nem perguntou o motivo de um pedido tão inusitado.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela situação lhe era familiar e, de certo modo, aquecia o seu coração. Sim, Sante Ferrari, aos poucos, estava se tornando um sentimental.

Havia pouco tempo, uma entrevista de emprego mudou a sua vida. Do outro lado da mesa, uma garota atrapalhada e muito nervosa era questionada sobre suas habilidades como babá. Sante não se apaixonou por Melissa instantaneamente, não foi amor à primeira vista. O que sentiu logo que a reconheceu como filha do seu amigo foi mais parecido com compaixão e, logo em seguida, atração física.

Agora, a cena se repetia, mas a candidata à babá dos seus filhos entrava na história numa fase em que ele se achava tranquilo, feliz e completamente apaixonado por Melissa.

Ele releu o currículo da moça que aparentava trinta e poucos anos, talvez um pouco menos, e encontrou a informação que tencionava confirmar.

— Você trabalha nessa área há dez anos e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tem vários cursos de especialização... primeiros socorros, nutrição e psicologia infantil... — Ele balançou a cabeça, satisfeito. — Já foi babá de uma criança hiperativa de dois anos de idade e de um bebê que engatinha na velocidade de um carro de fórmula um?

A mulher sorriu como se o compreendesse. Ela tinha cabelo e olhos escuros. Era magra e baixa, o olhar tranquilo, a voz suave. Sante leu no currículo que era solteira sem filhos, morava sozinha no centro da cidade e fora freira havia anos.

— Sei lidar com todo tipo de criança, nasci com essa vocação.

— Por que deixou Cristo? — perguntou na cara dura, assim ela não teria tempo pra inventar mentira.

— Ouvi o chamado errado. Pensei que era a religião, mas era o meu estômago roncando de fome. — Riu-se, olhando-o com ar travesso.

Caramba, essa aí vai se dar bem com a moleca.

Sante manteve o ar grave e profissional.

— É essa a sua resposta?

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa, não. É que todo mundo me pergunta sobre o fato de eu ter deixado o convento... Bem, fiz o que qualquer funcionário de empresa faz quando não se sente útil no lugar onde trabalha.

— Entendi. Por acaso vai tentar catequizar os meus filhos?

— Acredito que a questão da religião deve partir dos pais.

Ele a olhou demoradamente.

— Tem medo de cavalo?

— De jeito nenhum, são filhos de Deus.

— Sabe montar?

— Sim, trabalhei para vários fazendeiros, e a montaria em cavalo acaba sendo uma exigência para as babás. — disse, com bom humor. — Espero que não precise montar em touros, aí terei de desistir da vaga.

Sante manteve o ar sisudo.

— Muito bem, encerramos por agora. A sra. Ferrari irá entrevistá-la, aguarde na sala, por favor.

Ambos se levantaram e apertaram as mãos. Ele aproveitou para inspecioná-la mais uma vez, a boa e velha desconfiança nunca o deixava, servia-

lhe como uma proteção.

Mas, no fim das contas, a decisão de contratar a babá teria que partir de Melissa. Esperava apenas que ela não considerasse a chegada de Lorena ou de qualquer outra candidata como uma ameaça à sua figura materna, tampouco como uma indicação de que ela não era uma boa mãe. Porque Melissa era a melhor mãe que Brenda e Jerônimo podiam ter.

— Oi, tudo bem? Demorei pra descer, porque eu tava com as pernas amarradas. — Melissa se justificou, sorrindo sem graça.

Foi assim o primeiro contato entre Melissa e Lorena.

— É um tipo de simpatia? — Perguntou a outra, parecendo interessada.

A sra. Ferrari fez uma breve análise da mulher diante dela, de pé do outro lado da mesa de Sante, vestida como se fosse uma freira na camisa branca e a saia cinza abaixo dos joelhos.

— Senta, dona Lorena. — Fez um sinal com

a mão indicando-lhe a cadeira. — Simpatia, nada. Foi uma atitude bastante antipática, isso sim. — Ela sentou na poltrona do marido. — Quer ser a babá dos meus pequeninhos?

— Adoraria. Tô com a carta de encaminhamento da agência. — Retirou o papel da bolsa e lhe entregou. — Gosto muito de crianças e inclusive tenho bastante experiência com elas. — Fez uma breve pausa e continuou: — Fui criada pela minha avó já velhinha depois que a minha mãe sumiu com o namorado. Ele não aceitava que ela tivesse filhos, ainda mais de outro cara, no caso, o meu pai... que já era casado. Então eu cresci sem irmão ou irmã em uma casa silenciosa. Isso é muito ruim.

— Eu também era filha única, te entendo perfeitamente. — Lançou-lhe um olhar gentil. — Aqui não tem silêncio, não. E, se tá tudo quieto, é porque os dois estão aprontando.

— Imagino que sim. — Sorriu.

— Olha, a Magnólia acha que manda em tudo, é só a governanta, mas o teu salário é menor que o dela, sinto muito. Quando eu era babá, confrontei o patrão, pedi aumento e tal... o homi não dá aumento, não.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei o salário muito bom.

— Jura? Até pouco tempo a fazenda tava quebrada.

— Oh.

— Mas agora tá tudo ok, vai receber direitinho o teu dinheiro, não te preocupa. Pode perguntar para a Veri, a cozinheira que esconde de todo mundo o namoro com o Murilo, o treinador de cavalos. O Sante, sabe o Sante, né? Pois é, achava que o Murilo tava de olho em mim. Pode isso? Ele é apaixonado pela Veri. Já a Magnólia ninguém quer. Mandona a diaba.

— Oh.

— O Túlio bebe. Muito do cachaceiro e mulherengo. O Zeca é invisível, a gente nunca sabe onde ele tá. O Tonho é sonso. O Paulão é fofoqueiro. Mas a Bianca é gente fina. Ainda assim, gosto mais dos cavalos. — Deu de ombros como se dissesse *fazer o quê?*

— Oh.

— Bem, o Je é temperamental, quebra os brinquedos, foge de casa engatinhando como se tivesse uma turbina na bunda, come muito, dorme pra caramba, amém. Já a Brenda... nasceu pra ser

PERIGOSAS ACHERON

famosa, só pode! Tipo aquelas pessoas malucas que aparecem na televisão, sabe? Fala muito, se mete nos assuntos, tem sempre uma opinião. É igual a Magnólia: mandona.

— Oh.

— Amo muito os dois. E eu não queria babá nenhuma na minha casa se metendo com os meus filhos. Peça a mim tudo de que precisar, dona Lorena, serei a sua melhor amiga. Mas se pisar na bola com os meus filhos, te acerto um machado no meio do crânio. — falou, bem séria, os olhos cravados no rosto pálido da outra.

Por um momento, Melissa considerou repetir a ameaça para ter certeza de que a futura babá se manteria nos trilhos. A bem da verdade, gostou da dona Lorena, parecia até que ela a via como sua patroa, bem do jeito que os peões a tratavam. Só Magnólia que pensava o contrário.

—Dá para perceber que a senhora é uma supermãe.

— Supermãe? Nossa, amei ouvir isso. — falou, emocionada. — Quer começar amanhã? Vou pedir pra Mag arrumar o meu antigo quarto de babá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, Sim! Adoraria!

Ela contornou a mesa e abraçou Lorena.

— Seja bem-vinda, dona Morena!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Anos atrás, ela acompanhava o pai nas cavalgadas ao pôr-do-sol. Às vezes, a mãe também ia junto com eles. Dois cavalos adquiridos do tio Sante, como Melissa o chamava quando era criança.

Sentada na frente do pai, sobre a cela, ela deitava a cabeça para trás sentindo o peito dele, a sua fortaleza e proteção. E, quando a mãe emparelhava o cavalo com eles, o vento soprava o seu perfume de patchouli e, naquele momento olhando para ela, Melissa tinha certeza de que o mundo era um lugar bom de se viver.

Poucas pessoas tinham consciência da própria felicidade no instante presente; a maioria se distraía e perdia os grandes momentos do cotidiano, recuperados depois aos pedaços através das recordações. Quem vivia apaixonadamente a própria vida, presente no agora, atento a tudo e a todos ao redor, não se tornava nostálgico. Por mais que Melissa sentisse saudade dos pais, ali, com Sante e as crianças, era feliz.

Naquela tarde, em especial, ela devia estar estudando para o simulado dali a três dias. O dia, no entanto, estava bonito, céu azul, ventinho gostoso, temperatura nos vinte e cinco graus. Resolveu então mudar a rotina das crianças e não as levou para o quarto a fim de tirarem uma soneca. A primeira parada foi na cozinha.

— Vamos preparar os lanches do piquenique. — Anunciou para Brenda e o bebê, encaixado no osso do quadril da mãe. — O que querem comer?

— *Fezuada!* — Brenda gritou, dando a sua escandalosa opinião.

— Feijoadada às quatro da tarde? — Ela colocou Je na cadeirinha. — Frutas, sanduíches e biscoitos. O que acha de me ajudar com isso, Ferrarinha?

A garotinha abriu a geladeira e fuçou por tudo. No minuto seguinte, Magnólia surgiu à porta.

— A Veridiana não vai gostar dessa invasão na cozinha dela. — disse, num tom crítico.

— Ao contrário de você, a Veri não é chata.

— Bem, só tô dando a minha opinião. — Pareceu ofendida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dando, né? Porque se fosse vender, não teria cliente.

— Você tá afiada hoje, não, Mel?

— Igual a faca, te cuida se não te furo. — Brincou, enchendo o balcão da pia com os ingredientes para os sanduíches. — Bom, nada de mostarda, é forte e causa diarreia.

Je soltou um pum e começou a rir, exibindo as gengivas rosadas.

— *Polco* fedido! — A irmã o acompanhou nas risadas.

O som da alegria infantil, no entanto, foi abafado pela sirene de uma ambulância.

— O que será que aconteceu? — Magnólia foi até a janela e se inclinou por sobre o balcão da pia para averiguar a situação. — Eles estão se dirigindo para a pista de treino.

— Acho que um peão caiu do cavalo. — falou Melissa, preocupada. — E deve ter sido sério.

— Sim, muito sério.

Melissa imediatamente ligou para Sante.

— Vimos a ambulância entrar na fazenda. Quem caiu do cavalo?

— *Ninguém. Não posso falar agora, Mel.* —

PERIGOSAS ACHERON

disse, numa voz tensa.

— Agora tô mais preocupada ainda! O peão se quebrou todo? — Ouviu o suspiro profundo do marido e aí teve a certeza de que o caso era grave. — O Túlio entrou em coma alcoólico, não foi? Meu Deus, eu sabia que uma hora isso ia acontecer! Que merda! Vamos interná-lo, Sante.

— *Agora não posso falar.* — Foi incisivo.

— É grave, não é? Vou aí. — Decidiu, encaminhando-se porta afora.

Mas não chegou à escadaria depois do alpendre. A voz de Sante soou embargada quando declarou:

— *A Ambulância é para o Murilo. Ele teve uma parada cardíaca, Mel. Fica aí, por favor.*

O choque da resposta a paralisou a ponto de parar até de respirar. O suor quente e pegajoso porejou instantaneamente na sua nuca, e ela deixou o celular cair no chão.

Capítulo 33

O socorrista realizou com sucesso as manobras de reanimação cardiopulmonar em Murilo, que foi colocado na ambulância e levado imediatamente para o hospital.

Melissa e Veridiana seguiram na picape com Sante, enquanto Magnólia ficou com as crianças. E foi assim que a governanta soube que a cozinheira namorava o treinador de cavalos.

Túlio e Paulão chegaram mais tarde à sala que antecedia a unidade de terapia intensiva.

— Como tá o treinador?

— Ainda não sabemos, Túlio. — disse Sante.

Os vaqueiros se acomodaram no sofá. O ambiente estava carregado de tensão.

— Pedi pra ele comer mais verduras. — Veridiana falou, baixinho, nitidamente tomada pelo medo. Melissa pegou a mão dela entre as suas, sentindo-a fria. — Fuma muito, não se exercita... Ele põe os cavalos para se exercitar, mas não faz o mesmo. — Balançou a cabeça com pesar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dizem que tem hõmi que não sabe se cuidar ou simplesmente não se importa com a própria saúde.

— Verdade, Mel, ainda mais depois de certa idade, aí eles ficam teimosos e só escutam o que convém.

— É mesmo, né, Sante?

— O quê? — Ele se voltou para ela, parecendo alheio à conversa.

— Viu? — Melissa lançou um olhar significativo para a cozinheira. — Ei... — Apontou para o dedo anelar da outra — isso é o que tô pensando? — Sorriu.

Os olhos de Veridiana brilharam tomados pelas lágrimas. As órbitas oculares estavam avermelhadas, assim como a ponta do nariz.

— Ele me pediu em casamento ontem à noite, e eu aceitei. — disse, emocionada.

Sante havia se levantado da cadeira e se postado à porta que dava para o corredor de acesso à unidade da UTI. Então ele não viu quando Melissa abraçou uma Veridiana que, contrariando o seu temperamento debochado e seco, desandou a chorar no ombro da patroa.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai dar tudo certo, Veri.

— Ele é tão maravilhoso. — disse, por entre as lágrimas. — Sou amada como nunca fui, entende isso? Sinto o amor dele por mim em cada detalhe. E eu o amo mais do que a minha própria vida. Faz anos que ele quer assumir o nosso namoro, já me pediu em casamento meia dúzia de vezes, mas eu tinha tanto medo de perdê-lo... Pensei que se assumíssemos o nosso amor, algo de muito ruim aconteceria. — Ela parou de falar e suspirou profundamente. — E aconteceu. Vinte e quatro horas depois que aceitei me tornar a sua esposa, o coração dele parou. Não é irônico? Pra mim, é desesperador.

— Vou tentar falar com um dos médicos. — Afirmou Sante, da porta, o ar grave no cenho franzido.

— Não podem nos deixar aqui sem notícia. — Foi Túlio, zangado e ansioso.

Melissa se manteve atenta à Veridiana, que esfregava o rosto com as mãos demonstrando de fato desespero.

— Nós éramos amigos antes de tudo. — Começou ela, esboçando um sorriso triste. — A

gente conversava sobre futebol... depois ele assumiu que não gostava de futebol, e eu disse que também não. — Riu-se, baixinho. — Aí fomos ao salão country, bebemos, falamos sobre o passado um do outro e seguimos assim, como bons amigos que se divertiam juntos. Até que um dia uma coisa diferente aconteceu, não sei bem o que foi, quem deu o primeiro passo. Lembro que o nosso primeiro beijo foi debaixo de um poste de luz no meio do centro da cidade. Tudo desapareceu ao redor quando tocamos uma boca na outra, foi como se nos reconheçamos antes de tudo, antes mesmo do que tínhamos vivido com outras pessoas. Foi um sentimento de pertinência, e não de posse. — Ela tocou com a ponta dos dedos os próprios lábios. — Voltamos de mãos dadas como namorados adolescentes. Naquele momento não pensei na minha irmã nem nos meus pais ou no tio pedófilo. Eu me senti tão especial, tão importante, tão poderosa e linda que não conseguia parar de sorrir. Meu Deus do céu! — Jogou-se nos braços de Melissa, chorando no ombro dela. — Tá doendo, tá doendo tanto!

Melissa abraçou-a de volta, olhando para o marido cujo rosto exibia todos os traços da aflição.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era o seu amigo quem estava à beira da morte. E, para um homem com um passado de perdas, aquilo era devastador.

Viu-o se encaminhar para o corredor atrás de notícias sobre Murilo.

Paulão começou a zanzar pela sala visivelmente nervoso.

— Como um troço desses acontece assim, sem mais nem menos?

— O treinador é forte, Paulão. — disse Túlio. — Ele vai se safar dessa, é caubói velho de guerra, pô!

— Mas fuma feito um condenado. — Rebateu Paulão, arando o cabelos com os dedos.

— A gente tem que pensar positivo. — Interveio Melissa, sentindo que Veridiana acabaria estourando com aqueles dois e os mandando à merda. — O Murilo é um cabra apaixonado, então tem mais anticorpos que vocês dois, que só querem trepar.

— Patroa! — Paulão a fitou como se a visse pela primeira vez.

— Falo sério. Amar faz bem pra saúde, seus libertinos. — Xingou-os. — Bando de safados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá falando assim pra diminuir o drama, pensa que não sei?

— Oh, Paulão, como você é esperto, não sei por que não te deram o Prêmio Nobel de jacu gênio. — Zombou Melissa, séria.

Sante voltou à sala e a fisionomia demonstrava apreensão.

— O Murilo sofreu uma segunda parada cardíaca.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Veridiana parou de chorar, secou os olhos com o dorso da mão, respirou fundo e empertigou a coluna, sentando ereta na cadeira. A postura de uma lutadora machucada da guerra, mas ainda uma lutadora.

Sante, no entanto, aparentava um estado de exaustão emocional.

— Precisa de um tempo lá fora, garoto. — disse Melissa, fazendo um carinho no braço do marido. — A angústia sufoca a gente, né? Vai respirar ar puro, vai.

— Não sairei daqui. — falou, cabisbaixo.

— Tudo bem, vou ficar com você.

No instante seguinte, o celular de Melissa vibrou.

— Oi, Magnólia.

— *Como tá o Murilo, Mel? Ninguém me dá notícias dele, tô nervosa demais.*

— Tá na UTI. — Preferiu não entrar em detalhes.

— *Ele vai sobreviver?*

— Não sei.

— *E a Veridiana? Coitada, já sofreu tanto na vida e agora isso.*

Melissa foi para o corredor, sentindo o olhar de Sante sobre si.

— Ela tá arrasada como todos nós.

— *Queria tá aí com a minha amiga.* — Lamentou.

— Você tem razão, deveria estar aqui com a Veri. Vocês são amigas há anos, e eu não sei como consolar alguém. — Foi sincera. — Vou pedir para o Paulão me levar à fazenda, e você vem para o hospital com ele, tá?

— *Obrigada, Mel.*

Sentiu a presença de Sante atrás de si e se virou.

— Não sei mais o que dizer a Veridiana, acho que não tô ajudando muito. — Torceu o lábio para baixo.

— As crianças precisam de você. — disse ele, sério.

— Pois é, sou mais útil na fazenda. — Considerou, endereçando um último olhar para Veridiana, que era consolada pelo abraço fraternal

de Túlio.

— Vou levá-la pra casa. — disse Sante, pegando-a no antebraço e a conduzindo pelo corredor.

— O Paulão pode me dar uma carona, fica aqui.

— Quero realmente deixá-la em casa com as crianças. Esse ambiente de hospital vai acabar te afetando.

Melissa assentiu com um meneio de cabeça, levando em conta as palavras do marido. A preocupação pelo estado de saúde de Murilo se misturava ao pavor que sentia pelo ambiente hospitalar. Seus pais morreram num hospital e tudo que se referia à época da morte deles ainda a afetava.

O estacionamento estava lotado de veículos, contudo, a concentração de pessoas se dava à entrada do hospital, em especial, no setor da emergência. Um movimento frenético, exaustivo e de fortes emoções. O cheiro da morte pairava no ar, mas também outro tão primitivo quanto ele, o do instinto de sobrevivência humano.

Antes de acionar o motor da picape, Sante

apenas se postou diante do volante, o olhar angustiado fitando adiante num ponto vazio.

Ela o tocou no joelho, e ele se voltou para fitá-la.

— O Murilo ainda tá vivo. — Afirmou, emocionada.

— Você não entende. — Ele balançou a cabeça em negativo, falando numa voz embargada.

— Me fala o que eu não entendo. — pediu, de um jeito brando, vendo-o retesar os maxilares numa expressão de pesar.

O marido baixou a cabeça e, quando a encarou novamente, os olhos estavam marejados de lágrimas.

— Não.

— Se abre comigo, sou sua amiga além de esposa. — Tentou pegar a sua mão, mas ele a recolheu, esquivando-se dela. — O Murilo é o seu melhor amigo, vocês estão sempre juntos, imagino o quanto esteja sofrendo...

— Não, você não imagina. — Interrompeu-a, secamente. — E ele não é o meu melhor amigo. — Abriu a porta e saiu da picape.

Diabos, o que tá acontecendo?

Viu-o passar por entre os automóveis, chegar à calçada e seguir em direção ao pequeno bosque que margeava a rodovia.

Melissa o acompanhou, preocupada com o comportamento dele. Ela também se sentia mal, oprimida, com uma sensação de que algo terrível estava prestes a acontecer. Intuíu que Murilo não resistiria a terceira parada cardíaca. Talvez a qualquer momento viesse à óbito. A fazenda dificilmente seria a mesma depois da morte do treinador.

— Sante! Sante, por favor!

Ele parou ao ouvi-la e se voltou.

— O que quer de mim? O que espera ouvir? Não sou o tipo que desabafa. Quantos anos de convivência precisamos ter para que de fato me conheça? — Interrogou-a, com rispidez.

— Você é um órfão...

— Grande merda, não sou mais criança.

— Você é um órfão que tem medo de ser abandonado de novo, de ver as pessoas entrarem e saírem da sua vida...Tem medo de um dia ficar completamente sozinho. — disse, controlando-se para não chorar, pois não falava apenas de como

PERIGOSAS NACIONAIS

Sante se sentia, mas também dos próprios sentimentos.

— O Murilo é funcionário da fazenda, apenas isso. — Afirmou, parecendo irritado.

Mas ela o ignorou.

— Eu jamais vou te deixar. — Declarou, emocionada.

— Não seja ridícula, eu não sou um fraco. — Deu-lhe as costas, entrando no bosque.

— O que vai fazer?

Voltou-se para ela, que pôde ver o brilho das lágrimas que beiravam às pálpebras.

— Preciso de espaço pra pensar. Você me sufoca, Melissa. — Ele repetiu o que um dia ela lhe disse.

— Eu sou o seu espaço, o seu templo, a sua casa. — disse, magoada com ele, mas decidida a se impor. — Sou a sua família. E não vou te deixar sozinho nunca nem agora.

— Vá ter a sua crise lá na picape, ok? Me deixa em paz.

— Jamais te deixarei em paz.

Correu atrás dele.

Ela pisou nos galhos secos, que formavam

PERIGOSAS ACHERON

um segundo piso acima do solo úmido da terra vermelha. As raízes grossas atiravam-se como veias inchadas serpenteando por entre os arbustos. Acima de todos, o luar se insinuando na teia de galhos entremeados das árvores mais altas.

Não sabia o motivo de ele seguir em frente, como se tivesse algo urgente para fazer, parecia até que fugia dela. Ele pediu um tempo para si e, somente agora, se dava conta de que se casou com um homem solitário. Sante não era um cara que desabafava ou conversava a respeito de um problema referente ao seu passado. O que lhe aconteceu continuava sendo de competência dele e de ninguém mais.

De repente, ele parou e se virou para trás.

— Eu não sei lidar com o que tô sentindo. — Admitiu, expressando derrota, olhando-a com desespero. — Me ajuda, Melissa. — Pediu num tom de súplica e as lágrimas enfim deslizaram pelo seu rosto.

Melissa ficou na ponta dos pés para abraçá-lo. Sentiu-o estremecer e entendeu que Sante chorava no seu ombro. Aquilo era demais pra ela.

— Eu queria falar uma frase mágica que

arrancasse essa dor de dentro de você. — disse para ele, comovida.

Ele a apertou contra si como se fosse a sua boia de salvação no oceano das reminiscências. Era possível que o choque da parada cardíaca de Murilo, tivesse levado Sante a se lembrar de mais partes sombrias da sua infância.

Os pais adotivos, velhos e insanos, vestindo-o de menina. E, antes disso, a solidão do abrigo institucional. O abandono de quem o concebeu e o pôs no mundo. A solidão da adolescência na estrada, fugindo de um lar disfuncional, escapando de voltar ao abrigo. Perdendo pessoas pelo caminho e se esquecendo aos poucos da própria essência.

Ele a levantou do chão e a carregou até uma árvore de tronco largo com nervuras cascudas e salientes. Baixou a cabeça para encará-la, exibindo os olhos azuis molhados das lágrimas e as mãos desceram até encontrar o cóis da calcinha por baixo do vestido.

Comovida, Melissa baixou o zíper do jeans dele e puxou o pau da boxer, agarrou-o no diâmetro grosso e duro, as veias pulsando debaixo da pele sedosa e morna, a glândula úmida.

PERIGOSAS NACIONAIS

Num gesto brusco, ele a agarrou em uma nádega, ergueu-lhe a coxa e a penetrou fundo. Deslocou os quadris bem devagar, languidamente, fodendo-a sem tirar os olhos dela, as lágrimas vertiam-lhe dos olhos avermelhados, a respiração pesada lhe escapava dos lábios entreabertos junto aos gemidos.

Ele a enterrou na lança de carne que vibrou dentro dela. Segurando-a pela cintura, a içava e a descia com violência no pênis que socava e socava para dentro.

Ambos choravam buscando a vida no ato sexual, buscando esperança na união dos seus corpos.

— Eu não vivo sem você. — Ele confessou por entre a respiração ofegante.

Ela gozou se amparando nos ombros de Sante.

Ele mordeu o próprio lábio inferior, apertou os olhos, as narinas se dilataram a fim de ceder à passagem do ar quando atingiu o orgasmo, ejaculando forte e grosso dentro dela.

Retirou-se dela e ajeitou o pênis dentro da calça. Tinha as mãos trêmulas, o cabelo bagunçado,

PERIGOSAS ACHERON

a testa porejada de suor. Pegou um cigarro e o pôs no canto da boca. Não achou o isqueiro, jogou o cigarro longe e encarou a esposa.

— Te amo, porra. — disse, sério, olhando-a com olhos de amor. Depois a puxou para si, beijando-a na testa, nos olhos, no nariz e, por fim, na boca.

Capítulo 35

Daniela apareceu no casarão perto das sete da manhã. Parecia realmente abalada depois de saber que o treinador estava hospitalizado.

Sante ficou por lá, pela casa, fumando na sala diante da televisão, após deixar Magnólia no hospital. Pediu com gentileza para que o deixasse sozinho, pois não tinha cabeça para conversar, então ela o atendeu, refugiando-se no quarto com os filhos.

Levou Brenda e Je para a cama do casal e demorou para pegar no sono. Abraçou-se às crianças, que estavam quietinhas e sonolentas. Temia ouvir o chamado do celular com a ligação de alguém do hospital. Sabia que se telefonassem de lá seria para dizer que Murilo morreu. Por isso a qualidade do seu sono foi péssima, acordava a todo instante sobressaltada, o coração disparado. Às vezes ouvia o celular tocar, mexia nele e não havia sinal algum de ligação. Era tudo da sua cabeça.

Quando desceu para ver Sante, encontrou-o no alpendre tomando café preto numa caneca de

cerâmica.

— Se não dormir um pouco, vai ser difícil aguentar o resto do dia de pé. — Fez um carinho no rosto dele um tanto abatido.

— Liguei para o hospital.

— E como ele tá? — Ela fez a pergunta com medo de ouvir a resposta.

Sante tomou um bom gole da bebida quente e a encarou com seriedade.

— Acredita em milagres?

Foi como receber um soco no estômago e ela chegou a fechar os olhos para aguentar o golpe. E, quando os abriu, Daniela chegou no carro conversível.

— O Paulão me contou sobre o treinador. Sinto muito, de verdade. — disse ela, encaminhando-se até eles. — Gostei muito dele nesses dias em que treinamos o Thor.

— Ele não tá morto. — Sante foi seco, olhando para a cliente de cara amarrada.

—Obrigada pela consideração. — Amenizou Melissa, reconhecendo o comportamento habitual dele.

Ela pareceu sem jeito em vista de que o sr.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ferrari dava atenção ao próprio celular enquanto a sra. Ferrari a fitava esperando o desenrolar da conversa.

— Vou dar uma passadinha no hospital e depois os meus pais querem visitá-lo.

— Nada de visita, o cabra tá na UTI.

Mais uma vez, Sante a colocava numa saia justa. Bem, a mocinha havia arrastado as duas asas para ele, então o negócio era deixá-la ter certeza de que o caubói era tihoso e não estava a fim de ter um caso extraconjugal.

Daniela a fitou à espera de uma explicação para a atitude casca-grossa de Sante. Melissa, entretanto, apenas deu de ombros num gesto claro de quem não tinha nada a ver com a situação. *Éééé, o hõmi é um bruto cascudo, miss-jeans-colado.*

— Quer alguma coisa da cidade, vou para o hospital? — falou ele à esposa.

— Espera, vou à cozinha falar com a Veri...

— Ela somente se deu conta da distração ao ver o arquear das sobrelhas do marido. — Acho que não preciso de nada, não. Mas vê se as meninas querem algo daqui, como roupas ou chinelos, comida, sei lá.

PERIGOSAS ACHERON

—Mandeí que comessem por lá, nos restaurantes próximos, deixei meu cartão com a dona Magnólia.

— Vou indo também. — Daniela sorriu, despedindo-se com um meneio de cabeça.

Até poucos dias atrás, ela considerava Daniela como um problema, uma ameaça ao seu casamento, e, agora, diante de uma situação realmente importante, percebeu o quanto se preocupou com migalha.

— Tá *todu* mundo *tisti*.

— Triste. — Melissa corrigiu a filha.

— *Tisti*.

— Não, é tris-te.

— *Tiiis-tiii*.

— Acho que uma escolinha de meio turno não lhe faria mal, assim conversaria com crianças da sua idade que já falam corretamente. — Melissa considerou, espalhando a geleia no pão caseiro que depois entregou para Brenda.

— Hmm.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hmm... o quê?

— *Colinha* num tem *cavalio*.

— Ah, mas você vai aprender a desenhar cavalos e aí poderá criar um só seu. — Interveio Lorena, terminando de dar maçã raspadinha a Jerônimo.

— O meu *cavalio*? — Arregalou os olhos, surpresa.

— O pônei chegará esta semana, poderá desenhá-lo na escolinha.

— Na *palede* da *colinha*, *manhê*?

— Claro que não, sua doida! Olha *as ideia* da maloqueira. A convivência comigo tá ferrando o DNA da Ferrarinha.

— Ela é um amor, esperta que só. — A babá endereçou um sorriso à garotinha.

— *Lolena bula*.

— O que é isso, Brenda? — Ralhou com ela.

— Deixa pra lá, nenhuma criança gosta de mudanças e de gente estranha por perto.

— *Bula* e chata.

— Brenda, chega. — Forçou-se um tom sério, embora quisesse rir da cara de pau dela.

PERIGOSAS ACHERON

— A ideia da escolinha é muito boa, assim a Brendinha socializa com outras crianças. Além disso, sairá um pouco do ambiente campestre para o urbano, uma boa mudança de ares.

Brenda tinha a boca suja de geleia quando, meio que se cuspindo, disse:

— Vai à *méda*.

— Coisa feia de falar! Pede desculpas! — Ordenou, séria por fora, rindo por dentro.

A garota olhou demoradamente para a mãe, a expressão carrancuda igualzinha a de Sante quando zangado, depois endereçou um longo olhar para a babá, que aguardava o pedido de desculpas com olhos ternos.

— Caguei na *flauda*!

Melissa aqueceu o feijão no fogo enquanto assava a carne com batatas no forno elétrico, atenta ao celular na mesa da cozinha.

Abriu a janela diante do balcão da pia, observando as nuvens escuras se formando no céu branco. O vento soprava forte os galhos das

árvores. Os peões inclusive haviam recolhido os cavalos da área do pasto para o interior do estábulo, acomodando-os em suas baias.

Alguém, lá fora, ouvia a rádio local. O locutor lia a previsão do tempo, anunciando a chegada de um ciclone extratropical. A sua voz excessivamente empolgada dava nos nervos de Melissa, parecia um nota aguda que rachava o vidro da realidade daquele dia, quando a fazenda inteira jazia num leito de UTI, segundo Sante, à espera de um milagre.

Quando o celular vibrou, ela não se moveu. Deixou-o simplesmente tocar. Atendê-lo significava saber sobre algo e, naquele momento, não acreditava em milagres.

Sentou à mesa, respirou fundo e pegou o celular, lendo na tela a origem da ligação: “marido lindo”.

Não podia deixá-lo sozinho na sua dor, precisava ser corajosa e lhe dar apoio.

Ligou de volta para ele.

— Fala, garoto. — Fechou os olhos e se forçou a perguntar: — Você ligou por causa do Murilo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Silêncio do outro lado da ligação.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Choveu por dois dias na região, a temperatura baixou, o verde das árvores se intensificou e o comércio lucrou com a compra antecipada das roupas de inverno.

Melissa usava um vestido preto, comprido até os joelhos, o cabelo preso num coque e óculos escuros. Carregava Jerônimo no colo enquanto à sua frente, na calçada diante do restaurante onde almoçaram, via Sante de mãos dadas com a filha.

O friozinho combinava com o dia cinzento.

— Faltei às aulas alguns dias, mas ainda tô no páreo, embora tenha descartado totalmente a faculdade longe de casa, Rodrigo.

— *Tenho uma novidade pra te contar.*

— O vestibular foi extinto no Brasil. — O celular colado à orelha, os olhos postos em Sante que se virou para encará-la com olhar interrogativo.

— *Melhor do que isso. O dono do cursinho, em sociedade com um fazendeiro, vai abrir um centro universitário aqui na cidade.*

— Nunca vi fa-zen-dei-ro preocupado com a
PERIGOSAS ACHERON

educação do povo. — Escarneceu.

Sante se aproximou dela e falou baixinho:

— Nem todos os fazendeiros são de direita, os que comeram merda ao longo da vida, por exemplo, entendem muito bem de injustiça e sofrimento.

— Quando falei *fazendeiro*, não pensei em você, maridão. — Rebateu, corada e sem graça.

— Imaginei isso. — Comentou, de modo dubio, afastando-se para lhe dar privacidade.

— *Alô? Melissa? Você foi abduzida?*

— Por falar em abusiva, tenho que entregar uma redação para o professor Eduardo, só que eu ainda não a escrevi.

— *Acho que a gente tava falando sobre outra coisa...*

— É verdade, ando meio distraída, ainda mais que tô andando mesmo, aqui no centro, com a família. Viemos almoçar e espairecer um pouco.

— *Oh, que legal, grande bosta. Eu tava falando sobre termos uma segunda opção, entende como muda tudo? O diretor vai abrir vários cursos, a maior parte da área da agricultura e pecuária.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom pra quem gosta disso.

— *Mas você queria estudar Agronomia, ora.*

— Sinto que o meu lance é com a Psicologia.

As pessoas precisam de mim, sinto que posso ajudá-las, mas quando abro a boca às vezes causo desastres.

Notou quando Sante se voltou novamente para ela.

— Quer estudar Psicologia? Tem certeza? — O marido a fitou parecendo interessado na sua resposta.

— Sim, quero ser útil e ajudar as pessoas.

Ele concordou com um meneio de cabeça.

— É um bom curso. — disse apenas.

— *Vou perguntar ao diretor quando abrirá o curso de Psicologia.*

— Vê isso, por favor, Rodrigo.

Encerrou a ligação e deu uma corridinha até Sante e Brenda, que tinham entrado numa confeitaria.

— Mais doce, Sante? — A pergunta foi feita para o marido, mas o seu olhar recaiu para a ruivinha com ar travesso.

— Tô com vontade de *blanquinho*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É bran-qui-nho, e não *blanquinho*.

Brenda coçou a cabeça, puxou o pai pela mão até ele olhar para baixo e a encarar.

— Falei que ela tá chata, né? — Reclamou.

— Ah, que interessante, nenhum erro nessa frase. — disse Melissa, pegando os dedinhos de Jerônimo, que tentava enfiá-los na sua boca. — Vou morder seus dedos e engolir.

O bebê se virou, jogando os braços em direção ao pai, pedindo-lhe colo.

— *Papá!*

— Precisa de um descanso, Mel. — disse Sante, pegando o filho no colo. — Você e a Veridiana. Nós conseguiremos nos virar sem as duas.

— Tá me enxotando de casa? — Desconfiou.

— Quero lhe dar umas férias do cargo de mãe, ok?

Ela se abaixou e olhou nos olhos da filha.

— Vou viajar por um tempo, assim a chata vai te deixar em paz.

— *Vamo com o Mulilo?*

Melissa lançou um olhar para Sante.

— Você vai ficar com o seu pai.

PERIGOSAS ACHERON

Oh, por favor, pede pra eu ficar, faça uma cena, chora desesperada, estridente, grita, se joga no chão, diz que me ama demais, que não sou chata.

— Chata é a *Lolena*. — Ela olhou para o pai e repetiu: — A *Lolena* é chata. A mãe é boazinha.

Dito isso, jogou-se nos braços de Melissa.

— Viu como serei uma ótima psicóloga.

— Sim, interessante esse seu método, dá até medo dele.

Brenda montou nos ombros do pai, que a segurou nas perninhas, e depois lhe tomou o chapéu, colocando-o na própria cabeça. Como era grande, escondeu-lhe parte do rosto.

Depois da confeitaria, eles passaram numa loja de móveis e roupas de bebês. Melissa sentiu como se estivesse no parque de diversões, não sabia o que escolher, tudo era fofo e maravilhoso. Optou então pelo carrinho de bebê, mas ficou de olho nas roupinhas de caubói.

Agora, a família Ferrari estava diante da

porta da casa de Veridiana.

— Vocês não precisam bater, uai. É só abrir a porta e entrar, a casa literalmente é dos dois. — disse ela, vestida no jeans e na blusa de algodão sem estampa.

— A casa é nossa, mas o lar é seu. — Salientou Sante, passando pela mulher que lhe cedia espaço para entrar. — E realmente é um lar. — Completou, admirando a decoração caprichada da sala com móveis rústicos.

— É melhor manter a fera nos seus ombros, senão ela vai mexer em tudo. — Melissa alertou o marido.

— Nada disso, deixa a Ferrarinha fuçar nas coisas.

Veridiana estendeu os braços para pegar Brenda no colo e depois a pôs no chão.

— Te comporta, hein! — Melissa foi incisiva com a filha.

Somente então a cozinheira viu o carrinho de bebê. Arregalou os olhos e levou a mão à boca, parecendo incrédula. Sante antecipou-se e deu-lhe um abraço.

— É um presentinho para os seus passeios

PERIGOSAS NACIONAIS

com o filhote pela fazenda. Menino ou menina, é certo que terá a mesma paixão por cavalos que o pai. — Declarou, emocionado.

— Acredita em milagre, patrão?

Ele olhou para Melissa e depois para os filhos.

— Sim, acredito. — Depois se voltou para Veridiana. — Você carrega um milagre no ventre, cada filho é a confirmação de um milagre da vida.

— Verdade, eu não sabia que tava grávida até desmaiar no hospital, depois que vi o meu amor abrir os olhos e falar comigo. — As lágrimas transbordaram dos seus olhos.

— Falta pouquinho para o outro milagre de Stetson voltar para casa. — disse Melissa. — E já vou avisando que o Paulão tá de olho na casa do Murilo, disse que é maior e ele não aguenta mais morar com o Tonho, que é porco.

— O Murilo virá para cá depois de receber alta do hospital?

— Sim, patrão. — Respondeu Veridiana, encabulada. — Quero cuidar do meu noivo, ficar de olho no que ele come, nos seus exercícios físicos e na quantidade de cigarros que fuma por dia.

PERIGOSAS ACHERON

— O pai fuma.

— É, Brenda, o papai é uma chaminé. Acho que ele quer nos deixar antes de envelhecer. — Reclamou a mãe da garotinha, olhando de cara feia para o marido.

— Vagabundo!

— Brenda, credo! Não fui eu quem ensinou isso pra ela, não. — Defendeu-se Melissa.

Sante sorriu.

— Vou fumar menos... quem sabe até parar. — Piscou o olho para a esposa. — Não pretendo tão cedo deixá-la solta no pasto.

— Nem brocha, né?

— Pelo amor de Deus, Mel. — Veridiana segurou-se para não rir.

— Qual é a diferença entre ficar brocha e estar morto? — Sante deu de ombros, resignado.

— O brocha vê os filhos crescerem, afff. Mas vê se para de fumar, por favor. O que aconteceu ao Murilo tem de lhe servir de lição.

— Sim, patroa.

— Não debocha, hômi.

— Falo sério, Mel.

— Se eu te pegar fumando, vou te fazer

engolir o cigarro, viu?

Sante se virou para Veridiana e disse:

— Não duvido.

Veridiana riu e, em seguida, se pôs a admirar o carrinho de bebê.

— Amo vocês quatro. Sabem disso, né? — Voltou-se para eles e completou: — Família se escolhe, sim, e eu sinto que agora tenho a minha, com o Murilo, o meu bebê, a Magnólia e os Ferrari.

Melissa notou que as bochechas do marido ficaram coradas. Pensou em fazer uma piada a respeito, contudo, conteve-se a fim de não quebrar o clima de emoção.

Epílogo

As listas com o nome dos alunos e a sua respectiva pontuação no simulado das provas estavam afixadas no corredor que antecedia o auditório do pré-vestibular, onde aconteceria dali a poucos minutos a solenidade em comemoração dos dez anos do cursinho.

Melissa imaginou que ficaria em último lugar, estudou pra caramba, escreveu várias redações, leu os livros pedidos, conseguiu enfim um tempo para se preparar, agora, com Lorena tomando conta das crianças. Entretanto, as provas lhe pareceram difíceis e o tema proposto à redação exigiu-lhe um bocado de tempo para ser interpretado.

Faltando cinco minutos para o prazo final de entrega das provas, ela conseguiu finalizá-las. Foi a última da turma a deixar a sala de aula. E, como uma maratonista considerada como zebra da competição, chegou à linha final, torta de cansada, se arrastando, tropeçando nas pernas e com meio metro de língua pra fora, mesmo assim cruzou a

linha de chegada. A sensação que teve foi a de vitória.

— Meus parabéns! Me ultrapassou na pontuação das provas, hein! — disse Rodrigo, sentando ao seu lado na cadeira do auditório.

— A diferença entre nós é que me matei estudando, e você mal pegou nos materiais e, ainda assim, tivemos poucos pontos de diferença. — Melissa foi espirituosa.

— Mas eu não tenho dois filhos e um marido possessivo. — O rapaz esfregou o próprio maxilar à menção do ocorrido no salão country.

— Ok, chega de rasgação de seda, sei que adora um elogio.

— Até parece! — Riu-se e, voltando-se para o público, falou: —Essa história de trazer os familiares para comemorar o aniversário do cursinho acabou com os meus planos de encher a cara no bar... — E, virando-se pra ela, completou: — Mas vi que você tá sozinha.

— Sim. — Suspirou, desanimada. — Tem muita coisa acontecendo na fazenda. O Murilo ainda tá parado, se recuperando do infarto, então o Sante tem que supervisionar o trabalho do Paulão,

PERIGOSAS NACIONAIS

que tá treinando os cavalos, e comparecer às corridas e aos leilões.

— Li no jornal sobre a venda milionária de um dos cavalos do haras Ferrari.

— Um dos filhos do Imperador foi comercializado, e o Bolt tá invicto nas pistas nacionais e logo irá para as do exterior. — disse, com orgulho.

— Esse é um bom ano para a sua família, não?

— É verdade, um bom ano. — Ela concordou, esboçando um sorriso secreto nos lábios.

— Mas sinto muito lhe dizer que a sua pontuação não a coloca na faculdade daqui. Acho que seria legal pensar num plano B, como... sei lá...ajudar o marido na fazenda ou comprar um apartamento na cidade vizinha.

— Já decidi que não vou estudar longe da minha família. Os meus filhos são pequenos, precisam de mim e eu deles... Aliás, não vou desperdiçar nenhum dia da minha vida longe de quem amo. Vou conciliar tudo nem que eu passe o resto da minha vida tentando passar nessa

PERIGOSAS ACHERON

universidade federal do *caceite*!

— Claro, tá certa. Enquanto isso poderá frequentar o clube das esposas dos fazendeiros, dizem que o chá e os biscoitinhos franceses são ótimos. — Zombou ele.

— Debocha, não tem problema, mas eu continuo com a pontuação mais alta que a sua. — Devolveu a zombaria.

A luz do palco foi acesa, alunos e familiares fizeram silêncio à entrada do cinquentão de terno e gravata, sorridente, segurando o microfone.

O dono do pré-vestibular era um homem alto que usava o cabelo grisalho bem curto ao estilo militar. O que se sabia sobre ele era que fora professor de Física até investir na própria escola de preparação para o vestibular. Era gentil, agradável de se conversar e um excelente professor, que ainda se mantinha na ativa.

O único problema era quando ele começava a discursar, pois tinha uma grande dificuldade para ser objetivo e ir direto ao ponto. Assim, até chegar na questão principal, ele dava voltas e mais voltas numa introdução tão longa que dispersava a plateia. E foi isso que novamente aconteceu naquela noite.

Enquanto ele falava alguma coisa sobre o prédio novo do cursinho, cuja construção estava pronta desde o início do ano, emendou o assunto com o seu sonho de ter um centro universitário e blá, blá, blá... Melissa se distraiu com os próprios pensamentos, imaginando o motivo de encher mais salas de aula com o mesmo público de até então, parecia um desperdício usarem dois prédios somente para o pessoal do pré-vestibular.

—... e o meu sonho e de muitos jovens e adultos da nossa cidade se realizou. Hoje posso anunciar que conseguimos o registro do nosso centro universitário junto ao Ministério da Educação e iremos oferecer três cursos imprescindíveis à economia da nossa região, que são Agronomia, Medicina Veterinária e Administração com ênfase na área rural e agroindustrial. — Ele fez uma pausa, olhou para a parte lateral do palco, na coxia, e, sorrindo sem graça, completou: — E Psicologia.

O modo como o diretor falou, parecendo constrangido em mencionar um curso fora do interesse de uma cidade agropastoril, foi engraçado. A plateia não resistiu à careta do homem, que rapidamente se justificou:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que também é um curso importante...Afinal, precisamos cuidar da nossa saúde mental. E, para o meu sócio, oferecer a faculdade de Psicologia à comunidade era a condição de ele se juntar a mim nessa empreitada. Afinal, boa parte do dinheiro vem dele. — Riu-se, acompanhado pelos alunos e seus familiares.

— Olha aí, a sua chance, Mel. — disse Rodrigo.

— Tô me segurando pra não chorar! Quem é esse sócio fofo do diretor? O Sante tem que dar um cavalo de presente pra ele! — Empolgou-se.

— Senhoras, senhores e caros alunos, apresento-lhes o homem que tornou possível a criação do Centro Universitário Camões. Uma salva de palmas para Sante Ferrari!

A plateia se pôs de pé aplaudindo com entusiasmo o fazendeiro que surgiu ao palco, vestido no blazer escuro e exibindo o semblante sério que lhe era peculiar e a elegância de um CEO de uma metrópole.

— Caralho, Mel! Você sabia disso? — Rodrigo perguntou sem deixar de bater palmas como se fosse para os jogadores do seu time de

PERIGOSAS ACHERON

futebol.

Melissa empalideceu.

— Cla-claro que não. — Balbuciou, os olhos plantados no marido.

O diretor exibia um sorriso de comercial de creme dental ao apertar a mão do fazendeiro e lhe entregar o microfone. Melissa notou que o marido não parecia à vontade, expondo-se no palco diante do público. Ele olhou para o microfone como se fosse uma granada e talvez tenha pensado em jogá-lo longe. Mas não o fez, erguendo-o a centímetros da boca para falar:

— Sou um cabra de poucas palavras... — Ele fez menção de entregar o microfone de volta ao diretor.

— EU TE AMO! — Melissa gritou, pondo-se de pé, tomada por uma emoção que ameaçava lhe arrebentar o peito.

Ele investiu no centro universitário para realizar o sonho dela. Ele apostou no sonho dela. Ele vivia junto com ela o sonho de ter uma carreira profissional sem perder a vida em família.

O silêncio recaiu no auditório.

Sante se voltou para encontrá-la na parte

mais alta da fileira de cadeiras ao fundo. Por um momento, ele apenas a admirou com um sorriso suave no rosto como alguém que reconhecia, em meio a estranhos, o amor da sua vida.

— Eu também te amo, Mel.

Sentiu o olhar da plateia sobre si, mas Melissa só tinha olhos para Sante.

Ele desceu do palco pela escadinha lateral e se encaminhou até ela.

À medida que se aproximava, Melissa sentia o coração bater mais forte, a garganta seca e uma vontade muito louca de chorar, chorar de emoção e de felicidade por conviver com ele, ser amada e amá-lo.

— Não sabia se lhe dava uma picafe ou algo mais importante que isso. — disse ele, tocando-a na face com o dorso da mão. — Entenda que preciso que fique na cidade comigo, mas também quero que se sinta completa.

— Você não vai se arrepender de ter apostado em mim. — falou, por entre as lágrimas.

— O que tá falando, moleca? Tem hõmi que dá iate e jatinho pra amada, e eu tô te presenteando com aulas de Psicologia, terá de ralar muito para

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguir o diploma, ninguém fará vista grossa para a sra. Ferrari. — Declarou, com ar divertido.

Ela encolheu os ombros com timidez. E, sorrindo de modo travesso, perguntou:

— E se a sra. Ferrari lhe der um presente também?

Sante desligou o microfone.

— Se é sacanagem, agora pode falar. — Ele declarou, baixando a cabeça para ouvi-la.

Melissa falou numa voz embargada:

— Tô grávida.

— O quê?

— Você me dá instrução, e eu te dou bebês. — Sorriu, em meio à emoção de vê-lo com os olhos cheios d'água. — Podemos continuar assim até eu terminar o doutorado.

Sante a abraçou e a beijou longamente.

O auditório veio abaixo em meio às palmas, assobios e gritos de *parabéns*, já que todos ouviram a conversa. Sante mexeu no botão errado do microfone.

Alguém filmou a declaração de amor que viralizou na internet.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a Autora

Janice Diniz é autora de livros de cowboy com mais de 20 milhões de leituras na internet.

Seus romances se encontram entre os mais vendidos da Amazon, desde 2014, nas categorias de Romance Erótico e Comédia Romântica.

É autora de “Cowboys de Santa Fé”, “Cowboys de Sacramento”, “Trilogia Garotas do Campo”, entre outros, todos como indie. E a série “Irmãos Lancaster”: Bruto e Apaixonado (Livro 1), Bruto e Seduzido (Livro 2), Bruto e Desejado (Livro 3) pela Editora HarperCollins/selo Harlequin.

É considerada como a “Rainha dos Cowboys Brasileiros”.

Redes Sociais

[OUTROS TÍTULOS DA AUTORA NA
AMAZON](#)

[Página da Autora no Facebook](#)

[Instagram da Autora](#)